ANNO XXVI — N.º 10
Rio, 5 de Março de 1932
PREÇO: 1$000
FON FON

...Insubstituivel

Assim como não se substitue a personalidade, assim tambem, pela pureza do seu fabrico, pela sua rapida e absoluta efficacia e por ser de todo inoffensiva, a

CAFIASPIRINA

é unica e insubstituivel.

Por isso é ella, no mundo inteiro, considerada

o producto de confiança

Allivia e cura promptamente todas as dôres, de cabeça, de dentes, de ouvido; nevralgias, enxaquecas, colicas de senhoras, etc., produzindo um bem estar geral.

Exija-se a emballagem original: tubos de 20 comprimidos, envelop-pes de 2 e discos de um comprimido.

O conto brasileiro

P A E

De Gilberto Veiga

POR detraz das collinas verdejantes, o sol vinha rompendo majestoso e bello. A passarada, aqui e ali, nas ramadas copadas, chilreava alegre como um bando de collegiaes em recreio. Um regato crystallino mansamente corria, fecundando ainda mais o terreno arenoso que o circumndava. Estuava a vida em cada galho. A natureza cantava em cada flôr. Em todo o seu apogêo a fecundidade se fazia sentir e a paz reinava absoluta sobre as coisas. Vida sã, vida alegre e cheia de sol, vida doirada, repleta da alegria de viver, de paz e de harmonia.

Chico Peroba, caboclo forte, trinta e oito annos de vida campezina e rude, vinha chegando, narinas dilatadas, peito largo a sorver com prazer o ar que lhe enche os pulmões fortes. A' bocca um grande cigarro de palha, na mão um "ferrão de boi", calças arregaçadas até os joelhos, pés descalços, camisa aberta ao peito, chapeirão de couro derreado sobre os olhos. Casado, na sua vida de homem de grande luta uma unica ambição quebrava a harmonia do seu espirito: crear a filhinha com um anno apenas de nascida, e educal-a. Dentro da sua rusticidade, tinha a visão do cultivo das faculdades que a natureza deu ao homem. "A minha filha ha-de saber ler", — dizia elle a quem lhe fizesse uma caricia nas bochechas rosadas. Consistia nessa a maior razão do seu viver e, depois, o amor fervoroso, cheio de veneração pela Martha, a mulher que "Deus lhe deu", e o fundo sentimento affectivo á sua "viola chorosa", como carinhosamente a chamava.

Era carreiro. Mal despontava do dia, mal surgia o sol pondo em correria as trevas que se dissipavam, elle vinha, habitualmente nos mesmos trajes ligar os bois pacientes á canga para o "arrasto", para a tiragem da canna, para a prosperidade do patrão e progresso da collectividade. A vida lhe corria como sempre: doze horas de trabalho rude e exhaustivo, uma hora de "queixas á viola", e a noite cheia de socego incumbida de refazer-lhe as forças para o dia seguinte.

Chico era o homem tido e temido como o mais valente daquellas redondezas. O patrão chamava-o "meu cabra" e dava-lhe confianças illimitadas. Elle, porém, não contava "bravatas" e acatava religiosamente as observações do "seu amo". Era docil a despeito de sua ignorancia, e tinha a percepção do dever sobre todas as coisas.

* * *

Um dia.... Maldito dia para o pobre Chico Peroba! Si não lhe houvesse raiado esse dia funesto! Si na "capoeira" uma cobra venenosa lhe sugasse a seiva, tirando-lhe a vida, elle sentiria bem menos em face da brutalidade de occorrencia tão monstruosa!

Após as horas de lazer, após um dia inteiro de labuta immensa, volta á casa e.... a sua surpresa foi alem do concebivel. Sobre uma tôsca mesa, jazia inerte, para todo o sempre, gelido e branco, o corpo da filhinha morta. A um canto, num soluçar terrivel, Martha, a sua companheira bôa dava expansão larga á sua dôr profunda. Elle, desvairado, recuou estupefacto ante o espectaculo que se lhe deparava. Sentiu uma dor extranha no peito, como si as fibras do seu coração se partissem umas após outras, como as cordas sensiveis de sua viola amada. As temporas dilataram-se-lhe ferozmente. Os cabellos eriçaram-se-lhe como caitetús a presentirem o perigo imminente. Os olhos turvos viam, apenas, immovel o corpinho daquella que fôra toda a fonte dos seus sonhos humildes. O horror tolhiu-lhe os movimentos, permittindo, apenas, que as mãos callosas e honestas fossem ao peito oppresso e de lá arrancassem, insensivelmente, um molho de pellos grossos. Um rictus de amargura intensa cavou-lhe a face em dois segundos. O sobrecênho cerrado; os dentes a ranger como um doido furioso; uma crispação horrorosa!

Passada a primeira impressão, deu dois ou tres passos vacillantes e se approximou da pequenita sem vida. Seus olhos relampejavam coleras tremendas. Alçou-a nos braços potentes. Elevou-a como si fôsse um passarinho á altura da Nossa Senhora dos Milagres pregada na parede sem pintura e, espumando como uma hyena, hediondo na sua furia, disse, no seu linguajar feroz: "Ah! não quizeste conservar minha filha viva; vaes pagar-me agora mesmo!" Pousou o anjinho novamente sobre a mesa e, num gesto forte, rude, brutal, monstruoso, rasgou em quatro, em cinco, em muitas tiras a imagem serena. Olhou em tôrno; tudo funebre esquisitamente pavoroso, profundamente escuro ante os seus olhos baços. Os quatro cantos da salinha humilde e asseiada eram dolorosamente tristes. Não havia para alegrál-a, como outrora, o riso daquella pequenita morta. Não havia a graça juvenil daquelle corpinho que ali estava inerte, nem a frescura das suas faces de coral. Tudo tinha acabado para o pobre e desventurado Chico!

Pendurada a uma argolla de metal polido, a viola muda parecia presa de uma dôr profunda. Nas suas cordas de aço, antes vibrateis e cheias de sons dulcissimos, tocadas pelas mãos másculas do Peroba, parecia se ter concentrado toda a grande catastrophe. O Chico, cégo de dôr, apanhou-a, fel-a vibrar dolorosamente e cantou, com toda a sua alma, com toda a sua amargura intensa e feroz, com uma angustia infinita, uma quadra sem nexo que era mais uma queixa aos céos infinitos. Em seguida, esfacelou-a de encontro a um banquinho rustico, sem o minimo dó da sua "companheira chorosa", confidente das alegrias de longos annos.

Seus olhos esgazeados estavam sêccos e brilhantes como uma tarde de verão. Suas orbitas dilatadas pareciam dois lagos profundos e tenebrosos. Seu peito arfava em convulsões angustiosas. Todo elle vibrava sob o peso da desventura indescriptivel.

Approximou-se, num arranco bestial, do corpinho frio, tomou-o nos braços tremulos e vigorosos, beijou-o muito, e, dando uma gargalhada nervosa, poz-se a correr por entre as sombras da Ave-Maria.

Estava louco.

REPONTAVAM no céo os tons claros da manhã sorridente. Desenhavam-se os contornos dos morros distantes, esgarçando-se o manto de neblina que os envolvia aos primeiros reflexos de oiro do Sol-Rei. O ruido do comboio, que avançava celere, ia como que despertando os lares adormecidos. Succediam-se as vivendas na variedade de suas architecturas, no contraste de suas fachadas. Iamos penetrando no recesso

PETROPOLIS

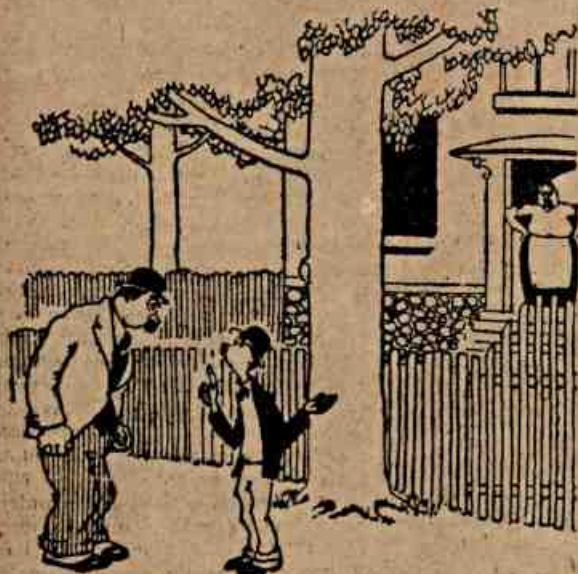
da terra fluminense. Uma planicie immensa, verde; um trecho de estrada, — um pantilhão, tendo lá em baixo, esparsos, blocos colossaes de pedras; a matta, como que suffocando o gigante audaz que o atravessava; uma curva pronunciada da estrada; a visão do que ficava e do que ainda meus olhos contemplariam, tudo deixava em meu espirito uma sensação de bem estar, de prazer intimo. Chegavamos a Petropolis — cidade dos sonhos.

A amenidade do clima, n'aquellas altitudes, o primeiro contacto com a verdade deliciosa da terra serrana uma poeira fina, imponderavel, ligeiramente humida, accentuavam a minha admiração.

Já os flordes adoraveis que se entrecruzavam nas alamedas — as petropolitanas —, vinham dar uma côr viva e elegante á cidade que eu começava a amar.

Levou-nos um "tramway" á igreja. Seria a oração — conselho que nos legou o Senhor — a nossa saudação primeira a Petropolis. Ao sahirmos, a manhã vestida de luz, de esplendor, nos convidava a um passeio á "Cascatinha". Linda perspectiva: Lá em baixo, na pequena faixa de terreno plano, as casas brancas, a fabrica, os operarios que deixavam o labor matutino, a igreja alvejando ao sol. Subindo a serra, n'uma ansia de vencer, engalanando-a toda de verde, a matta. Quasi no topo da serra, em alguns pontos, como riscos avivados, os sulcos deixados pelo filete de prata que, no ultimo inverno, desceu pelas encostas tenue, quasi imperceptivel, se metteu pela mattaria, assicolou, para depois resurgir, expandindo-se dando com outro um volume d'agua que, captada, é aproveitada efficientemente. E' vasto e bello o panorama. A serra fechando os horizontes na sinuosidade dos seus conto[rnos] na extravagancia de linhas circumdand[o o] logarejo, dava a im[pres]são de querer subju[gal-o], jogando-o ao esqueci[men]to n'aquella parage[m iso]lada. O sol — divis[o]rio de belleza — tou[cava] de luz aquelle rec[anto] como um noivo que n[o] alvorecer do seu a[mor] cantasse a alegria d[a] vida.

Voltando, passamos [pe]la avenida Koheler. [Re]via eu, nas alameda[s si]lenciosas, no ca[nal] remançoso relembra[ndo] um barqueiro que o p[er]corresse em tempos p[as]sados, notando uma a[r]querida, nos palac[ios] luxuosos, nos "bu[nga]lows" de sonhos, jardins deliciosos, pouco do que nos Afranio Peixoto na "Esphynge". Paulo Lucia passavam des[...] os meus olhos e os [...] novamente alli, na [...] surreição do amor [...] os empolgara. Poder [...] impressão, da saud[ade] dos momentos feliz[es] Continuação do meu [en]levo. Olhos contempl[ati]vos votados á espera[nça] que brincava em ca[da] ramo baloiçante, em [ca]da coroll'a orvalhada [...] beijo da manhã espl[en]dente.

Ia o nosso "auto-om[ni]bus" pela estrada, d[ei]xando á sua passage[m] uma nota alacre. [De] quando em quando, at[ten]dôa-nos uma visão d[e] belleza. Ora são column[a]tas afogadas no ver[de] dos musgos, bizarras d[is]posições de arbusto[s] ovaes, circulares pyr[a]mides; ora são os "bu[n]galows" com as fachad[as] engalanadas de trepade[i]ras-rosas, n'uma pintur[a] adoravel e nova. Toma[n]do uma volta da estrad[a] divisámos a *Independen[]cia*; Pareceu-me log[o] não haver arrogancia n[a] denominação, porque [na] verdade que se sent[e] alli, a liberdade da nat[u]reza. Na esplanada d[o] terreno, ergue-se um[a] casa de pasto. Circula[m] á entrada, filas de ho[r]tencias. Hortencias bra[n]

—Ouse chamar-me uma vez de cretino, e verá si eu não grito por minha mulher !...

Cidade dos Sonhos

cas symbolizando pureza, hortencias azues indicando o alto. Para longe esbatendo-se na distancia, o perfil da serra denteando o horizonte. Há uma baixada immensa, coberta de vegetação, formando socalcos; e depois, alteia-se o terreno, sobe, vae até as grimpas, os visos, que terminam como pontas de lança, que quizessem espetar a immensidade do azul. Descendo uma ribeira, fomos dar ao riacho que fluia perto, sem rumor. A agua clara, transparente, franjava-se de ondas ligeiras ao contacto das nossas mãos. E essas ondulações tinham um como rythmo admiravel.

A voz da Natureza era mansa tal um carinho n'aquelle recanto de paz. Apanhámos flores sylvestres, que exalçavam a simplicidade do logar, e colhemos hortencias, amores-perfeitos, ramadas de rosas brancas. A palavra humana, alteando-se, era um eco novo que percutia alli. O céo azul, desmaiado, translucido, traduzia o silencio religioso que dava a illusão de um jardim paradisiaco áquelle recanto. Silencioso adoravel, que deixava n'alma a impressão de um sonho...

Estirava-se para o occidente, em illuminuras de fogo a se extinguir, o disco glorioso do sol. Uma luz tenue, doce, morena beijava a tarde avançada. Nenhuma flor a se mover. Silencio. Adormecia a terra serrana no esplendor de uma miragem. Uma pedra, grande, posta á distancia da estrada, era uma sombra que só a vista attenta precisava. Voltavamos com o sorriso nos labios, falando baixinho, como religiosos que ciciassem preces, para não quebrar o encantamento da tarde.

A alma bebia toda a belleza serrana com a avidez dos incontentados.

Recendia deliciosamente o odor das flores. A superficie lisa de um pequenino lago, onde um batel abandonado falava do passado, áquella hora indecisa do crepusculo, trazia uma saudade bem accentuada.

Reviamos noivos que, na plenitude do seu amor, ali se houvessem refugiado, fruindo a maior ventura, e, esquecido da vida, na chimera de um sonho lindo, se alassem para o céo ao hymnario dos seus corações exultantes de felicidade. Dobravam-se os ramos sobre a agua parada. Distanciavamo-nos e ainda tinhamos nos olhos aquelle batel, aquella agua, aquella phantasia da tarde.

A uma curva do caminho, linda, branca, petulante na aspereza de um declive, uma flor pompeava entre o verde da ramaria. Do nosso grupo destacou-se uma joven que, num desafio, sorriso aos labios, offereceu o coração a quem colhesse a flor. Rimo-nos da idéa feminina e lá deixámos intacta, heraldica, a gloria da natureza.

Voltamos, tendo nos olhos toda a visão da majestosidade natural petropolitana.

Fôra um dia de felicidade que ficava no livro da nossa existencia.

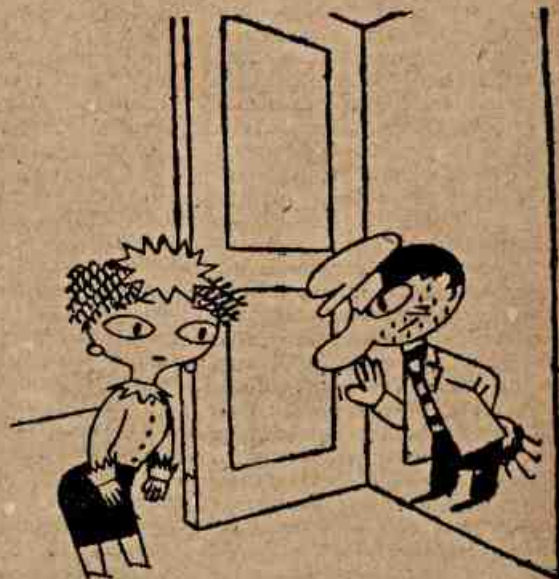
Pontilhavam as lagrimas do céo — as estrellas, o manto da noite. Traziamos um punhado de cravos roseos e vermelhos, como ultima lembrança d'aquellas horas de serenidade e belleza. Os roseos diziam das nossas emoções, os encarnados da impressão que nos ficava.

Um dia de felicidade gozada elevava o meu coração, no sonho grandioso de um ideal de belleza, no enternecimento de um bem divino.

Evocando, agora, as sagradas emoções, que passei eu vejo Petropolis emergindo dos seus jardins como uma flor de felicidade, extasiando com a sua magnificencia, embriagando com o seu perfume, attrahindo com a sua velludosa roupagem tecida de petalas.

Olhos cerrados na adoravel illusão de uma escalada maravilhosa, eu me transponho áquelle santuario de belleza. E revejo tudo. E me exalto. E me extasio. Abrem-se-me os labios n'um sorriso de bemaventurancia.

O' Petropolis do Sonho e da Belleza, tú renovaste a minha esperança, que tem o clarão das alvoradas e o fulgor das esmeraldas do meu sonho do meu lindo sonho de felicidade.

ALBERTO SOARES

— O patrão está?
— Sim.
— Então voltarei outro dia...

O castigo

QUANDO a porta se abriu e appareceu o filho de Max Rogers, mudou a cara de de preoccupação e aborrecimento do official de policia secreta. O rancor para os outros não existia no peito do velho chefe dos detectives quando se achava em companhia de seu filho. De maneira que, quando foi ao encontro do recem-chegado e apoiou na sua ampla costa a mão affectuosa, esqueceu momentaneamente a ameaça do detective Jim Maggiore.

— Orgulho-me de ti — disse Max, com voz forte. — Demoraram em retirar-te do uniforme e da ronda. Mas, afinal, te passaram para a policia secreta, e isso é uma promoção que promette outras.

O moço sorriu. Era singularmente attrahente o sorriso que lhe illuminava o rosto sympathico. E notavel era a differença dos olhos do pae e os do filho: o joven sorria com os seus, emquanto os do pae possuiam um brilho agudo, uma expressão de dureza fria. Mas nunca, em seus vinte e cinco annos, Eddie Rogers notára essa implacabilidade. Sem duvida porque Max fôra sempre, para elle, pae e mãe ao mesmo tempo. E talvez porque o intenso affecto do velho para seu filho se assemelhasse, ás vezes, á idolatria.

Logo que rapaz se retirou, o rosto de Max recuperou sua expressão de maldade, e elle dirigiu um olhar rancoroso para a porta que separava seu gabinete do de Jim Maggiore.

No mesmo dia em que Max Rogers teve noticia de que seu filho ia ser promovido á policia secreta, soube quasi com certeza que o novo chefe tinha o proposito de transferil-o tambem e pôr em seu logar Jim Maggiore. Certamente, elle, Max, era já velho para funcções tão activas,mas não deixava de pensar em que si Maggiore fosse um homem menos competente, menos dedicado, não se lembrariam de realizar essa mudança. E por isso odiava Maggiore com um odio profundo, sem razão, pessoal. E Rogers, possuia em alto grão a faculdade de aborrecer uma pessôa além de todo o limite razoavel, e perseguil-a com um rancor tão constante e implacavel, que lhe valêra o sobrenome sinistro de "Max o Negro".

O sargento de guarda entrou rapidamente no gabinete de Rogers, cumprimentou-o e informou concisamente:

— Está occorrendo alguma coisa de anormal no Hotel Madison, senhor Rogers. Um hospede trancou-se em seu quarto, e se pôz a gritar. Está furioso. O empregado do hotel suppõe que se intoxicou com cocaina. Não quer sahir. Ameaça abater a bala aquelle que tentar penetrar no quarto. O gerente do hotel não deseja que vão agentes fardados. Receia que prejudique a reputação do hotel. Pede que sejam enviados investigadores.

Max Rogers despediu, com um gesto, o informante. Apertou o botão da campainha. Attendeu ao chamado o detective Jim Maggiore.

Maggiore era um sympathico typo de homem: alto, delgado, de negros olhos vivos e perscrutadores.

— O senhor chamou?... — perguntou, respeitosamente, ignorando a envenenada malquerença de seu chefe immediato.

Rogers explicou o que occorria no Hotel Madison, e disse-lhe, serenamente:

— Vá prendêl-o, Maggiore.

O rosto do subordinado não se alterou. Jim passou ao gabinete contiguo, deixando a porta aberta, e tirou de um cabide o cinto com a bainha do revolver. Tranquillamente, puxou a arma de sua bainha. Era um bello mecanismo de aço azul. Maggiore examinou detidamente o revolver e tornou

a collocál-o em sua bainha e, em seguida, o cinto no cabide. Cumprimentou o chefe:

— Muito bem, senhor Rogers. Irei immediatamente.

Maggiore retirou-se do gabinete, por um instante. Rogers sabia que elle ia ao quarto de vestir buscar o sobretudo e o chapéo. Mas Rogers pensava intensamente em outras coisas. Ia ser transferido pelo facto de Maggiore ser um homem mais activo. Si Maggiore desapparecesse, o deixariam em seu logar, pelo menos durante os primeiros tempos de serviço de seu filho. Não só detestava Maggiore. Não tinha escrúpulo nem piedade. Passou ao outro gabinete e retirou o revolver do cinto de Jim Maggiore. Com movimentos rapidos, tirou todas as balas da arma e tornou a collocar esta, descarregada, em sua bainha.

Um instante depois, Maggiore regressou. Pôz o cinto, verificou si o revolver sahia perfeitamente da bainha, e rapidamente deixou o gabinete.

Max Rogers conhecia o genio de Jim Maggiore e previa o que haveria de occorrer-lhe. O detective puxaria o revolver, arrombaria a porta e penetraria, disposto a fazer fogo, no aposento do louco furioso. Penetraria no aposento com o revolver descarregado...

Max Rogers não experimentava nem sombra de remorso. Seus olhos tinham esse brilho frio e penetrante que seu filho não conhecia. Na realidade, se sentia diabolicamente satisfeito comsigo mesmo.

Vinte minutos depois, Max Rogers sahiu de seu gabinete para ter uma entrevista com seu chefe. Na porta do gabinete deste, se encontrou com Maggiore. Rogers franziu o cenho.

— Que está fazendo aqui, Maggiore? — perguntou. — Julgava que já tivesse sahido...

— O chefe mandou chamar-me quando eu sahia, e ordenou-me que não me occupasse do caso do Hotel Madison. E até agora me reteve em seu gabinete, de maneira que não pude avisar ao senhor.

— Hein?! Entretanto, aquelle louco deve estar fazendo das suas no Madison.

— Não, senhor Rogers. O chefe mandou seu filho para prendêl-o.

— Eddie?! ...

Max Rogers moveu a cabeça. E proseguiu:

— Si o rapaz ainda não sabe enfrentar uma situação como essa! Será capaz de precipitar-se no quarto do louco e... nem siquer levar arma!

— Isso não, senhor Rogers — tornou Maggiore, amistosamente: — eu emprestei-lhe meu revolver...

Max Rogers ficou olhando-o sinistramente. Seu odio augmentava. O terror e uma angustia immensa eram fogo que alimentava o odio terrivel.

— Seu revolver?... E você empresta suas armas?...

— Senhor Rogers... foi em presença do chefe. Elle nos deu instrucções.

— Que lhes disse?

— Autorizou-me a emprestar meu revolver a seu filho, a quem indicou como devia agir.

— Pois é isso o que quero saber. Que disse elle a meu filho?

— Que abrisse a porta, enfrentasse o louco com seu revolver e fizesse fogo si o outro quizesse atacál-o...

Nesse momento, o sargento que déra a primeira noticia se apresentou de novo. Seu rosto estava pallido.

— Senhor... avisam que a arma falhou...

Max sabia o que significava aquillo. Quando falha a arma de um policial, quasi nunca elle fica com vida.

Viu, nesse momento, que seu egoismo deitára tudo a perder. Seu filho morrêra certamente nas mãos do louco. Elle não esqueceria nunca que tudo occorrêra por sua culpa e sobretudo porque o resultado final não passava de um castigo do destino para seu pobre egoismo.

Octavio Roy Cohen

Raymundo Moraes — PAIZ DAS PEDRAS VERDES — Civilização Brasileira Editora — Rio — 1931 — 8$

ABRINDO o livro com *Oração á Mocidade*, o sr. Raymundo Moraes explica as razões da obra.

"O *Paiz das pedras verdes* é, antes de outra coisa, um livro de suggestões, possivelmente capaz de animar alguns espiritos a exames mais profundos, e, certamente, com finalidade necessaria para convocar os moços a uma justa em pról da nossa gente e da nossa terra. Tocando em muitos assumptos merecedores de graves analyses, é natural que eu aspire sacudir, numa cotovelada regional, as intelligencias dormentes ou, pelo menos, mal despertas, envolvendo-as num alegre torneio de reivindicações.

"No ligeiro balanço aberto no texto do *Paiz das pedras verdes*, feito com a penna leve e despretenciosa sobre a selva e sobre as aguas, sobre a gleba e sobre o homem, constatam-se, por uma visão reflexa dos geólogos, os dias anuviados de hontem; e, por observação directa dos coesos, os dias luminosos de hoje. Invoca-se a geographia morta, entrevista e recortada pelos genios no fundo cinzento dos horizontes, do mesmo passo que se vislumbra, na claridade radiosa das manhãs correntes, a geographia agitada do momento.

"E, si, de facto, aqui se fala na belleza ornamental perdida nos modelos ceramicos da nossa archiavó tapuia, mestra admiravel e commovida de artes plasticas, tambem se fala na civilização a que attingimos fulgurantemente agora dentro dos muros citadinos das capitaes do Pará e Amazonas."

As palavras acima esboçam a intenção do autor, um dos nossos maiores paizagistas da região Amazonica.

Raymundo Moraes já conquistou logar de destaque entre os grandes vultos da nossa literatura.

E' mesmo a mais bella expressão das letras do extremo Norte, onde surgiu victorioso com o livro *Na planicie amazonica*.

O presente volume, obra de maior folego, ficará para sempre incorporado ao nosso patrimonio literario. Os themas explorados são attrahentes, e todo o volume está repleto de gravuras interessantes, principalmente referentes á ceramica marajoara.

Um grande livro!

Oscar Clark — HYGIENE ESCOLAR E MEDICINA PREVENTIVA — Rio — 1931

O Professor Oscar Clark, docente de clinica medica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, é um estudioso de renome universal, cuja dedicação á sciencia de Hyppocrates não encontra limites, nem, talvez, competições numerosas. *Hygiene Escolar e Medicina Preventiva* é o titulo do seu novo trabalho, série brilhante de suggestões apresentadas pelo illustre clinico e mestre de medicina ao director de Instrucção. O professor Clark chefiou, durante algum tempo, com rara efficiencia, o serviço de inspecção medico-escolar do Districto Federal, que lhe deve reformas utilissimas e a creação da primeira Clinica Escolar do Rio de Janeiro (Clinica do 8.º Districto, que recebeu o nome de "Clinica Oscar Clark" em homenagem ao seu fundador). Com essa *plaquete* do prof. Clark, attinge a 171 o numero de monographias de literatura medica devidas a esse eminente brasileiro.

Myriam Catalany — O CASAMENTO IMPOSSIVEL — Editora Guanabara — Rio — 4$

MAIS um interessante volume da collecção denominada *Bibliotheca feminina*. O romance sentimental de duas vidas, cujo epilogo está num casamento considerado impossivel. O trabalho material é excellente. A traducção, confiada a Mario Sette, é primorosa.

Pierre Loti — AZIYADE — Editores Flores & Mano — Rio — 1932 — 5$

OS editores fizeram bem em confiar a traducção de *Aziyadé* ao espirito culto de Jorge Jobim. Só assim poderão os leitores sentir a belleza da obra de Loti, através da lingua portugueza. O trabalho do escriptor-marinheiro é bastante conhecido, dispensando qualquer elogio.

Principe Yossupoff — COMO MATEI RASPUTINE — Liv. Globo — Porto Alegre — 1931 — 5$

NESTE volume, sobre os tragicos acontecimentos ligados ao reinado do imperador Nicolau II, o autor procurou restabelecer a verdade historica, apontando factos que contribuiram para a quéda do throno da Russia.

A figura terrivel de Rasputine é desenhada com côres vivas pelo principe, que tomou da penna para legar-nos um livro de impressionante realismo.

Joseph Douillet — MOSCOVO SEM MASCARA — Liv. Globo — Porto Alegre — 1931 — 5$

DOUILLET é belga, passou trinta e cinco annos na Russia (de 1891 a 1926), fala o russo, e affirma conhecer a fundo o paiz dos soviéts. Viu, registou os movimentos da revolução communista, e escreveu o livro *Moscou sans voiles*, cuja traducção ora apparece, na lingua nossa. Trata-se de uma obra de combate ao communismo, porém, que desperta limitado interesse.

Eurico da Trindade — ALAMEDA DO SONHO — Typ. Guimarães — Bello Horizonte — 1931

ESTE volume, contendo 64 composições, é precedido de uma carta-prefacio de Augusto de Lima.

Cá está na carta ao autor: "... li os seus versos e os senti sufficientemente para dizer-lhe que são bellos e dignos de larga publicidade, para que as almas áridas de emoção esthetica os possam sentir tambem. Concordo com as suas idéas sobre a Arte, e os seus versos demonstram, no fundo e na fórma, a sua decidida vocação literaria. Quem escreve sonetos como os do seu livro, não deve jamais abandonar essa moldura, em que cabem todos os movimentos da alma, e de quem o velho Boileau já dizia valer por si só um poema.

Louvo-o por isso e espero lêl-o muitas vezes em sonetos iguaes a esses."

Si Augusto de Lima, um dos maiores poetas da nossa lingua, diz que leu o seu collega e gostou, é que os versos prestam.

Em todo o caso, os leitores de FON - FON têm o direito de emittir o seu juizo, lendo, por exemplo o soneto *A verdade*.

Linda, a manhã, de sol coroada, espalha
bençams de luz, em mystica attitude,
qual santa generosa que não falha
de trazer gaudio, paz e dulcitude.

E a terra toda, em festas, agazalha
alegria, sorrisos, pulchritude.
Gloria áquella que, em vivida batalha,
venceu das trevas o dominio rude!

Envolve a terra a noite da mentira,
mãe do crime, da infamia, da injustiça
monstro a que apenas o perverso admira.

Mas logo, aurora que esplendor contém,
surge a verdade, impavida, na liça,
vencendo o mal e enaltecendo o bem.

Antigamente, corria mundo, esta verdade: *poetas por poetas sejam lidos*, tendo alguem accrescentado: *e entendidos*...

Hoje, toda gente percebe essa coisa de versos. Depois então da escola *futurista* (será que existe?), todos nós somos mais ou menos poetas.

Porém, só as decididas vocações literarias escrevem sonetos, como acontece com o autor de *Alameda do sonho*.

Assim fica entendido, salvo si o illustre prefaciador vier declarar que a carta é realmente sua, mas não foi escripta para ser publicada.

Armando Quesedo — A ARTE DE CONQUISTAR AS MULHERES — editor A. Coelho Branco F.º — Rio — 1931 — 4$

MEDEIROS E ALBUQUERQUE apparece prefaciando este *tratado elementar theorico e pratico do D. Juanismo*, o que basta para recommendar o livro. Mas, coisa singular, a linguagem de Armando Quesedo tem o cunho caracteristico da de Medeiros, scintillante, inconfundivel...

Como ninguem sabe da existencia de Armando Quesedo, somos forçados a uma unica conclusão: o autor vive apenas na imaginação do prefaciador.

Pelo dedo se conhece o gigante... Agora, com o que não atinamos, é ter Medeiros fugido á responsabilidade da autoria de uma das mais formidaveis *charges* literarias até hoje publicadas, acerca do amor das mulheres...

Será porque o livro deve ser lido sómente por homens?!

Excellente *tratado*!

John Buchan — O PROFETA DO MANTO VERDE — Liv. Globo — Porto Alegre — 1931 — 6$

TRADUCÇÃO de Marina Guaspari, do original inglez *Greenmantle*. Trata-se de uma obra curiosa, através da qual o leitor divisa um desfilar dramatico de comparsas da grande guerra, de episódios da espionagem ingleza e allemã, de segredos desvendados, surgindo, dentre a implacavel fatalidade da vingança, do sangue e da morte, a figura de uma mulher desconcertante, diabólica e terrivel.

Paulo Gustavo — POR AMÔR AO MEU AMÔR — E. Graph. Editora — Rio — 1932 — 6$

EM setembro ultimo, tivemos occasião de assignalar o apparecimento deste lindo poema de ternura, prevendo o successo do livro de Paulo Gustavo.

Enaltecendo a feição romantica do poeta e a qualidade da sua producção, apenas fizemos côro á critica unanime, que consagrou o autor de *Divina Amargura*.

Mais cedo do que era de suppôr, apparece a 2.ª edição de *Por amôr ao meu amôr*, e isto revela que o publico dispensou merecida acolhida ao formoso livro de Paulo Gustavo.

Pierre Véry — O TESTAMENTO DE BASIL CROOKES — Liv. Globo — Porto Alegre — 1931 — 4$

TRATA-SE de uma obra julgada, pois obteve o autor o *Grand Prix du Roman d'Aventures*, em 1930, ao publical-a. No genero é, realmente, um trabalho interessante, apparecendo bem traduzida por J. de Souza.

UMA HORA TORMENTOSA

DE ETTORE STRINATI

UM pouco pállida e triste, Sylvia Leandri se aborrece em sua linda salinha, onde, pelas duas grandes janellas, penetra uma escassa luz cinzenta, muito escassa e muito cinzenta, pois ainda não são seis da tarde. Mas o céo está denso de nuvens e, si não chove ainda, se adivinha que a chuva é imminente.

Resolve não sahir. Mas, ao se afastar da janella, vê alguma coisa que a surprehende: a baroneza Hortencia de Acri, que desemboca apressadamente por um caminho divisorio, coberto, isto é, margeado, sombreado, como que opprimido por grandes arvores: o caminho que conduz em linha recta o pavilhão chamado des armes, refugio preferido de Mario Leandri, o marido de Sylvia.

— Como é possivel que Hortensia chegue dali?

Sylvia deixou immediatamente a janella, para não ser vista. Ansiosa, continúa olhando através dos crystaes. Está perturbada, pensativa, commovida. Experimenta uma sensação de frio repentino quando o criado, poucos instantes depois, lhe annuncia que a senhora baroneza de Acri deseja entrar. E, quasi suffocada pela emoção, responde:

— Ah! Que entre immediatamente.

A baroneza Hortensia, de Acri detém-se no humbral, tambem agitada. Sylvia não vae ao seu encontro: permanece no outro extremo da salinha, rigida olhando fixamente, um momento, a visitante. Depois, se domina, e fala:

— Bôa tarde, Hortensia Como estás?

— Bem — responde a intrrogada, avançando. — E tu?

— Regular. E' uma surpresa, tua presença. Ainda não te devolvi tua ultima visita, que data já de tres mezes...

— Talvez mais. Entre nós, porém...

— E voltaste. Como és bôa!... O tempo está um pouco frio, não é verdade? Como estás... cansada... offegante! Dir-se-ia que correste...

A observação, marcada por evidente ironia, fere a visitante, que já ia sentar-se e que, no emtanto, dá alguns passos para a amiga, que se mantém immovel e distante.

— Receei a chuva — responde. — E me apressei um pouco

— Daqui, te vi lá em baixo, no jardim.

— Ah! Sim? Detivéra-me um pouco a olhar aquellas esplendidas rosas...

— Quaes? Onde?

— Lá em baixo, perto... perto da cancella de entrada.

— Ah! Suppuz que fosse noutro logar.

— Por que?

— Porque te vi sahir por baixo do caminho coberto.

— Enganas-te!

— E' inutil que o negues. Vês? Tens ainda em teu vestido espinhos e folhas que reconheci immediatamente, por inconfundiveis. E' estreito, o caminho, e não ha rosas nelle...

Um silencio. Depois, outra fria interrogação de Sylvia:

— Que foste fazer ali?

— Oh, que vontade de complicar as coisas! Entrei um minuto, por simples curiosidade...

Sylvia vibra toda, e sem levantar a vóz, mas pronunciando suas palavras com uma altiva e gelada firmeza:

— Bem sabes que não sou nenhuma tola! Pretendes troçar de mim? Ha mais de tres mezes não te pago tua ultima visita; e tu, sem ter-me dito nada mais, me appareces hoje aqui, em uma tarde tempestuosa, depois de haver passado pelos logares menos accessiveis do jardim... Que ha, pois, de novo?

— Não crês que eu tenha vindo na confiança de que se dissipe algum malentendido, si é que existe?...

— Não o creio.

No emtanto...

— Deixa me! Conserva-te longe: será melhor... Afinal de contas, o que não dizes, eu o sei, o adivinho e terei as provas mesmo teu concurso. Vae-te! Adeus!

A baroneza retorce as mãos, como presa de terror. Balbucia:

— Não posso ir... Salva-me!

Abandona-se, quasi exhausta, em uma poltrona. E um dialogo rápido, estranho, afanoso, se desenvolve entre as duas mulheres.

— Queres que eu te salve?

— Meu marido..., dentro de um momento...

— Continúa! Teu marido?

— Chegará.

— Onde?

— Aqui.

— E por que?... Fala!... Não queres que elle te veja?

UMA HORA TORMENTOSA — (Continuação)

— Escuta, eu te supplico... Escuta... Eu venho do...

— ...do pavilhão: comprehendi.

— Tive um momento de loucura, e cedi ás insistencias de... um amigo de teu marido..., a quem elle deu, por hoje, a chave do pavilhão...

— De maneira que estavas ali... com um amigo de meu marido?

— Juro-te!

— Hypocrita!

— Juro-te!

— Mas si sabes muito bem que todos te consideram amante de meu marido...

— Não é verdade!

— Dize-me ao menos quem é... o amigo com quem hoje...

— Bem, escuta...

A baroneza está cada vez mais impaciente, nervosa, agitada. Continúa:

— Escuta a verdade, a todo custo... Ha muito tempo que eu ardia do desejo, bem o sabes, de ver a coleção de armas antigas... Hoje, suppondo que tu tambem... te encontravas ali..., tu tambem...

— Ah! Sim?

— Não me crês?

— Esforço-me..., esforço-me...

— Pois deves crer-me: é a verdade.

— E como póde ser que teu marido tenha suspeitado?

— Elle é... é...

— Si fosse a primeira vez, como poderia sabêl-o?

— Talvez... alguem...

— Queres alguma coisa de mim?

Sylvia, que não deu tregoa a sua interlocutora, com ferinas interrupções, agora se sentou, tremula de raiva e de angustia. Fala novamente, com accentos de desprezo, de repugnancia, de ameaça:

— Confessa de uma vez. Confessa tudo. Até os menores detalhes. Vês como eu guardo bem dentro de minha alma a cólera e o asco: quero ouvir-te descrever tua bella aventura.

Hortensia tem um movimento de rebeldia, e levanta-se, dizendo:

— Aproveitas-te indignamente de tua situação...

— Em absoluto! Si preferes calar, vae-te!

— Vingas-te!

— Talvez. E pensa que, por mais longo que seja o caminho divisorio do parque, si é esse o que o barão segue, para chegar aqui, se percorre em um quarto de hora.

Um momento de tragico silencio. A baroneza cahiu de novo na poltrona, soluçando de despeito e de terror. E como Sylvia a olha, esperando com um triste sorriso, ella narra, detendo-se a cada phrase, vencida pela raiva e pela vergonha, dominada pela resolução implacavel da rival:

— Ouvimos bater á porta do pavilhão... Através de uma abertura, pudemos observar... Era elle, o barão..., e meu pae... Bateram de novo. Depois, meu marido, agitadissimo, disse a meu pae: "Si o senhor ficar aqui, ninguem poderá sahir por este lado... Eu vou á casa e fecho aquelle outro caminho. Ali falarei á senhora Sylvia..." Disse assim... Meu pae ficou fóra... O outro foi... Então, Mario..., teu marido, me abriu uma pequena porta interna do pavilhão e mostrou-me... o caminho coberto, dizendo-me: "Siga este caminho. E' muito curto e desemboca junto á cancella do jardim... Afaste-se..., interne-se no campo..."

— Ou "vae para minha casa..." — commenta a ouvinte.

A desventurada fugitiva não póde mais supportar. Extenuada, se humilha, e chora desoladamente.

Nesse ponto, se ouvem, do interior, confusas, ainda longinquas, após um rumor de portas, duas vózes: a do criado e a outra imperiosa.

A baroneza, que estava quasi de joelhos, se ergue, aterrada.

— Ahi está! — exclama.

E Sylvia, depois de um segundo de indecisão, tira o agazalho de cima de Hortensia e o chapéozinho da cabeça, atira-os sobre um movel e se dirige para a porta.

— Senta-te — diz sêccamente, em vóz baixa. — Senta-te. Adopta uma expressão tranquilla.

(Conclusão) — UMA HORA TORMENTOSA

O barão já está no humbral, de immediato contacto com Sylvia, que quasi lhe fecha a passagem. Atraz, no ponto opposto da sala, Hortensia se sentou, entretanto, e procura acalmar sua agitação.

— Póde-se entrar? — pergunta o cavalheiro.

— O senhor barão... — observa o criado, atraz do recem-chegado.

— Sim, estou vendo! — sorri Sylvia Leandri, depois de haver respirado profundamente. — O barão não precisa ser annunciado. Vá entrando. E tu, João, pódes retirar-te... Que pressa, meu amigo!...

— Perdôe-me... — diz o barão. Beija a mão de Sylvia e deixa escapar um suspiro de allivio:

— Sinto-o, verdadeiramente...

— Já vem roubar-me a minha visitante? Teremos que nos aborrecer com você, por essa tyrannia. Não é verdade Hortensia? Ainda tinhamos tanta coisa a conversar, hoje, que é dia de Paschoa...

— Paschoa? Como? Não comprehendo... — balbucia o barão de Acri, com voz desmaiada. — A Paschoa passou ha mais de dois mezes... Está pilheriando...

— Então não sabia?... Hortensia e eu tinhamos brigado, e estavamos estremecidas uma com a outra, embora por uma insignificancia...

— Ah, sim! Ouvira-o falar...

— Quem lho disse? Hortensia?

— Não. Ella não... Supponho ter ouvido... não me recordo de quem...

— Hoje, afinal, nos explicámos... Até chorámos um pouco... Era uma pena estarmos assim... Imagine que ella veiu... duas vezes, até a cancella, sem sentir-se com forças para entrar... E eu, na noite passada, na Opera, não saboreei uma só nota de *Falstaff* para olhar sua friza... Agora o gelo se desfez... Comprehende por que disso que é dia de Paschoa?... A paz, os abraços... Como no collegio... Não é verdade, Hortensia?... Quantas brigas e quantas reconciliações, cada semana!...

— E' verdade! — sussurra a baroneza, que, pouco a pouco, se vae serenando e sente que deve secundar de algum modo a forçada volubilidade de linguagem da dona da casa.

— Quer uma chávena de chá, barão?

— Não, obrigado... Estou com pressa. Tenho um encontro — responde elle, inclinando-se.

— Com quem? Com quem é o encontro? Queremos saber. Estamos enciumadas...

— Esperam-me... no club...

— De qualquer maneira, lhe agradeço o apparecimento.

— Sim... — ri o barão, com vóz trémula. — Um simples apparecimento. Como si... Era por... Bem... Tornaremos a ver-nos breve. Recommendo-lhe que não me mande muito tarde a baroneza...

— Não, não... Eu tambem já vou — disse Hortensia.

Sylvia entrega-lhe o chapéozinho e ajuda-a a pôr o agazalho. Aperta o botão da campainha. O criado apparece immediatamente. Abraços. Beijos... Phrases communs de despedida.

Depois que o casal sae, Sylvia olha em torno, pensativa, aniquilada, quasi estupefacta, incapaz de dar um passo com a garganta opprimida e o olhar nublado...

E assim vae encontrál-a, de pé, no mesmo logar onde a deixára momentos antes, a baroneza de Acri, que volta apressadamente e corre para ella, com os braços extendidos.

— Obrigada! — diz-lhe, com vóz vibrante de emoção. — Devo-te tudo. Pede-me tudo: até a vida.

— Vae-te! Vae-te, maldita!

Tal é a resposta da mulher enganada, que interpretou uma sublime comedia para salvar innocentes e culpados da deshonra e da morte, e que poude, finalmente, pronunciar a palavra sincera de sua dor:

— Vae-te, maldita!

Quando estava verdadeiramente certa de encontrar-se sozinha, toda a sua energia se dilúe na amargura de um pranto irreprimivel...

JUSTIÇA

NO fim do terceiro dia, Roger Mc Allister começou a desconfiar de Molly Doran. A principio, a ironia do destino, que confiára ás mãos da filha de Bill Doran a tarefa de tratál-o e devolver-lhe a saúde, não lhe affectára de maneira alguma. Roger Mc Allister não era homem que perdesse tempo em exames introspectivos, nem que cedesse ante remorsos.

— Logo que a senhorita Doran esteja desoccupada — annunciára-lhe o medico — a destinarei para tratál-o. Nunca deixou de alliviar nenhum enfermo de peneumonia.

O nome Doran nada havia significado para elle, então. Quando a enfermeira Molly Doran chegou para tomar posse de sua pessôa, tambem não soffreu impressão alguma. A joven era tranquilla e suave. Seu lindo rosto joven e sério chamou-lhe a attenção. Mas não fez reviver em seu espirito nenhuma outra imagem. No emtanto, com sua mente inconsciente de homem enfermo, sua imaginação procurava localizál-a nas scenas de seu passado.

— A senhorita é a filha de William Doran? — perguntou.

Molly Doran respondeu affirmativamente com um sorriso e um gesto.

Roger Mc Allister fechou os olhos. Pensou no banco. Havia vinte annos que era presidente do instituto de credito, desde Bill Doran...

Abriu os olhos, sobresaltado. Molly Doran, sentada não muito perto da cama, esperava, attenta prompta para attender a seu primeiro chamado.

— Lembra-se de seu pae?

Mais uma vez o ruido de sua vóz o sobresaltou. Pensava, e, de repente, seu pensamento se expressou em palavras, inconscientemente.

Molly Doran ergueu os olhos. E respondeu:

— Não muito bem. Eu tinha apenas cinco annos quando elle morreu.

Consultou o relogio:

— E' hora de tomar o remedio, senhor Mc Allister.

O enfermo pensava na casa em que a joven que tinha a seu lado vivêra uma vez. Elle era o convidado para jantar aquella noite. Taças de crystal de Murano, e rosas amarellas em uma grande jarra de prata. Ouviu novamente o riso franco de Bill Doran, viu os braços perfeitos de sua esposa... Recordou ainda:

Elle vestia, pela primeira vez em sua vida, um frack. Sentia-se muito incommodado e acabára tomando um gelado com um garfo... Ninguem pareceu ter notado sua falta. Elle não poude perdoar-lhes sua facilidade de acção no esplendido scenario. Talvez nesse momento tenha começado a odiar Bill Doran.

Abriu novamente os olhos.. A joven se parecia extraordinariamente com seu pae. Pensou, então, em Clia, sua propria filha: Celia, muito delgada e pequena, mas sempre esplendidamente vestida. Que poderia essa joven e ntra sua filha? Celia tinha um typo marcado, dinheiro e ambição. Ganharia na vida o que quizesse. Para isso era sua filha.

Molly Doran cobriu a luz com um véo.

— Procure dormir, senhor Mc Allister — disse.

Elle cerrou os olhos, mas seus pensamentos não o abandonaram. Não; de nada do que havia feito em sua vida se arrependia.

Neste mundo, o forte prevalece e o fraco morre. Essa é a regra. Elle havia esmagado varios outros. O caso de Bill Doran era commentado por ser o primeiro. Nada mais.

Lembrava-se perfeitamente do desplante de Bill Doran. Algumas pessôas tinham dado a esse desplante o nome de coragem. Mas elle pensava de outra fórma. Nenhum homem de vontade se suicida, mesmo que sua morte signifique garantir o seguro de vida para sua familia. E Doran fracassára nisso igualmente, pois a companhia se negou a pagar o seguro á viuva.

— Gostaria que lhe lêsse alguma coisa, senhor Mc Allister?

Veria ella em sua alma. Si assim fosse, poderia ter visto a imagem de seu pae, deante da secretária de Roger Mc Allister, com os hombros agachados, o peito agitado pelos soluços Oh! Elle podia têl-o salvo da bancarrota. Emprestando-lhe dinheiro por seis mezes, o teria feito. Mas, nesse caso, o Banco não conseguiria as acções do cobre a preço tão baixo... Aquillo foi a primeira coisa de real importancia que Mc Allister fizéra pelo Banco. Desde então, começára a elevar-se.

— O doutor Coleman ficára seriamente aborrecido si a temperatura tornar a subir.

Molly falou com vóz firme e convincente como a que usaria uma professora dirigindo-se a um alumno caprichoso.

— E' preciso que o senhor faça um pouco por seu lado, para ajudar o doutor Coleman em sua cura.

Nesse mesmo instante, o *temor* começou a nascer em sua consciencia. Lançou-lhe um de seus olhares de desafio e esteve na imminencia de articular, em vóz alta:

— Não preciso que uma filha de Bill Doran me dê conselhos!

Ella suavisou a expressão de seu rosto, e accrescentou:

— Dar-lhe-ei um pouco de leite morno, e o senhor dormirá muito bem.

Mc Allister, porém, não poude dormir. Hora a hora, seus olhos observaram os movimentos de Molly, e quanto mais a olhava, mais encontrava nella uma surprehen-

De Bernice Brown

dente semelhança com seu pae. Na penumbra do silencioso aposento de enfermo, pensou que o proprio Bill Doran se chegára a elle para vingar-se.

O doutor Coleman visitou o enfermo tres vezes, em logar de duas, no dia seguinte. Uma garrafinha, com uma etiqueta onde se lia a palavra *veneno*, foi collocada entre as muitas que se achavam sobre uma mesa.

— Terpina para o coração, que começa a enfraquecer — pensou elle.

Mas a idéa de que Molly Doran tentaria assassinal-o nasceu-lhe, então, no cérebro.

Desejaria poder lutar contra ella, embora não a sós. Era a primeira vez em sua vida que soffria por se achar isolado. Aquella observação constante ia vencendo-o. Duas vezes se recusou tomar a droga que o faria dormir, pretextando não necessitál-a, torturando-se com o esforço de parecer adormecido. Mas era necessario não perder de vista a garrafa de veneno. Noite e dia devia olhál-a. Noite e dia...

Ao chegar a setima noite de seu supplicio, Roger Mc Allister encontrou uma bôa opportunidade. Molly Doran descansava em um divan, a curta distancia da mesa dos remedios. Não se movia. Sua respiração era compassada e profunda. Elle esperou ainda um pouco. Depois, sobresaltando-se com cada ruido, se arrastou penosamente da cama. A cada passo, olhava o rosto da enfermeira adormecida. O ar estava frio e desagradavel. Mc Allister tiritava, mas não tinha tempo a perder. Não podia voltar, para apanhar um agazalho. Suavemente, chegou até a mesa e tomou a garrafa de veneno. Abriu-a e cheirou. Olhou-a e verificou que o conteúdo era um liquido incolor. Vacillou. O frio augmentava; seus dentes batiam como castanholas...

Apertou as mandibulas com furia, para evitar o ruido que faziam ao bater. Olhou de novo Molly Doran, que dormia. Seus cabellos negros se recostavam na nitidez da almofada. Aproximou-se. Aproximou-se da janella e derramou o liquido no pateo.

Encheu a garrafa com agua e collocou em seu logar. O tremor de todo o seu corpo apenas lhe permittia manter-se em pé. Que grande distancia entre elle e a cama! Mas agora era necessario não falar. Triumphára sobre a filha de Bill Doran. Ella pretendia assassinal-o friamente. Mas elle fôra mais vivo do que ella provavelmente imaginára. Em sua vida, em varias occasiões, fôra mais vivo do que muitos. Roger Mc Allister bastava-se a si mesmo. Elle podia sustentar-se... sustentar-se...

A's nove da manhã seguinte, Molly Doran preparou suas malas para partir.

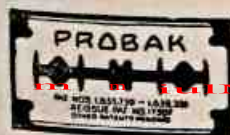
— Sinto muito o desenlace, doutor...

Seus olhos encontraram os do médico.

— Nunca até hoje morreu um enfermo de pneumonia confiado a meu cuidado...

Deteve-se. Em seguida, repetiu:

— Sinto muitissimo. Deve ser muito triste morrer tão só. Alem do mais, o senhor Mc Allister era amigo de meu pae...

— Minha noiva, que é entendida em botanica, disse-me que adorava as caryophyllaceas dicotyledoneas dialypetalas. Terá a senhora qualquer coisa que se pareça com isso?

LITA (?) — Aqui vae a sua pergunta:

"Seria possivel responder-me pela sua secção "Saibam Todos", a seguinte pergunta?

— *E' possivel haver ciumes em amor?*

Desde já agradeço e assigno-me.

— *Lita*"

A meu vêr, o ciume é a prova insophismavel do amor. Justamente porque o ciume é a sua alma, a sua essencia.

O amor é um puro euphemismo. Na realidade, o que existe só é o ciume. Porque este, reunindo em si, o sentimento de exclusivismo do amor, é toda a razão de ser do amor. O ciume absorvendo todas as energias da personalidade amorosa, e representando-as, ao mesmo tempo, numa integralização perfeita, não é mais do que a presença do amor, na sua plenitude.

E' possivel que haja amor sem ciume? Não o creio. Em todo caso, o facto é discutivel. O que, porém, é indiscutivel é haver ciume sem amor.

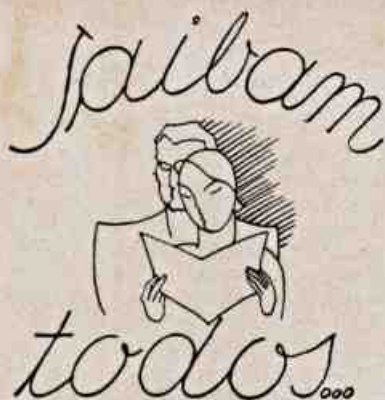
Emfim, como este é complicado não vale a pena definil-o de modo tão dogmatico.

Regnard disse: "Sans être un peu jaloux on ne peut être amant".

Será mesmo?

CHIQUITA (?) — Obrigado por tudo quanto me diz de amavel. O meu pseudonymo Yves foi extraido do romance francez "Mon frère Yves", de Pierre Loti. Em francez, a pronuncia é *I-ve*, — com *i*. E' assim que o pronuncio.

CARMEN (Capital) — Agradeço-lhe as palavras gentis do seu telegramma por occasião do meu anniversario.

RUDE V. (Alagôas) — A sua carta *é rude*... (pudéra!) mas

sincera e, por vezes, justa. Escreve o sr. com toda a sua franqueza:

"Yves: Você, em literatura, é terrivelmente mau. A sua pena parece um punhal agudissimo, furando as illusões dessa mocidade que, com uma infinidade de versos e contos, não o deixa descançar, um minuto siquer.

No entanto, apezar de tudo isso, você tem (longe de mim a futilidade de um elogio abajulador) um coração bom e amigo, pois que, o conheço pessoalmente e sei bem das suas virtudes.

Apenas, literariamente, você se mostra rispido, ferino, mordaz e ironico.

Todavia, deve-se reconhecer que a sua critica é sincera e que você tem um prazer feliz em poder auxiliar aos que começam e [illegible] metem.

Talvez me engane. Não o creio porem, porque... eu nem sei bem porque!...

E por isso, eu lhe não peço para você publicar o poema que junto a esta, porque sou muito pouco pretencioso e o escrevi, tão somente, para a sinceridade de sua opinião pessoal, a qual de qualquer maneira, lhe agradeço immenso.

Ad impossibilia nemu tenetur; creio ser assim a frase e acredito mesmo, que ninguem é obrigado a fazer o impossivel.

Aceite o meu abraço, como melhor lhe parecer. — *Rude Vilman*"

Agora a minha opinião rude e sincera: o seu poema "O que a gente lê nas suas mãos" demonstra que o sr. possúe sensibilidade e é capaz de realizar uma arte fina e elagante, dentro dessa feição feminina.

Entretanto, elle nada diz de novo, em materia de poesia moderna de arte nova, etc. Repete o que já se disse, sobre o thema de que se utilisou.

A estrophe abaixo é bem um exemplo disso. E' um simples jogo de palavras, preparado para o effeito das rimas — com aquella "trouvaille" pueril que se lê no ultimo verso.

Mãos que têm o perfume de um
[verso,
Suave e doce, pelo ar, disperso...

V. S. NÃO PODE DORMIR DURANTE O VERÃO?

Pertence V. S. áquelles que não podem gozar do verdadeiro descanso e conforto de um somno reparador durante o verão, que não podem conciliar o somno a não ser tarde da noite e que acordam antes da madrugada? Não se esqueça de que um somno calmo e bom é necessario nestes dias de calor. Os hypnoticos fortes podem ser bons, mas devem ser applicados com prudencia. Ha um remedio da propria natureza que póde ser applicado diariamente sem prejudicar de modo algum, que póde possibilitar ao seu organismo funccionar satisfatoriamente afim de que possa V. S. obter um somno tranquillo e natural e se ver livre do insupportavel cansaço durante o dia.

Este medicamento é o Sal-Miradium que contém o mais maravilhoso elemento da natureza, o Radium legitimo, em dosagem apropriada. Emprega-se tambem o Sal-Miradium no tratamento do rheumatismo, gotta sciatica, anemia, falta de appetite e prisão de ventre. Um vidro de Sal-Miradium, é sufficiente para um mez de tratamento e custa sómente Rs. 30$000.

Livre, bem livre, como um pas-
[sarinho.
Mãos transparentes ,onde a gente
[lê:
Todo o destino bonito de você.

Mas, não desanime. O sr. ha de vencer, porque revela grande dose de talento.

JULIA (Capital) — Uma carta lilaz em papel de linho fino e perfumada. Hum! Isso é raro — nos magros tempos de hoje.

Antes de tudo, devo dizer que a sua letra me fascina. A' luz da graphologia, revela um bonito caracter. Depois... Depois, são os termos em que se expressa — de modo tão captivante.

Diz V. Ex:

"Yves, Já tinha perdido a esperança de receber uma resposta á minha consulta sobre a grammatica, quando no Fon-Fon de sabbado de carnaval, encontrei a sua attenciosa resposta. Venho pois apresentar-lhe os meus melhores agradecimentos pela gentileza com que acolheu o meu pedido.

Yves, eu não sabia que as pernambucanas tinham fama de sovinas, a ponto de V. achar que uma que compra o seu livro de versos merece ser canonisada, como Jeanne d'Arc... E' verdade que esta primeiro foi queimada viva... Mas V., Yves, sabe perfeitamente que os seus versos não são *mediocres*, sabe que são suaves, sentimentaes, lindos, lindos, porem V. é humano e gosta de ser apreciado e elogiado — e quem não gosta ,dirá você — com toda razão.

Comprei hoje o seu livro "Uma garçonne Carioca"; não se assuste, eu não sou uma "jeune fille" innocente... Já li a "Garçonne" do Marguerite e portanto o seu novo livro não me poderá fazer mal; espero até que faça bem. Eu já amei e soffri, o seu livro é proprio para mim.

E agora pergunto: depois de

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

canonisada por comprar o "Suave Enlevo" que é mais barato, que vais V. fazer de mim ao saber que comprei "Uma Garçonne Carioca"?

Desejando ao romance um grau de successo litterario e ao autor

um grande successo pecuniario, sou, com grande sympathia, — *Julia*"

Resposta:

1º — Longe de mim a idéa de duvidar das suas affirmações.

Admitto que tenha comprado "O Suave enlevo" e "Uma garçonne carioca". Mas aqui já houve um leitor (e não leitora) que declarou haver comprado o "Doce enlevo" de Yves. Imagine! Leu-o tanto que lhe trocou o titulo. Uma senhorita affirmou que que havia adquirido "Uma garçonne carioca" e havia gostado muito"... Apenas, o meu romance, ainda não havia sido publicado... Por isso, não direi que v. ex. deva ser canonisada... Mas, si está mentindo, não m'o negue... Sim?

2º — Felizmente, o meu romance começa a ser atacado. Pelos collegas, entenda-se! Tudo quanto é desagradavel já se vae dizendo contra o autor e o livro. Foi assim com "O Suave enlevo". Este já entrou no fim da sua 3.ª edição...

Permitta Deus que os meus confrades e inimigos continuem a falar mal de mim e de "Uma garçonne carioca".

3º — Faço votos para que v. ex. cada vez se torne mais intelligente — com a grammatica que me permitti indicar-lhe... — Amen!

POVERO FIORE (Capital) — Oh! Lindo! Encantador o seu cartão perfumado! Mas, é curioso! v. ex. ha cinco annos usa o mesmo papel, o mesmo perfume e a mesma logica... platonica...

Ou v. ex. é muito feia ou muito velha. Mas não é possivel que seja velha e feia uma creatura tão linda quando escreve.

Eis o que me diz o seu cartão de felicitações pelo meu anniversario:

(Continúa na pag. seguinte)

"Al "prince charmant di tutte Djénane *isterica* e *degenerata*, l'abbraccio spiritual e l'omaggio quantinique modesto, di Povero fiore — la più *degenerata ed isterica* Djénane del mondo... — Rio, 15 de Fevereiro de 1932 "

ANONYMO (Capital). — Um anonymo me dirige um bilhete, sem assignatura, ao qual só por isso devia deixar sem resposta. Entretanto, esta vae adeante.

Primeiro, vamos ao bilhete, está assim concebido:

"Snr. Yves V. E. que vivia a fazer pouco de ser pernambucano ainda no n.º passado de *Fon-Fon* fala no movimento intellectual brasileiro sem citar um só nome pernambucano! Não faz muito Martha de Hollanda publicou um livro original, que fez successo — o *Delirio do Mudo*; Beatriz Ferreira publicou *Azas*; Celeste Dutra — o *Pagão*; e sem falar em Heloisa Chagas que escreve sempre em jornaes e Edwiges Sá Pereira, vice-presidente da *Academia Pernambucana de Letras*.

(E' até uma prioridade pernambucana ter mulheres nas Academias de Letras Brasileiras...)

E alem destas citadas temos Georgina Barboza Vianna e outros e outras que de momento, não nos lembramos mas Recife tem duas

SAIBAM TODOS...

(*Conclusão*)

ou tres sociedades de senhoras, para ser tão facilmente esquecido."

Muito bem. Vamos á resposta.

De facto, sou pernambucano. Afastado, porém, dos meios pernambucanos, pouco conheço os valores intellectuaes de minha terra. Quando sou procurado por este ou aquelle conterraneo, me esforço por lhe ser util, nas medidas do possivel.

Agora, não posso é fazer milagre de destacar este ou aquelle nome que não conheço.

Ignoro, como ignorava, que Martha de Hollanda publicou um livro de poesias, pois este nunca me chegou ás mãos. Conheço Beatriz Ferreira, Heloisa Chagas e Celeste Dutra, de quem recebi um lindo livro — "O Pagão" — (poemas em prosa) e a quem agora o agradeço com a expressão da minha sympathia e a minha admiração exaltada. Celeste Dutra é um valor que honra as letras femininas de Pernambuco. Sei que Edwiges de Sá Pereira é um grande nome literario, mas desconhecia a senhorita Gorgina Barbosa Vianna.

Não citei os nomes das que conhecia por simples esquecimento. Não por maldade ou despeito, pois, a verdade é que não sou mesquinho, nem invejoso, e tampouco não tenho medo de que A ou B brilhe á minha frente ou ao meu lado.

Ha lugar para todos, em nossa literatura. No meu romance "Uma garçonne carioca" cito uma infinidade de escriptores e jornalistas que nunca escreveram o meu nome.

Elles nada me pediram. Fil-o espontaneamente. E o fiz porque acho que merecem esse destaque.

Para que tentar tapar o sol com uma peneira? E para que exercer a vingança do sofá?

Sabe que vingança é essa?

Certo marido surprehendeu a esposa em colloquio com um cavalheiro qualquer, no divan de sua casa. No dia seguinte, a mesma coisa. No outro, idem. No terceiro dia, o marido ciumento retira o sofá do salão. No quarto, a mulher vai conversar com o cavalheiro, na rua. Foi peor a emenda que o soneto.

Negar applausos a quem tem valor é exercer a vingança do sofá...

Quizera que o sr. tivesse talento e não fosse um simples anonymo...

Porque tambem o elogiaria...

CARMEN RODRIGUEZ (?) — E' hespanhola? Ora essa! Adoro as patricias de Cervantes.

Quanto ao seu desejo, declaro que estou ás suas ordens. Com muito prazer, receberei a sua visita.

Meu telephone é o do *Fon-Fon*: 2-4136. A hora? Pela manhã e de 1 ás 5 horas da tarde.

E até sabbado.

YVES

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada o "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 37

Telephone 2-4136

FON-FON — 5-3-932

Data da consulta............

Nome da consulente............

....

O QUE SE DEVE SABER

Os animaes na mythologia

A mythologia dos povos classicos era um verdadeiro museu de animaes celebres.

Jupiter ou Zeus, o deus dos deuses — salvo por sua mãe da voracidade do seu pae Chronos, que se alimentava comendo os proprios filhos — teve em sua infancia, como alimento, o mel das abelhas do Hymeto e o leite de uma cabra, Amalthéa, leite que, ao se derramar no céo, deu origem, segundo a lenda, á Via Lactea.

O animal predilecto de Jupiter é a aguia, a cujas garras elle confiou o raio, symbolo da majestade e do poder.

Juno, sua esposa, tinha como animal symbolico o pavão real, soberbo e estupido, em cuja cauda se distribuiam os cem olhos do gigante Argos.

A serpente era um dos animaes favoritos de Minerva, deusa prudente, que surgiu do cerebro de Jupiter com as armas para a sua defesa.

A Minerva deve-se, segundo a lenda, a existencia da aranha. Tecia a deusa com suas mãos muito brancas, a tunica de Juno quando uma joven lidia, Arachné, se atreveu a competir com ella. Indignada, Minerva rompeu o tecido feito por Arachné, transformando-a, depois, na feia aranha.

Mercurio, a divindade astuta e engenhosa, o deus dos commerciantes, roubou do Olympo o rebanho de bois com chifres de ouro que pertencia a Apollo.

Mercurio foi quem inventou a lyra, que tanto encantou a Orpheu della tirando as harmonias tão suaves que faziam com que as féras — leões, hyenas, tigres — o seguissem, extasiados, sem lhe fazerem o menor mal.

Na primavera, Apollo, outro Lohengrin, chegara das regiões hyperboreas em um carro arrastado por cysnes brancos.

O delphim, o corvo, o azor e o veado precediam-no, annunciando o tempo.

Diana, a irmã de Apollo, a terrivel caçadora, sempre apparece representada na companhia de um veado, que bem póde ser um emblema de sua paixão cynegetica, como uma recordação da historia do infeliz Acteon, que a viu a banhar-se nas aguas de um rio.

Venus, rodeava-se de alvos pombos e tinha leopardos a lhe puxarem o carro.

Baccho, vendo se atacado por piratas thyrrenos, transformou-se umas vezes em urso, outras em leão.

Na maravilhosa historia de Hercules figuram numerosos animaes, recordação, talvez, das lutas do homem primitivo.

O leão de Neméa proporciona ao heroe a pelle com que se veste; menino ainda, mata duas serpentes; luta com javali, rouba a Gerion os bois guardados pelo cão Ostros e livra, emfim, o mundo de uma série de animaes monstruosos: a esphynge, a chimera, etc.

Jupiter, para levar a cabo suas aventuras amorosas, converte-se em animal e seduz Leda, transformado em cysne.

Bellerophante, neto de Sysipho, vê, um dia, Pégaso, cavallo, alado, com cascos de ouro, e montando nelle vae em busca da chimera e da morte. Orgulhoso, quer chegar ao Olympo em seu corcél voador, mas Jupiter, indignado por esse atrevimento, faz Pégaso dar um salto de que resulta a quéda e a morte de Bellerophante.

Em Creta o minotauro exigia annualmente o sangrento tributo de sete jovens e sete donzellas. Theseu guiado pelo fio de Ariadne, consegue chegar junto ao monstro e matál-o.

Seara alheia

Sabedoria — Todo o segredo para se permanecer joven, a despeito dos annos e até das cans, consiste em alimentar em si, constantemente, o enthusiasmo pela poesia, e pela contemplação, ou mais brevemente, a paz, a harmonia da alma. Quando tudo, dentro de nós está no seu logar é que estamos em equilibrio com a obra de Deus. O sereno enthusiasmo pela eterna belleza e pela ordem eterna, a razão commovida e a bondade suave, eis, a meu ver, o fundo de toda a sabedoria.

A sabedoria! Thema inesgotavel! Uma especie de placida aureola coróa e illumina esse pensamento que resume todos os thesouros da experiencia moral e que é o fructo mais valioso de uma vida empregada.

A sabedoria não envelhece porque é a expressão da ordem mesma quer dizer — do eterno.

Só o sabio é capaz de comprehender "uma vida, uma edade, porque sente sua belleza, sua dignidade e seu valor.

As flores da juventude são louçãs e frescas; porem o verão, o outomno e, tambem, o inverno da existencia humana teem sua majestosa grandeza, grandeza que o sabio reconhece e glorifica.

Ver tudo em Deus; fazer da propria vida uma peregrinação para o ideal; viver com alegria, recolhimento, doçura e coragem, eis a que aconselhava Marco Aurelio. Juntar a isto a humildade que se ajoelha e bemdiz e a caridade que se sacrifica é encontrar a sabedoria das sabedorias — a que nos leva ao conhecimento de Deus. — AMIEL.

Derradeiro poema...

Regio presente, flor de estufa, sonho leve
de poeta sonhador, — borboleta que adeja
as folhas do brumal de minha vida e beija
a minh'alma enlutada e sentida, que escreve
o derradeiro poema em lágrimas de amor,
confortae minha chaga, alliviae minha dor!...

Confortae minha chaga, alliviae minha dor.
oh! nuvens que passaes no céo d'ouro da vida,
dardejando ventura em chamma aurifulgida,
n'um derradeiro poema de luz e de amor!
E dae-me inspiração estrella que fulgura
o ultimo verso da chimera e da amargura!...

O ultimo verso da chimera e da amargura
que hei de escrever sentindo a alma de uma sereia
no amago de minh'alma em chamma que se atéa
em nevrose de amor! Dae-me inspiração pura,
vozes de santas que rezaes e dae que eu siga
sentindo no meu peito uma illusão amiga!...

Sentindo no meu peito uma illusão amiga,
Soror-do-meu-Destino, Estrella-do-meu-Sonho,
inspirae o meu verso, e, assim, não mais mendiga
será a minha Gloria! Assim, não mais tristonho
hei de compôr o verso angustioso e pobre
do meu poema de amor enaltecido e nobre!...

Regio presente, flor de estufa, sonho leve,
a minh'alma enlutada e consternada escreve
o derradeiro poema em lágrimas de dor!

Oh! nuvens que passaes no céo d'ouro da vida,
dardejando ventura em chamma aurifulgida,
burilae o meu poema em soluços de Amor!...

SYLVIO PINTO

Litania das rosas — Amo as rosas escarlates, as rosas rubras e injuriosas, as rosas de fogo; as rosas que mancham com uma nota de sangue as cabelleiras negras dos ciganos; as rosas gritantes, berrantes que as soubrettes ostentam nos decotes atrevidos; as rosas dos labios bebedos de beijos e das faces incendidas de amor...

Amo as rosas brancas, as rosas de neve, as rosas que Siebel depõe na janella de Margarida, as rosas que os poetas sentimentaes cantam nas tranças dos sonhadores, as rosas das illusões virginaes as rosas das faces empallidecidas pela emoção do primeiro beijo...

Amo as rosas de Alexandria, as rosas das essencias da China, as rosas dos festins dos satrapas orientaes, as rosas espalhadas sobre o leito das religiosas de Aphrodite, as rosas que ornavam a fronte da musa de Anacreonte, as rosas das alcovas do peccado e dos harems de Stambul...

Amo as rosas de Jericó, as rosas mysticas, as rosas sagradas, as rosas do milagre dos martyrologios christãos, as rosas que perfumam os tumulos como um emblema de amor e de saudade, as rosas do mez de Maria e dos jardins dos conventos. — F. H. Oterino

Distancia

Bem póde ser que eu nunca mais a encontre
e que você me esqueça...
Você se esquece tanto!

Eu, não...
Desde o poente de uma tarde commovida
que a trago sempre na minha vida,
você, todinha, no meu coração...

Pequenina, leviana, evanescente,
bastou a graça do seu corpo adolescente,
um encanto suave de garôta e de mulher...

Não quiz saber quem fosse, nem de onde era
que você vinha assim...
O amor, ás vezes, com bem pouco se contenta:
um sorriso, um perfume, um beijo, um mal-me-quer...

Foi apenas um dia...
(Um dia só que pareceu de mais...)
E eu já nem mesmo sei si você pensa
em mim,
ou se você não pensa mais!

Boneca de bazar, flôr de Avenida,
toda rhythmo de plumas e de véo,
você passou na tarde commovida,
como uma linda revoada de azas,
sob o azul do céo...

Sem sentir, sem querer, o seu vulto moreno
O meu olhar inquieto acompanhou...

Veiu d'ahi, desse olhar ao acaso, o veneno,
Veneno bom de um sonho que inda não terminou!...

Bem póde ser que eu nunca mais a encontre
e que você me esqueça...

Você se esquece tanto!

Eu, não...
Desde o poente de uma trade commovida
que a trago sempre na minha vida,
você, todinha, no meu coração!

Américo de Oliveira

VIDA LONGA E SEMPRE NOVO!

Deste pyjama de praia.
Não morre a côr nem desmaia.
Com dez lavagens ou cem;
Chuva, sol, nada o intimida.
Elle terá longa vida,
Pois a fazenda é tingida
Com corantes INDANTHREN!

Os tecidos e fios tintos com corantes Indanthren resistem, de modo insuperado ás influencias do sol, da chuva e ás repetidas lavagens. Ao fazer compras verifique a etiqueta registrada.

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 10

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 5 de Março de 1932

IMITADORES DE GOETHE

AGORA que se approxima a commemoração centenaria de Goethe e que por toda a parte as pennas dos homens de lettras e dos jornalistas começam a consagrar o genio creador do drama immortal de Fausto e Margarida, merece lembrado um escriptor que conseguiu, inspirando-se nessa obra prima, como Unamuno e Montalvo no *D. Quixote*, produzir um livro que teve e continúa a ter exito notavel. Trata-se de Maximiliano Klinger, autor de outro "Fausto", cuja primeira edição foi anonyma e do qual Gerald de Nerval, grande poeta, traductor de Goethe em francez, tirou o argumento do seu drama lendario em cinco actos e dez quadros — "O imaginario de Harlem ou a invenção da imprensa."

Monselet classifica, com extraordinario senso critico, o "Fausto" de Klinger desta sorte: "Mais um pamphleto corrosivo do que uma novella, um panorama da Europa a vôo de demonio." O autor, com effeito, descreve a sociedade do fim do seculo XVIII, sobretudo na Allemanha, com mão de mestre, escarnando seus vicios, hypocrisias e peccados. Em 1792, quando o livro appareceu, a Revolução Franceza abria novos caminhos á humanidade e o ambiente social, preparado pelos encyclopedistas, pela penna de Posseau e pela sátyra de Voltaire, era favoravel aos escriptos dessa natureza.

Tomando da lenda as figuras centraes de suas paginas, Klinger traçou uma serie de retratos fidelissimos da epoca, physicos e moraes, deixando-nos bem caracterizadas as personalidades de muitos dos seus contemporaneos.

A obra divide-se em cinco livros e começa apresentando o doutor Fausto em viagem de Moguncia para Francfort, onde ia vender á Municipalidade um exemplar da Biblia em latim, impresso por elle. Como a falta de verba lhe impedisse o negocio, appella para o demonio que lhe dá dinheiro ás mancheias. Em companhia de Leviathan, principe do Inferno, percorre a Allemanha, tentando bispos, eremitas e monjas, corrompendo administradores e magistrados, entregando-se a desbragadas orgias, sempre victoriosos nos seus intentos, sem encontrar a menor resistencia de parte das consciencias a que se dirigem. Viajam pela França, pela Italia, pela Inglaterra. Na Espanha, assistem a um auto-de-fé e ouvem dos labios de Torquemada a sinistra ennumeração das victimas da fogueira. De volta á patria, o doutor Fausto verifica horrorizado que o ouro maldito enviado por elle á familia somente servira para causar o mal. O filho depravara-se. O pae morrera de desgosto. A mulher prostituira-se. Então, elle pede a morte libertadora. Leviathan gargalha de prazer satanico, toma-o nos braços e precipita-se no Inferno.

No drama de Nerval, a personagem do doutor Fausto toma o nome de Lourenço Coster, mas o desenvolvimento da acção é identico ao da obra de Klinger. O diabo faz Coster visitar as côrtes de Frederico III, de Luiz XI e dos Borgia. Nerval, entretanto, dá plena vida á idéa, simplesmente esboçada pelo poeta allemão que se inspirou em Goethe, do demonio tentar apoderar-se da invenção da imprensa para della fazer uma de suas armas.

No *D. Quixote*, Montalvo foi buscar a força em que traçou *Los capitulos que se olvidaron a Cervantes* e Unamuno a philosophia com que reproduz os colloquios do fidalgo e do escudeiro, na sua Vida de heróe manchego. Assim, no *Fausto* de Goethe, Klinger accendeu a luz que transmittiu a Gerard de Nerval. Desta forma se caracterizam as verdadeiras obras do genio. Ha nellas material para muitos se enriquecerem, sobretudo quando elle genio se abebera na fonte inesgotavel das tradições do povo, como é o caso de Cervantes em muitos episodios e na voz immortal de Sancho, e de Goethe na trama da lenda em que bordou o seu poema sem par.

JOÃO DO NORTE

O homem que deixou de ser o que era

O homem que ia perder a garôta que fôra sua escreveu, desesperado, os olhos encharcados de lagrimas:

"Helena... Helena... Esta carta é o funeral do nosso amôr em agonia. Por isso, has de notar que ella é triste como um "De Profundis".

Escuta. Pirandello tem uma pagina de amarga e desesperante observação. E' o caso de um pobre paralytico, um trapo de homem, um vencido da vida, a quem o affecto da esposa infiel abandona, por um homem moço, forte e bonito.

Sem energias para reagir contra a invasão do ultraje, que lhe toma o lar de assalto, e lhe rouba a mulher, — "par la taille", como diria Henri Bataille, elle, o miseravel, se limita a philosophar tristemente. Para maior ironia do seu opprobrio, o paralytico vive preso a uma cadeira rodante, que o leva para onde as mãos dos parentes, das pessôas de casa, o conduzem.

Por piedade, o homem que se apossou do seu lar, e do coração da sua companheira, ás vezes, o faz rodar pelo jardim, pelo parque, pelo terraço, pelo campo, afim de que elle, o infeliz, tenha ao menos, o consolo de ser desgraçado sem revolta.

... E, emquanto, nos seus passeios, deslisando sobre as rodas da sua cadeira mecanica, o "outro", o dono da casa, o contempla, enternecido, elle se limita a conceber os quadros do futuro, isto é, quando elle, o ex-homem, desapparecer para sempre, nas sombras da grande noite do tumulo, e do esquecimento de todos...

Elle vê, na imaginação, o usurpador do seu lar, feliz com a esposa que foi sua, que elle vem de perder....

Aqui, ponhamos umas reticencias, para que entre o nosso capitulo sombrio...

Como o paralytico do philosopho de "Il fu Mattia Pascal", eu antevejo o quadro do porvir, a scena que não está longe...

Tu, Helena, tentada pela situação que o teu noivo te offerece — esse noivo que dizes detestar, mas cujo dinheiro te seduz — tu, Helena, pouco a pouco deixas de ser minha, toda minha...

Hoje, quando a minha bocca te roça os labios lascivos, numa caricia leve, eu os encontro gelados, e é embalde que procuro atear-lhes a chamma da paixão allucinante que, outróra, nos comburia o sêr... E sabes o que me espanta? E' a idéa de que estou ausente, e que, si a tua bocca se inflamma, é porque a minha bocca é a do "outro", a do teu noivo feliz, — o teu noivo que te seduz com o partido de uma situação invejavel... de uma situação real, pelo dinheiro, que não possúo, nem te posso dar...

. Estranha sensação!

Tu, Helena, sendo a mesma garota que sempre amei, começas a ser a "outra" que não conhecerei, que não terei nos meus braços; infelizmente, eu principio a ser aquelle que será o "outro", que terás nos teus braços... O homem que já não sou...

* * *

Helena... Esta carta é o funeral das minhas illusões... Helena... Helena..."

E o homem tombou a soluçar, sobre o papel da missiva de amôr...

YVES

LETRAS FEMININAS

Maura de Sena Pereira acaba de marcar mais uma victoria na sua brilhante carreira literaria, com a recente publicação de «Cantaro de Ternura». E' uma linda e encantadora collectanea de poemas em prosa, o ultimo livro da distincta escriptora catharinense e nossa querida collaboradora. Maura encheu seu cantaro na agua fresca e pura das fontes de emoção e sentimento de seu nobre coração, e, a cantar, sorridente e feliz, encheu, tambem, de enlevo e enternecimento a alma dos que lhe admiram o espirito de eleição.

A MODA E A NOBREZA

A princeza Achille Murat (née Chasseloup-Laubat), com um rico vestido de Jean Patou em «crêpe bilitis» branco, numa photographia expressamente tomada para o FON-FON pelo nosso serviço especial em Paris.

O Cachorro esmagado

DA ACADEMIA BRASILEIRA

O crepusculo daquele dia de outomo arrastava-se pelo céu. Uma brisa sutil fazia correr pelo chão, na avenida dos Campos Eliseos, as fôlhas mortas dos castanheiros e das tilias. A multidão deslisava apressada sob as copas amarelas e avermelhadas do arvoredo. Tomávamos o nosso Pernot, substituto moderno do velho absinto, no terraço do café Fouquet, eu e um companheiro amavel, francês viajado e espirituoso.

Perto de nós, veiu sentar-se a uma das mesas um casal joven e bem vestido. Ele era alto moreno, forte. Ela, delicada e loura. Puzeram cuidadosamente sobre uma cadeira um cãosinho felpudo que mais parecia um brinquedo. E o meu amigo rompeu o nosso contemplativo silencio:

— Não sei si no Rio de Janeiro será assim, porem na França, sobretudo em Paris, não ha maior perigo para a felicidade dum lar do que um cachorrinho desses. Eu, si algum dia me casar, proibirei minha mulher de andar com semelhante bicho.

— Com efeito, disse eu, olhando distraido a businante procissão de taxis que subia para o Arco de Triunfo e descia para a Concordia, cujo obelisco ao longe riscava o céu, dão muito trabalho, sujam toda a casa, amolam a paciencia...

— Fazem peor do que isso, meu amigo, provocam adulterios e causam divorcios.

Olhei-o curioso e ele indagou:

— Recorda-se você do nosso colega Beaufrère, redator do *Le Matin*, com quem jantámos muitas vezes, ha doze anos, quando da Conferencia da Paz, no *Cercle de la Presse*, alí em frente, onde existia o famoso Hotel Dufayel, hoje demolido?

— Sem duvida. Era um excelente companheiro. Lembro-me mesmo que fizemos juntos uma excursão de automovel a Bourges, para ver a celebre catedral dos espinheiros. Ele até levou a mulher, rapariga de dezoito anos, linda e espirituosa, de muita virtude, segundo se dizia, e que ele amava loucamente.

— Pois bem. E' dela que lhe vou falar. Separaram-se e para sempre se tornaram infelizes por causa dum dos tais cachorrinhos. Uma verdadeira desgraça! Era um lulú diminuto, premiado na Exposição Canina de Bruxellas, sobre o qual se derramava toda a ternura desse casal sem prole. Vivia no colo dum ou do outro, amimado como um filho unico. Dormia mesmo com eles na cama.

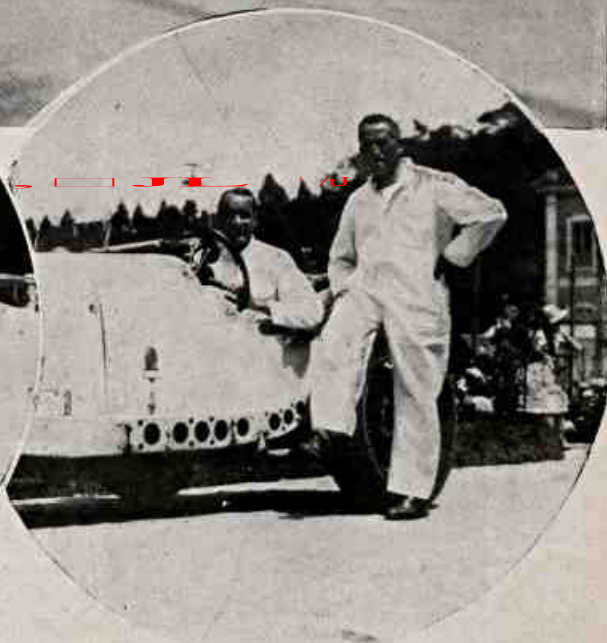
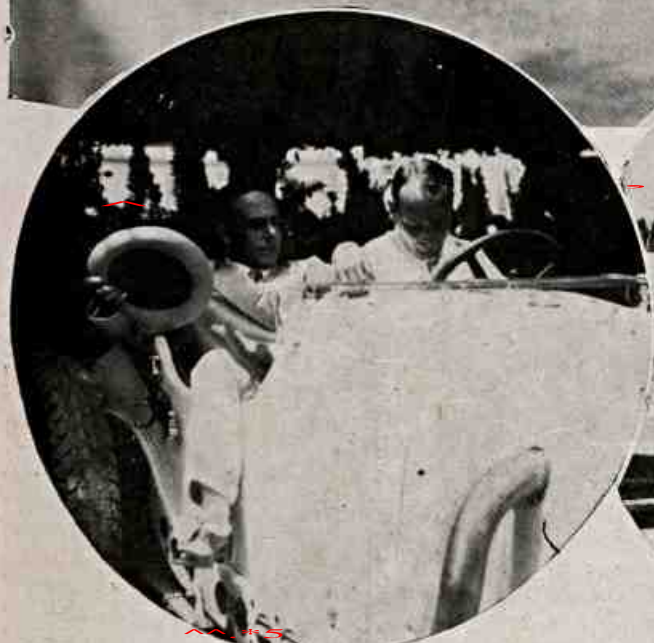
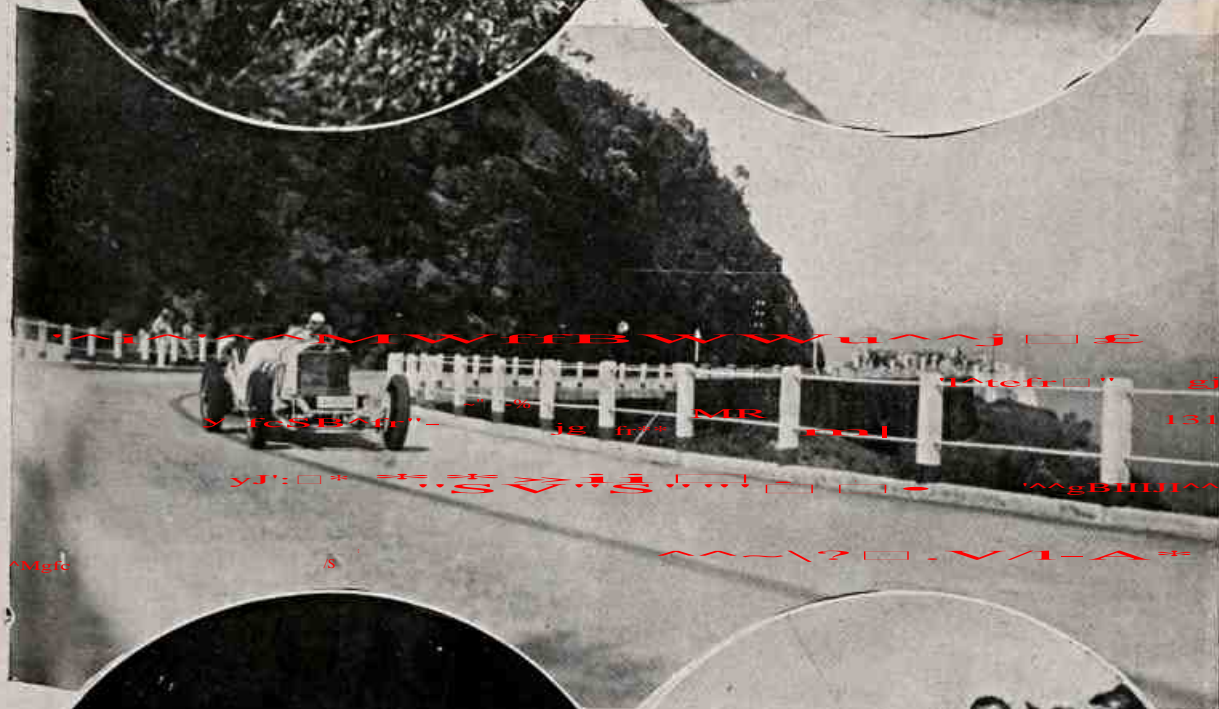
O meu amigo fez uma pausa, sorveu dois goles de Pernot, puxou duas baforadas do Corona e proseguiu:

— Ha cinco anos, eles moravam na rua da Université. Uma tarde, a senhora sáiu de casa, afim de fazer o bichinho andar e se dirigiu aos jardins lateriais da esplanada dos Invalidos. Soltou-o debaixo das arvores e se distraiu a olhar um *charmeur d'oiseaux* que dava miolo de pão aos pardais. O lulú de repente correu para o meio da rua. Aproximava-se um automovel, fonfonando. Ela vê o desastre iminente e corre a salvar o animalejo. Mas é tarde. Apesar de freado de subito, o carro esmagou-o. A pobre moça solta um grito horrivel e cái desmaiada sobre o passeio. Não havia ninguem no jardim, alem do homem dos pardais. A pessôa que guiava o auto, um rapaz da alta roda, apêa-se, transporta-a para o veiculo e a leva á farmacia mais proxima; depois, ao seu apartamento, desfazendo-se em amabilidades e desculpas, como é natural.

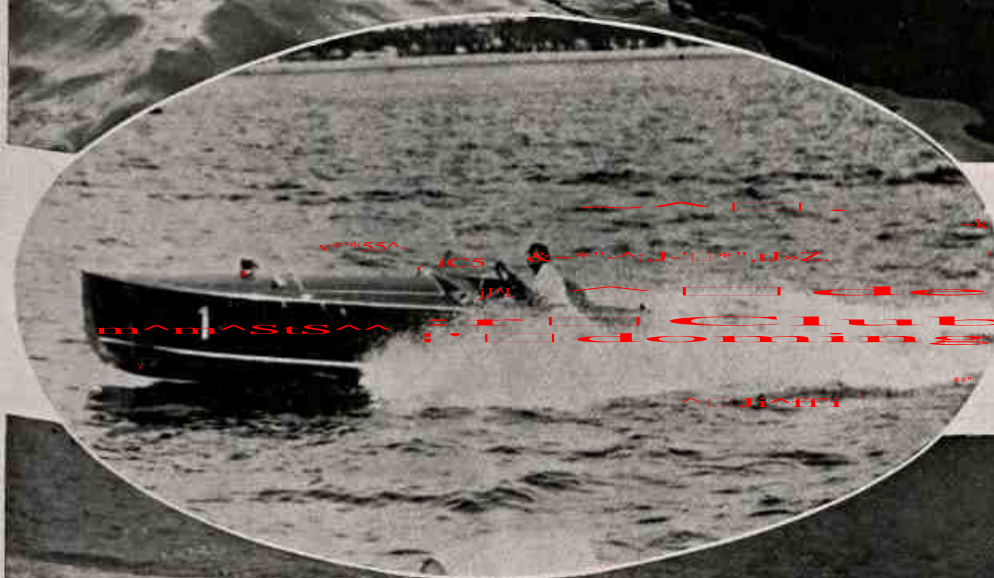
Outra pausa. Outros sorvos ao Pernot. Outras baforadas ao havana. E a continuação:

— Beaufrère estava em Marrocos como correspondente de guerra. O esmagador de cachorros levou flôres e bombons á dama entristecida, no dia seguinte. Fez-lhe uma primeira visita ceremoniosa. Depois, outras para consola-la da terrivel perda. Convidou-a uma noite para ir ás Folies Bergère, afim de distrair-se. E outra para saborear o *confit d'oie* da Perigourdine. O amigo sabe tão bem como eu a maneira pela qual essas cousas se encaminham e se resolvem... O certo é que, louco por não receber durante dois mêses noticias da esposa, o jornalista abandonou o posto, desembarcou em Marselha e correu a Paris. Encontrou as chaves do apartamento com o porteiro. Madame Beaufrère viajava pela Italia na dôce companhia do belo moço que lhe matára o cãosinho...

Chamei o criado para pagar a despesa. Eram horas de irmos jantar na Reine Pédauque, onde outros amigos nos esperavam. Levantando-se e calçando as luvas de camurça cinzenta, o francês concluiu:

— O Beaufrère, coitado! roido de desgostos, embarcou para a Nova Caledonia, onde lhe arranjaram um cargo qualquer na administração. Nunca mais tive noticias dele. Ela, a Fernande, tem passado de mão em mão. Agora, faz ponto na Coupole, em Montparnasse. Iremos lá qualquer noite dessas e você não a reconhecerá. Está muito mudada, muito envelhecida. E tudo isso, meu caro, por causa dum cachorro esmagado por uma barata de luxo!... Livra!

Promovida pelo Automovel Club do Brasil, realizou-se domingo passado, na estrada Rio-Petropolis, uma corrida de automoveis, que despertou vivo interesse entre os amadores do volante e se revestiu do brilho esperado. Entre os concorrentes á prova principal, figurou o barão Von Stuck, que se acha de passagem nesta capital, e foi o vencedor da mesma, dirigindo o seu bello carro de corrida. O segundo logar coube ao sr. Luciano Marino Crespi, cujo carro tambem apparece, como o do barão Von Stuck, nos diversos instantaneos desta pagina.

UMA CORRIDA NO MAR

Acontecimento nautico, de grande brilho, sob todos os aspectos, foi, certamente, a corrida de lanchas e barcos-motores, que se realizou, domingo ultimo, na enseada de Botafogo, promovida pelo Yacht Club Fluminense. Para isso, muito concorreu o deslumbramento da tarde clara, luminosa e esplendente, que tanto encanto emprestou ao certamen. Sob o fulgor do sol e entre os brilhos movediços das aguas, as embarcações fluctuavam e se moviam, emprestando áquelle recanto da Guanabara uma belleza rara e impressiva. Os nossos flagrantes — os desta pagina e os da pagina seguinte — dão uma idéa precisa do que foi a corrida de lanchas de domingo.

Os principaes vencedores da corrida de lanchas e barcos motores que o Fluminense Yacth Club fez realizar domingo ultimo, na enseada de Botafogo.

ECOS DO CARNAVAL

Esta galante «hespanholita», que fez tanto successo no Carnaval, com a sua graça «provocante», enganou, tambem, a muito garoto romantico, fingindo que era mulher... Entretanto, «ella» é, apenas, o interessante Sergio, filhinho do casal dr. Arantes Nogueira.

Tres «Lampeões» de Carnaval... São elles os meninos Nelson, Synesio e Milton, filhos do sr. Daniel Martins Ferreira e de d. Ermelinda Ferreira.

Maria Lygia Breves foi, no delirio de Momo, uma «hawaiana» que deslumbrou os pequenos brasileiros. Tanto que ganhou um premio no baile infantil do theatro Phenix, onde cantou e dançou a valer.

O AMOR

Que os homens amem! que elles desfolhem, da alma ardente, todas as dôres! E, semelhantes ás brisas, que ficam perfumadas pelos lilazes que ellas maltratam, as suas magoas irão embalsamar a solidão de Deus...

Saadi

Um carnavalesco que não deu folga á alegria, nos tres dias de Momo. Chama-se Francisquinho e é filho do illustre cirurgião dr. Francisco Guimarães, director da Casa de Saúde desse nome, e de d. Lourdes Guimarães.

Ilidio Martins Freitas, filho do sr. Amadeu da Costa Freitas e de d. Aurora Freitas.

Dois novos livros de Gustavo Barroso

«Fac-simile» da capa de «Aquem da Atlantida».

A physionomia literaria de Gustavo Barroso é, na actualidade brasileira, das que mais se destacam pelo relevo accentuado, forte, inconfundivel da sua expressão intellectual. E reveste feições multiplas, de uma complexidade bizarra, ás vezes, esse grande e nobre espirito, de uma potencialidade admiravel nas manifestações do seu trabalho creador.

Ao fecundo dynamismo desse espirito superior, de illuminada e rara projecção no scenario da actividade intellectual brasileira, já devem os circulos de cultura do paiz um patrimonio literario apreciavel e valioso não só qualitativa como quantitativamente.

Quarenta e cinco volumes, de obras versando os assumptos mais variados — no genero literario, o conto, o romance, a novella, o folklore, a chronica, ensaios de critica e de literatura comparada; na historia, alem dos seus varios trabalhos de alta erudição, o romance e a fabulação historica; estudos e ensaios de sociologia sertaneja; a literatura infantil e didactica, etc — constituem, hoje, a bagagem, anno a anno mais vultosa, de Gustavo Barroso.

Quarenta e cinco, dizemos, comprehendidos nesses computo os dois ultimos livros recentemente publicados pelo notavel escriptor patricio: *Aquem da Atlantida* e *A senhora de Pangim*.

Essa actividade creadora, fecunda, intensa, num paiz em que o numero dos que lêem é ainda relativamente insignificante, é o melhor e o mais expressivo indice da boa acolhida que teem em todo o Brasil os livros do illustre membro da nossa Academia de Letras. E, de facto, Gustavo Barroso é, no momento, um dos nossos escriptores mais lidos, apreciados e discutidos. Sua obra espalha-se por todos os circulos da actividade mental e cultural do paiz. Seu espirito, de acção dynamica, segura, continuada, é uma forja de trabalho, desse trabalho silencioso, productivo e util que, dia a dia, mais faz avultarem o nome e a gloria do eminente escriptor.

FON-FON registra sempre com o maior carinho o apparecimento de novos livros de Gustavo Barroso. São marcos illuminados que a sua intelligencia de eleição e a sua vasta e sólida cultura vão assentando, em bases solidas, no campo da nossa actividade intellectual, e que, irradiando desta casa, onde elle ha mais de vinte annos montou a sua tenda de trabalho, projectam sua luz bemfazeja por toda a terra brasileira.

O exito obtido com *Aquem da Atlantida*, notavel trabalho da mais alta erudição, e o successo, não menos ruidoso, de *A Senhora de Pangim*, romance historico de acção movimentada e interessantissima, maior relevo e lustre vieram emprestar á obra do consagrado escriptor, cuja individualidade de remarque se enquadra, hoje, entre as dos que mais tenham recommendado e honrado a intelligencia e a cultura nacional.

Aquem da Atlantida é um estudo scientifico da mais alta relevancia, em torno de um assumpto interessantissimo, mas nem sempre explorado com o devido criterio. Gustavo Barroso, demonstrando vasta somma de conhecimentos sobre o mesmo, offerece-nos uma obra de mestre, cuja repercussão já se vem fazendo sentir, mesmo no estrangeiro.

«Fac-simile» da capa de «A Senhora de Pangim».

O indice dos varios trabalhos que constituem esta obra de erudição scientifica dá bem uma idéa do seu valor e do interesse com que está sendo acolhido:

A Atlantida — Ilhas Afortunadas — Thule — Os iniciados da America — A escritura sagrada e as mitologias americanas — A bananeira e os atlantes — O camelo, o elefante, o cavalo e o leão na America — A cruz na America — Os judeus na America pre-columbiana — As sagas — Os negros na America, antes do descobrimento — A civilização chilena — Origens da palavra Brasil — Os mahadéus do sertão — O apostolo S. Thomé no Brasil — Os ciganos — A aguia mexicana — Primeira exploração do Ceará.

Em *A Senhora de Pangim* o illustre autor de *Terra de Sol* traça, na acção movimentada de um romance historico, o perfil de uma heroina brasileira, ao tempo de D. João V, de Portugal.

São duas obras de indiscutivel merito, no seu genero, estas que Gustavo Barroso vem de publicar e que a critica, em geral, acolheu com os mais justos louvores.

PAULO GUSTAVO é um espirito raffiné e encantador. Gentleman moderno, na extensão da palavra, o autor de "Por amor ao meu amor", nas expansões do seu sentimento, nas manifestações da sua vida emocional, soffre, porem, a influencia do atavismo espiritual que lhe traz presos ás forças do passado a alma e o coração. Porque é com a alma de um romantico a 1830 que Paulo Gustavo dá expressão e forma ao seu rythmo interior, em lindos versos que teem a fluencia e a harmonia de um filete de agua fresca e crystalina a transbordar das fontes mais puras do coração.

Se, como dizia Sully Prudhomme, são condições essenciaes de toda poesia a espontaneidade e o sentimento, Paulo Gustavo realizou plenamente esse milagre concepcional, dando-nos em "Por amor ao meu amor", já em 2ª edição, uma verdadeira obra poetica.

Li-o, assim, com o maior prazer, e não é por simples dever de gentileza que agradeço a Paulo Gustavo o exemplar que me dedicou. E' pelo que elle me proporcionou de encanto e de deleite espiritual, encheado de illusão, de sonho, de suave devaneio, o ambiente canicular do meu ultimo domingo.

*

Paschoal Carlos Magno, com a publicação de Esplendor, sua ultima obra, acaba de marcar uma nova victoria. Nova e estrondosa, porque Esplendor é, realmente, um bello livro. Colorido rico, faustoso; belleza de forma, vibração emocional intensa; riqueza e harmonia de rythmos — tudo isso colloca Esplendor entre as melhores producções poeticas que teem apparecido ultimamente.

Enthusiasmo, ternura, exaltação... A alma moça do poeta palpita e canta, sadia e forte, a doçura e o encanto do seu deslumbramento interior. Ha algo da alegria estridula das cigarras na poesia de Paschoal Carlos Magno: Esplendor, Clarinada, Triumphal, são guizarrilhos de cigarra num dia claro e quente de sol...

O poeta ama, exalta e gloriafica a vida. Os rosaes florescem e enchem de perfume o ambiente do seu sonho interior.

...o vento
Sacode a cabelleira da
[ramaria
e enche de aroma todo
[firmamento
e enche de flores todas
[estradas

Com a alma da "creança" que todos guardam dentro de nós, elle tambem canta a sua Ciranda sentimental:

No silencio da rua, a creança
vestida de luar e de orvalho molhado
está cantando:

Ciranda... Cirandinha...
Vamos todos cirandar...

Como nos dá vontade
[sonhar
um sonho muito lindo, muito d...
os pequeninos escutando...
E até Nosso Senhor
[uma estampa doirada
só por ouvir a garotada
está sorrindo...
está chorando...

Max Linder

UM ROMANCE CARIOCA

(Photo De los Rios).

Bastos Portela é uma individualidade de expressivo remarque no scenario das letras nacionaes. Sua physionomia literaria é das mais originaes e inconfundiveis. Poeta, mas poeta de raça, elegante e delicado, elle nos deu com «O Suave Enlevo» um livro que o consagrou nos nossos circulos intellectuaes e, particularmente, nos «boudoirs» perfumados da nossa «élite» feminina, para quem vale ouro o Yves irreverente do «Saibam todos...», de FON - FON. Consagrado o poeta e o chronista finissimo que elle é, e que nós — os seus companheiros de redacção tanto estimamos como admiramos — Bastos Portela vem surprehender-nos com uma nova e magnifica victoria num novo genero literario, dos mais difficeis, senão o de mais difficil factura, qual o romance. E estréa com «Uma «garçonne» carioca» — a obra que vem marcando um dos mais bellos successos de livraria destes ultimos tempos. Da alegria da victoria participamos todos nós, seus collegas de FON-FON, como tambem os innumeros admiradores e gentis admiradoras do espirito de escól do querido e apreciado escriptor. E' um livro forte, trabalhado no scenario real da vida «vivida», da vida que se agita e turbilhona ao redor de nós, diariamente, a ostentar-nos seus quadros de dôr, de miseria, de depravação, de mentiras... Uma obra humana, profundamente humana, essa com que o querido autor de «O Suave Enlevo» estréa victoriosamente no romance realista.

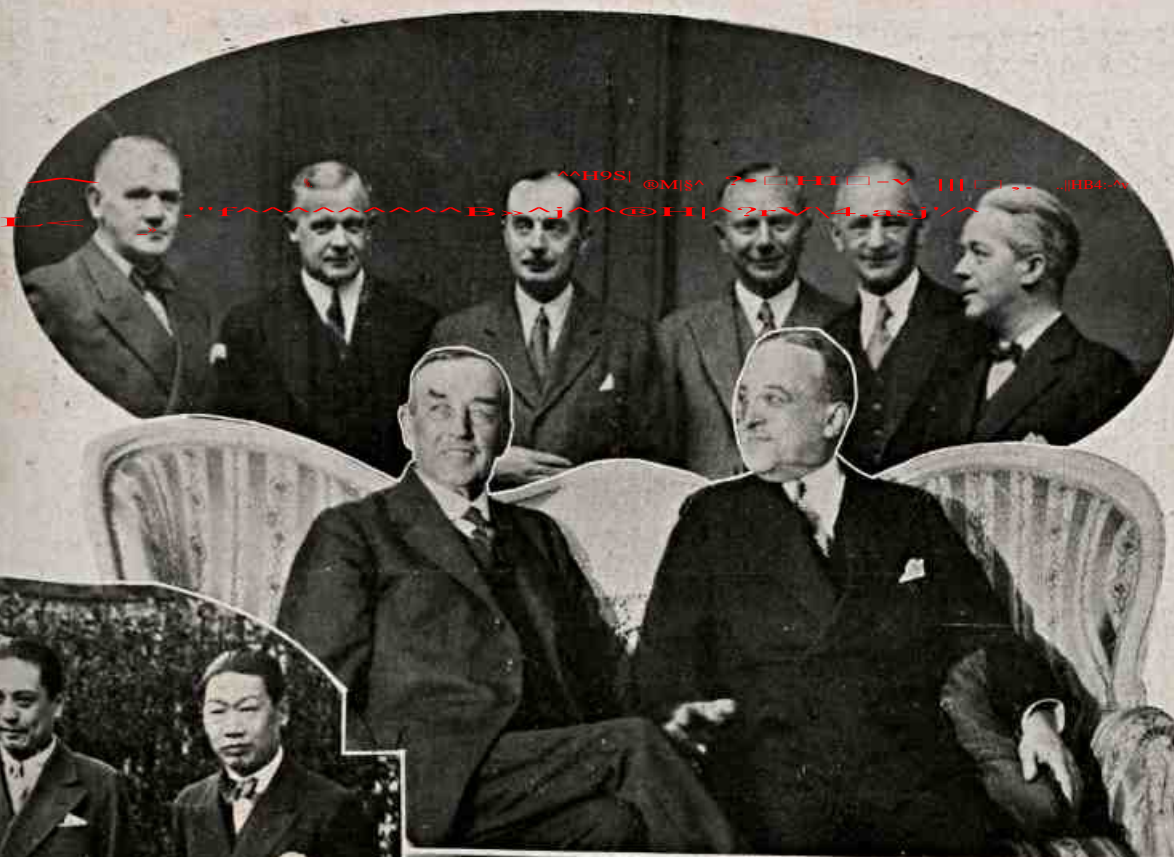
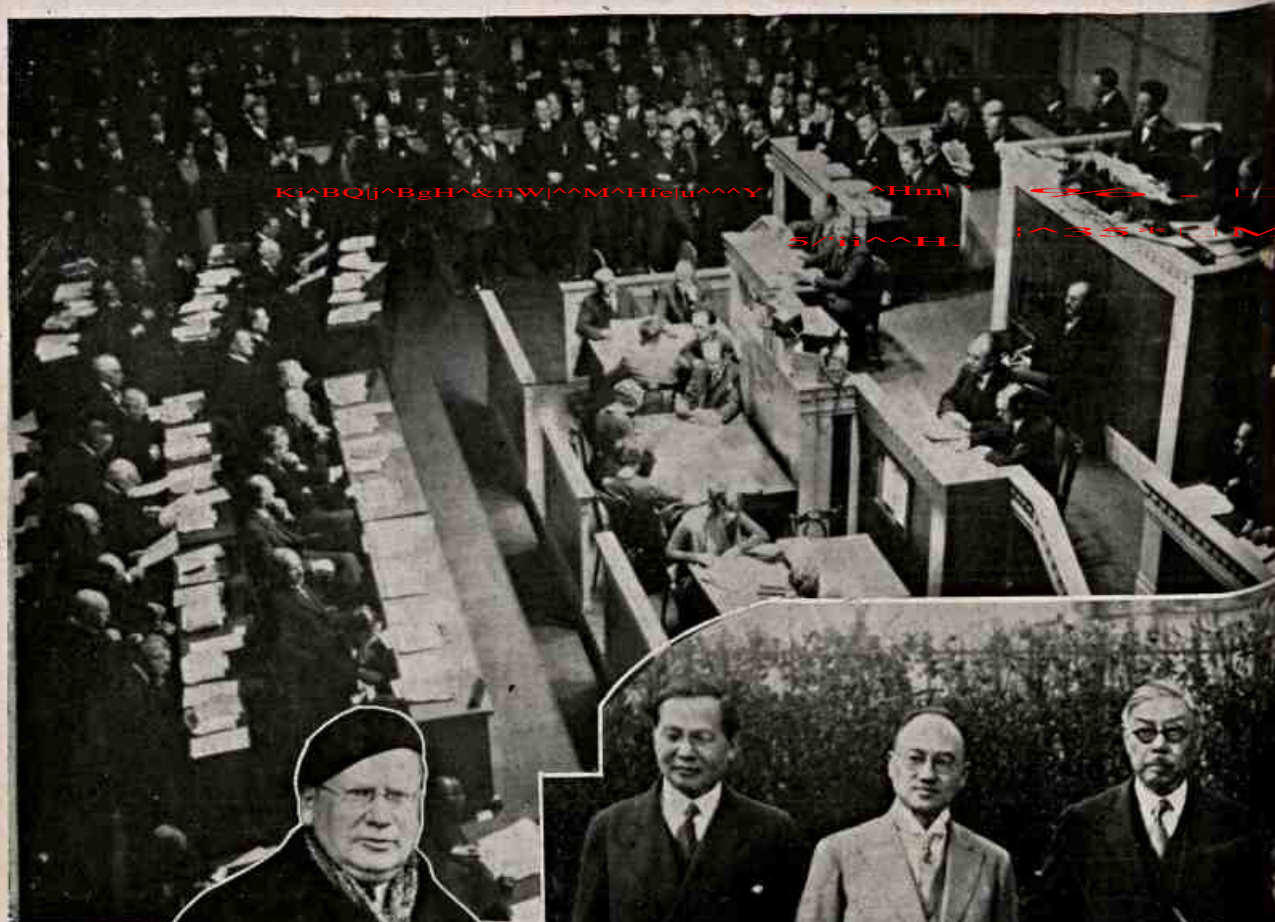
A Oswaldo Tavares

Eu sou aquelle que não pede nada:
Nem graça, nem favor, nem recompensa;
E dos homens, em linguagem descuidada,
Diz delles, afinal, tudo o que pensa.

Ao ver a multidão allucinada,
Que na praça ou nas ruas se condensa,
Guardo a mesma ternura resignada,
Tenho a mesma subtil indifferença.

Contra a injustiça nunca me revolto...
Quando alguem sobe sem merecimento,
Penso logo no abysmo da descida.

E assim meu sonho ás intemperies solto,
E grito ao mundo, pela voz do vento,
Todo o desprezo que me inspira a vida.

OSORIO DUTRA

No alto: um flagrante da solennidade inaugural da grande assembléa internacional que ora se reúne na cidade de Genebra, na Suissa. Em baixo: o delegado dos Soviets, sr. Litvinoff, que tem tido brilhante actuação na Conferencia, pela sua intelligencia e sagacidade.

A CONFERENCIA DO DESARMAMENTO

No alto: a delegação allemã á Conferencia do Desarmamento, composta do general Blomberg, vice-almirante Von Freyberg, conde Volezek, barão Von Rheinhabem, general Shoenheinz e dr. Moelendouff. Ao centro: o sr. Tardieu, chefe da delegação franceza, em companhia do sr. Henderson, representante da Inglaterra e presidente da Conferencia. Em baixo: os representantes dos Estados Unidos, senhora Swansen, sr. Edge, senhora Emma Woolley e senator Swanson. A' esquerda: as delegações da China e do Japão. Compõem a primeira os srs. dr. Long Liang, da legação de seu paiz em Berlim; Lin, ministro na capital allemã; Yen, chefe da delegação e ministro em Washington; Wang, vice-ministro dos Estrangeiros, e V. Hoo, secretario geral. A segunda é formada pelo almirante Nogaro, pelo general Matsui, pelo sr. Matcudaisa, embaixador em Londres, e pelo sr. Sato, embaixador em Bruxellas.

(Photographias do Serviço Especial de FON - FON em Paris).

Caverna de Ali Babá

Waldemar Falcão, cathedratico da Faculdade de Direito e do Collegio Militar do Ceará, cujo recente livro «O Empirismo monetario no Brasil» está despertando grande interesse nos nossos meios financeiros, administrativos e politicos. E', em verdade, uma das mais notaveis obras ultimamente dadas á estampa sobre as questões financeiras do nosso paiz. Nella, o autor estuda com proficiencia, imparcialidade, conhecimento do assumpto e patriotismo as nossas emissões de redesconto, as do Banco do Brasil, a reforma monetaria do presidente Washinton Luis, a actual situação economico-financeira, a lição do nosso passado financeiro, a valorização da moeda e a producção nacional, o néo-mercantilismo brasileiro, o Banco Central e a Restauração da moeda. Proficiente, probo, erudito e optimista com justa medida, Waldemar Falcão demonstra ser no momento presente uma autoridade na difficil materia.

ANTHROPOPHAGIA

NÃO se trata de nenhuma escola litteraria modernista ou melhor futurista; mas sim do sentido verdadeiro da palavra. Toda a gente pensa que esse primitivo systema de alimentação cahiu em desuso desde que o homem se civilizou. Entretanto, isso não é verdade O que elle fez foi evoluir, porém não desappareceu. E o civilizado é talvez peor anthropophago que o selvagem cannibal. Porque aquelle devora somente os corpos e este devora as almas, na sua insaciavel fome, não só dos proventos dos outros, como de sua reputação. Os homens, assim, apesar das leis, da moral, da religião e mesmo da policia, continuam a devorar-se entre si...

O PREMIO DA "L'EUROPE NOUVELLE"

O premio que leva o nome da grande revista dirigida por Louise Weiss tem por fim recompensar um estudo de politica internacional e foi fundado ha treze annos. O de 1928 foi concedido a Vladimiro Orwesan pelo seu livro Conflictos na Allemanha, *que suscitou renhidas polemicas. O de 1929 foi outorgado ao francez Pesnot por um ensaio sobre o Oriente. O de 1930 foi attribuido a Salvador Madariaga, agora embaixador de Espanha em Washington, autor de* Francezes, inglezes e espanhóes. *E o de 1931 coube a Pierre Viénot, que publicou* Incertezas allemãs, *interpretação em 160 paginas da situação presente do Reich, grande campo de cultura social para o futuro, na sua opinião.*

GENTE GORDA

Os governos deviam legislar contra a gordura excessiva. Desde que um individuo de qualquer sexo excedesse certo limite de peso, o poder publico deveria intervir, obrigando-o a um regime de cura rigorosa.

Por que? perguntarão os defensores da maxima liberdade individual.

Simplesmente, porque esses cetaceos, além de serem perigosos para si proprios, são incommodos para a collectividade que é obrigada a supportal-os nos theatros, nos cinemas, nas ruas, nos elevadores e especialmente nos estreitos bancos dos omnibus.

Ahi fica a suggestão aos poderes discricionarios. Custa somente mais um decretosinho...

OS INGLEZES

Ha um velho dicto internacional que reza assim: — Um inglez, um cachimbo; dois inglezes, dois capacetes de cortiça; tres inglezes, um club; muitos inglezes, um campo de golf...

E' muito difficil descrever com menos palavras e mais propriedade a alma dum povo.

SÉSAMO

Poeta de coloridos suaves, de meias tintas — algumas vezes — e, outras vezes, forte, quasi épico, — Paschoal Carlos Magno realiza uma arte fidalga, nobre, e cheia de scintillações que encantam e maravilham. E' assim no seu primeiro poema «Chagas de sol» e, agora, nesse relicario de emoções delicadas, de enternecimentos, de ternuras veladas a que elle deu o sonoro nome de «Esplendor». Realmente, ha em cada pagina desse poema de côres vivas, e de subjectividades, que bem retratam a vida interior do poeta, um doce clarão que se expande e perdura, como si descesse do luar sobre as almas emotivas e lyricas. «Esplendor» é, em summa, um bello triumpho, mais um triumpho litterario do poeta e escriptor Paschoal Carlos Magno.

A SOMBRA

Um dia, no socego do paraiso, mal acordada, Eva, erguendo-se de um tufo de relva em que adormecêra, enxergou, ao longe, Adão a seismar longamente, os olhos absortos, á beira de um lago, olhando as aguas. Pensativa, depois, quando Adão tornára do seu extase e vinha pelos caminhos, ella foi ver o mysterioso amavio por que, de tão bello, Adão se quedára. Macia, pés descalços, sem ruido, Eva debruçou-se sobre as aguas, e a tremer, a alma offegante ao primeiro presentimento, viu, no fundo do lago, uma mulher toda núa, toda branca, que a fitava com o mesmo arroubo que lhe accendiam as pupillas, imitando-lhe, para irritál-a, os seus gestos e os seus movimentos... Desde então, uma tristeza infinita desceu sobre a sua vida, e a todo instante meditava, sem nunca adivinhar quem poderia ser aquella mulher!

Mais carinhosa, enlanguecia-se de ternuras, afagando o solitario companheiro, alisava-lhe os cabellos, acariciava-lhe a pelle, vestia-o de folhagens aromaes, afofava-lhe o leito de musgo. Trazia-lhe gigas de pecegos cheirosos, de figos maduros. Dava-lhe de beber na concha da mão. Reçumava sobre os seus labios, esmagando-o, o favo que a vespa, mais velha na arte de esvúrmar as corollas, andou fabricando da alma candida dos lyrios. Tudo para que elle se esquecesse daquella mulher do fundo do lago...

Uma vez, quando os passaros, indecisos, aprendiam a fazer o ninho, no segredo de uma sombra, no extase perturbador de um enleio, Adão, commovido, abraçou-a toda, enlaçando-a, apertando-a nos braços, sobre o seio. Eva, enamorada, deu-lhe a provar um gomo de maçã, e deu-lhe, depois, com a divina invenção do peccado, toda a sua bócca em flôr, vermelha de incontido desejo, num beijo longo, tremulo, apaixonado...

Quando Adão, tonto e langue, desprendeu os seus labios, no fim daquelle beijo, — prenuncio immortal da creação, — Eva chorava, com os olhos alagados de lagrimas ciumentas: ella tinha visto, no fundo dos olhos accesos do homem adorado, a imagem daquella mulher, daquella mesma que elle fitava, toda núa, toda branca, no fundo do lago...

S. Paulo.

COM um velário verde de ramos de hera ou de folhas de parreiral á cintura, Eva, ingenua e distrahida, nunca contempláta, por acaso, nas aguas claras de uma fonte, a alvura de sua nudez sob o nevoeiro de oiro dos seus cabellos côr de sol. Nem uma rosa sobre o seio, que as suas mãos desfolhavam, á tôa, indifferentes á volupia do perfume; nem um diadema de petalas jámais enredára, para engrinaldar a sua cabeça de virgem e noiva, e, no emtanto, como sorriria, faceira, si pudesse comprehender que, numa pequenina conta de orvalho, toda a sua belleza se reflectia! Como se alegraria, presumida, si houvesse surprehendido, na agua do seu cántaro, os seus olhos a boiar; na humidade de uma folha rorejada a sua bocca a sorrir!

Ella nunca olhára a sua imagem revelada na transparencia de uma lympha... Innocente e só, não sabia que ha uma lasca de espelho partido a rutilar em tudo: na lagrima de um aljofre, num flóco de espuma, num borrifo de onda. Não adivinhava que, num enlevo extatico, tudo vive nas aguas se mirando: o céo e as montanhas, sobre o mar; as estrellas e as nuvens no crystal das lagôas tranquillas, os juncaes e os salgueiros á tona das ribeiras bisbilhantes, com tal vaidade os juncaes que zunem, para imitar o rythmo das aguas correntes; com tanta garridice os chorões que alongam, que estiram as suas ramagens deslaçadas, para tocar a face limpida do múrmuro espelho que os reflecte...

EDVARD CARMILO

Trepações

O *rancho* do Municipal estava bom, mas entrou alguém de fóra e atrapalhou. No ambiente guizalhante, a musica vibrante gargalhava, o ether fazia delirar os pares alegres, e *madame* deixou, por isso, de prestar a devida attenção ao que se passava bem proximo da sua pessôa. Carnaval, alegria, liberdade...

No dia seguinte, uma telephonada mysteriosa procurando pelo marido, e uma pontinha de suspeita pairou no espirito de *madame*... Depois, o telephone chamou varias vezes... *Madame* sempre attendia, e sentia que, do outro lado, desligavam, manhosamente... Acontece, porém, que o nosso herói começou a ter novos habitos, e a esposa não deixou de prestar a devida attenção ao caso. Um descuido entornou o caldo. *Madame* veiu surprehendêl-o numa tarde com a intrusa do *rancho*, nas proximidades de uma elegante casa de chá, e houve um *samba alinhado*...

O resto da historia fica para depois.

PALACETE, olhando para o mar. *Limousine* para exhibir a sua importancia pela cidade. A praia, alli, deante dos olhos, para o espectaculo dos *maillots*... Ah! magnifico!

Como é deliciosa a vida no Rio! O capitalista deve pensar assim...

Por isso, quando lobriga, lá do terraço do palacete, alguma silhueta *alinhada*, mette-se na roupa de banho e vae *peruar* na praia.

Acontecendo apparecer o pessoal de casa para *atrapalhar* a *escripta*, elle não se impressiona, porque sabe remover as difficuldades, diplomaticamente.

Sómente o outro dia é que o vimos fóra de si, alheio aos circumstantes. Montava guarda na beira da praia, com o olhar fixo em determinado ponto. Mal comparando, parecia gato magnetizando passarinho... Quando o *maillot* sahiu dagua, s. s. estufou o peito, atravessou a frente da morena. De onde estavamos, ouvimos distinctamente elle dizer:

— *Teu cabello não nega*...

E não negou mesmo.

Certa noite, numa rua transversal á praia, a mulata, trazendo um bello *manteau* de sêda sobre os hombros, esperava alguem.

A *limousine* appareceu, carregando com a morena.

Mas, como a côr não péga...

ATÉ quando vae durar a crise do marido da linda figurinha mundana? No anno passado o casal fugiu, pretextando mêdo do calor, justamente na época do Carnaval. Este anno, aconteceu a mesma coisa, porque os negocios continuaram ruins. Será que não existe mais a advocacia administrativa, no nosso paiz? Dizem que o illustre cavalheiro dispunha de um vasto circulo de amigos, que era uma picareta famosa para descobrir onde estava o dinheiro...

Por que, então, perdeu o geito?...

Coragem!, e tudo voltará a ser como dantes!

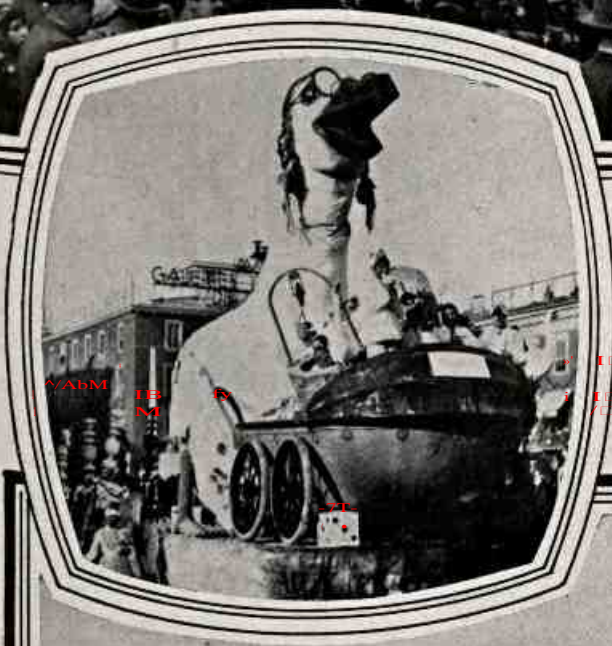
Quem tem bom padrinho não morre pagão — diz o povo, na sua sabedoria.

O Carnaval está agora *officializado*; por isso, ninguem tem o direito de fugir delle...

Com ou sem crise, com muito ou pouco dinheiro, em 1933 o distincto casal deve representar o papel que lhe cabe na comedia dos tres dias...

E' necessario não perder a velha cotação social.

THEATRO DE ARTE

Renato Vianna é um incansavel animador do theatro nacional. Do nosso alto theatro, esse theatro de arte por que elle, ha annos, num intenso e perseverante trabalho, se vem batendo, galhardamente. Autor e actor, ao mesmo tempo, o admiravel creador de «Na voragem», «Os fantasmas», «Gigolô», «A ultima encarnação de Fausto», e tantas outras peças de indiscutivel valor literario, é um nome de inconfundivel relevo no scenario da vida theatral brasileira. Mas, só mais tarde, Renato Vianna colherá os louros do seu abnegado esforço em prol do soerguimento do nosso theatro. Sua individualidade de escól ainda não foi devidamente comprehendida e julgada. Com Céo da Camara, a encantadora e talentosa artista patricia, o autor de «O divino perfume» formou a interessante companhia que, ha dias, vem trabalhando, com extraordinario exito, no João Caetano. A peça de estréa — «O homem silencioso dos olhos de vidro» — outra bella creação de Renato Vianna, — que nella tambem representa — marcou o successo dessa temporada de arte no elegante e moderno theatro da praça Tiradentes. Renato Vianna e Céo da Camara estão, assim, de parabens.

O CARNAVAL EM NICE

Para quem conhece o carnaval carioca, delirante, colorido e espirituoso, com o seu côrso, os seus ranchos, as suas canções, os seus sambas, os seus bailes e as suas criticas, não deixam de ser curiosos, e mesmo surprehendentes, os aspectos do carnaval de Nice, de 1932, que estampamos nesta pagina. Batalha de flôres, festa luminosa e colorida, onde os clubs allegoricos se exhibem, durante o dia, e as damas se apresentam como num baile, é o carnaval de Nice, de fama tradicional. Mas, convenhamos, sem bairrismos ridiculos: o nosso é mui-to... mui-to... mais vibrante e mui-to... mais attrahente...

Enlace da senhorita Conchetta Romano com o primeiro-tenente Eugenio G. Couto, celebrado em Janeiro ultimo, nesta capital.

A tunica de Nesso

Impregnada com o sangue atroz da hydra de Lerna,
Ciumenta lhe mandou a esposa Dejanira,
Talisman de paixão conjugal pura e terna,
A tunica de Nesso... e Hercules a vestira.

Mal as carnes lhe toca, assalta-o dôr que o inferna:
O herôe de feitos mil chora de magua e de ira;
Impreca terra e céos; de odio e raiva delira;
Aos deuses, em furor, supplica morte eterna...

Tambem nos corações ás vezes tem ingresso
Mal sem remedio, mal que estrangula e trucida,
Como o virus lethal da tunica de Nesso.

Em vão se libertar, a alma ansiosa procura,
Das dôres infernaes desse mal homicida;
Em vão! Nada destrue a intermina tortura!...

Reis Carvalho
(Oscar D'Alva)

Suave Lembrança

Si algo existe de bello, meu amor,
nos versos que escrevi,
é porque, no momento de os compôr,
eu me lembrei de ti.
E foi tão suave e bôa essa lembrança,
e me fez tanto bem ao coração,
que até pude esquecer, por um momento,
meu proprio pensamento,
como si ainda houvesse uma esperança
dictando cada verso á minha mão.

Tudo quanto compuz, quanto componho,
tudo é teu, afinal.
Eram rosas meu sonho, dei-te o sonho,
e tu despetalaste uma por uma
as rosas do rosal;
e quando não havia mais nenhuma,
partiste, meu amor. Fizeste mal.
Deixaste-me os espinhos: não é justo.
Illudeste, talvez nessa chimera
de crer que por se estar na primavera,
outras rosas em breve florirão.
Não!
Dentro da alma da gente,
é muito differente:
a roseira dá flores uma vez;
e, si um dia emurchece, a muito custo,
poderá reflorir... porem... talvez...

Mas, apesar da dor que me trouxeste,
e do pranto que rola ainda por ti,
bemdigo a hora sagrada em que me vieste,
bemdigo o instante immenso em que te vi,
pelos sonhos de amor que tu me deste,
pelos versos mais lindos que escrevi.

Beatrix dos Reis Carvalho

Enlace da senhorita Mariazinha Marques, graciosa figura da alta sociedade de Curityba, com o primeiro tenente Alvaro Barroso Junior. A cerimonia realizou-se na capital do Paraná.

Um aspecto do baile infantil realizado no Cine Eldorado, transformado, nos 3 dias de Mômo, no famoso «Tabarin», de Paris, com os seus estonteantes bailes carnavalescos.

O CARNAVAL NO PARA'

O carro das «Bonecas», que fez sucesso no côrso carnavalesco realizado em Belém.

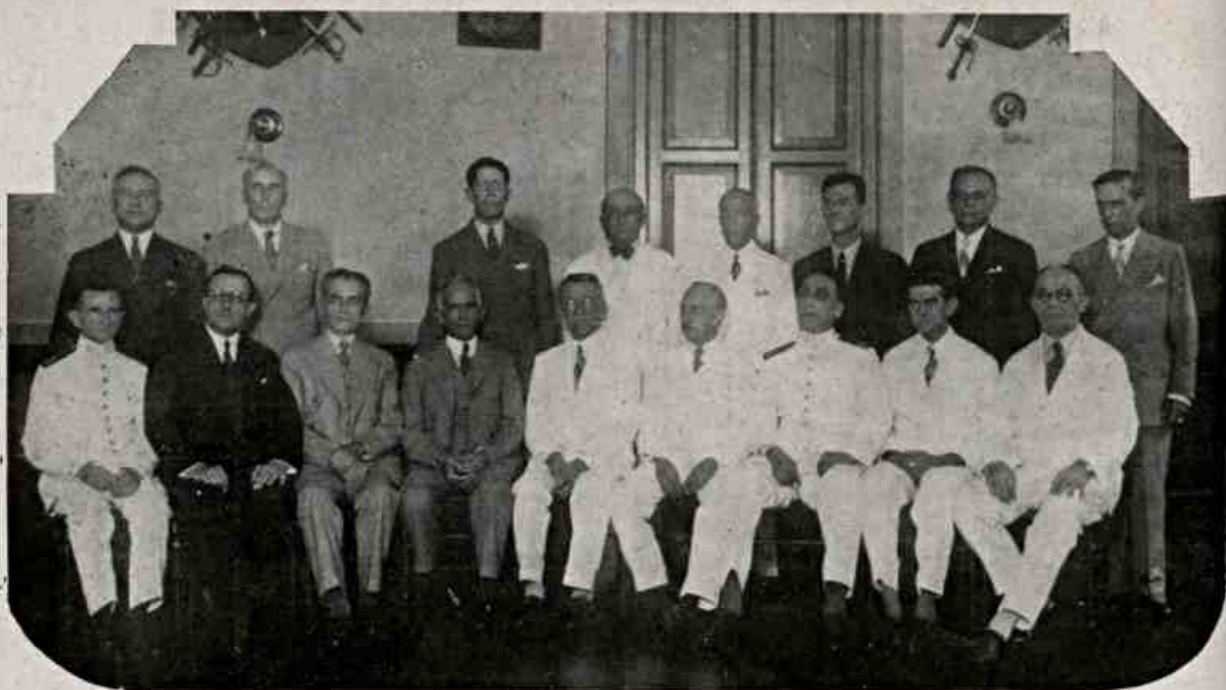
O AMOR

Os juramentos de amor provam a sua inconstancia. — *Marmontel.*

* * *

A felicidade humana se refaz ininterruptamente com os pedaços preciosos de felicidades que se despedaçam...

HERVIEU

A galante Neyla, filhinha do casal A. Leal V. da Costa, fantasiada de «Yára», em homenagem a sua mamãe, a distincta escriptora Yára do Rio, nossa brilhante collaboradora. Seu original disfarce ganhou dois premios no ultimo Carnaval: um no theatro Capitolio, de Petropolis, e outro no Studio Nicolas, do Rio.

Commemorando o 30.º anniversario de sua promoção a alferes-alumnos, varios officiaes do Exercito reuniram-se quarta-feira penultima, nos salões do Club Militar, num almoço de cordialidade, que se realizou sob a presidencia do marechal Marques da Cunha, que foi, como capitão, professor dessa turma.

O BRACELETE DE SAFIRAS

O professor J. C. Nelson, apreciador da litteratura portugueza e brasileira, *principal-emeritus* da "Senior High School" do Oregon, Estados Unidos, homem de lettras e de sciencias, escreveu as seguintes palavras sobre um dos ultimos livros de Gustavo Barroso:

"O "Bracelete de Safiras" no difficil campo das pequenas historias, merece logar distincto e póde ser comparado com justiça aos melhores modelos francêses e inglêses. Embora não seja facil escolher uma preferida entre tantas excellentes, a composição que mais me impressionou foi *A Parte Fraca*. Não é que a technica do autor seja superior ahi. Ella attinge seu mais alto ponto de excellencia no *O Telefone da Morte*, cujo sombrio poder e vigorosa architectura lembram a força de Maupassant. Porem, na *A Parte Fraca*, Gustavo Barroso escolheu um episodio que se passou com elle proprio e deu ao conto uma estranha côr local. Geralmente, um autor produz melhor trabalho com o que lhe é proprio. O sabor verdadeiro da narrativa somente póde ser bem apreciado por um natural da região onde a mesma occorre. Lastimo que um tanto desse sabor seja perdido para mim. Entretanto, não é só intensamente dramatico, porem com um alto sentimento de *humor*. O contraste entre a feroz coragem do Sucupira na revolta da prisão e sua covarde submissão á tyrannia conjugal é, na verdade, cheio de *humor*, sem ser improvavel ou forçado."

O ESPIRITO...

Quando Jesus disse que a fé póde mover montanhas, pronunciou uma phrase divina. Porque é o espirito quem sempre ha de governar o mundo. E os triumphos provisorios da materia e da violencia se diluem no tempo como o sal na agua.

"Um pensamento — escreveram — póde atravessar os seculos e fecundar os mundos da intelligencia." A palavra foi a primeira manifestação da divindade creadora e, como a divindade, é ubiqua, infinita, dividindo-se, multiplicando-se, penetrando tudo e continuando una e intangivel.

Infelizes os que não acreditam na força incontrastavel do espirito.

FON-FON NO CINEMA

Uma alma livre

DA METRO

Com

Norma Shearer,
Lionel Barrymore,
Clark Gable,
James Gleason e
Lucy Beaumont.

Aquelle, sim, era o seu verdadeiro amôr.

STEPHAN ASHE, brilhante criminologista, não é estimado por sua familia em consequencia de varias razões, inclusive as de ter elle especial predilecção pela bebida, e pela educação por demais liberal dada á sua filha Jan, que era, aliás, a sua maior alegria.

Ashe salva a vida de Ace Wilfong, chefe de uma casa de jogo, e, certa noite, cheio de bebida, elle leva o jogador á casa de sua progenitora, que festejava o seu anniversario. A familia, julgando-se offendida com a presença do jogador, cujo nome era conhecido e mal commentado, faz sentir a necessidade de Ace retirar-se mas Jan, que se empolgara pelo rapaz, não o deixa ir sozinho, e, sob o espanto escandalizado de todos, deixa a mansão dos Ashe em companhia do jogador. Isso acontece justamente uma hora após ella ter consentido que Dwight Winthrop, um seu antigo apaixonado, annunciasse o seu casamento, com grande alegria da vovó Ashe.

Fascinada pelo caracter rude mas nitidamente masculo daquelle homem em que ella achara interesse justamente porque elle era desprezado pelas creaturas cheias de convenção, Jan entrega-se de corpo e alma a Ace Wilfong. Correm os boatos, até, de uma união por demais approximada entre a filha de Stephan e o jogador. A familia de Stephan Ashe, escandalizada, córta relações com o advogado e sua filha.

Alguns dias mais tarde, Ace Wilfong pede a mão de Jan a Stephan Ashe. Este recusa, allegando que jamais deixaria casar-se sua filha com um individuo que todos desprezavam. Elle sempre lhe déra liberdade, educara-a de accordo com os seus pontos de vista, mas havia de impedir que sua filha unisse seu destino ao de um homem que a sociedade

O homem perverso que lhe dominava o coração.

repellia de seu seio. Uma surpreza tremenda, entretanto, o aguardava aquella mesma noite: invadindo os apesentos de Ace Wilfong, elle lá encontra sua filha, que, de cabeça baixa, não ousa enfrentar o seu olhar!

Pela primeira vez ha um momento de angustia entre aquelle pae e aquella filha. Elles que tão bem se entenderam até então, que tanto se haviam amado, estavam, agora, por causa daquelle homem, em luta! O pae exige que ella abandone, esqueça aquelle homem; ella se sente sem forças para isso. Reconhece que Ace Wilfong é um homem reppellido pela sociedade, é um homem que não merece o amor de uma mulher — mas não póde resistir á sua fascinação!

Mas, passada toda aquella noite de angustias, serenados os animos de cada um, ambos procuram uma solução. E Jan Ashe propõe, então ao pae: para esquecer Ace Wilfong, era mister que ella deixasse aquella cidade, fosse para longe. Ella estava disposta a procurar esse sacrificio, mas, para isso, seria necessario que elle, seu pae, deixasse de beber. Sua unica falta, até então, fôra aquelle homem, e a unica falta de seu pae fôra a bebida. Ambos esqueceriam as suas faltas, recomeçando a vida. Cada um faria um sacrificio, um pelo bem do outro.

E partiram, contentes, mas não muito confiantes em si mesmos, para uma cidade do interior. Ao fim de poucos dias, Jan Ashe sentia que muito lhe custaria aquelle sacrificio, e o mesmo sentia Stephan. Quantos annos de vida elle daria por um calice de bebida, e quantos annos de vida tambem daria Jan Ashe por um beijo, um olhar que fosse, de Ace Wilfong! Passaram-se mais alguns dias, e Jan, já mais conformada, exultava na alegria de ver seu pae esquecer a pouco e pouco o vicio terrivel. Mas um dia elle falhou: — quando ella o viu, altas horas do dia, elle estava terrivelmente embriagado, e, envergonhado da filha, partia no primeiro trem.

Pisada pela desillusão, Jan Ashe voltou para a cidade. Não a receberam em casa de sua avó. Deram-lhe as cóstas, dizendo que naquella casa não se recebiam creaturas de educação por demais livre. Que ella voltasse para a companhia do pae, ou do amante, o jogador! Ella procurou, então, Ace Wilfong, mas elle não a recebeu com o carinho que ella esperava. Offendido pelo sacrificio que ella quizéra fazer, suas palavras são, agora, um caustico. E elle tanto a offende, que ella sente desapparecer todo aquelle amor que a empolgara. E' quando apparece, com um perdão nos labios e palavras confortadoras da vovó Ashe, o seu antigo noivo, o sempre distincto Dwight Winthrop. Elle chega justamente quando Ace Wilfong martyrisava Jan Ashe com o caustico de suas palavras. Elle procura reagir, mas Jan o impede.

(*Conclue na pag. 46*)

Não podia resistir á seducção daquelle homem que a sociedade repellia.

AMOR E VINGANÇA

Da Radio Pictures

Com Evelyn Brent,
Regis Toomey,
e Maurice Black

LINDA e seductora, tendo a garantir-lhe a acção e o gesto decisivo num talento pouco vulgar, Rose Manning jurára guerra de morte aos representantes da lei, pela injustiça de que fôra victima seu pae, personificando aquelles que mereciam seu odio no inspector Mc-Arthur.

Entregue portanto á sua obra de perseguição aos homens encarregados de manter a ordem e o decoro sociaes, Rose atravessa os cinco primeiros annos, frequentando o "cabaret" de Chuck Gaines, o maior centro de diversões da cidade, onde a "lei secca" era desrespeitada constantemente.

Chuck, o mais curioso e interessante personagem desta novella, um homem de gesto inconfundivel e de um "aplomb" de nobre, apaixona-se pela pequena cujo segredo desconhecia.

Frequentava o "club" um joven deveras insinuante, que em breve se fez amigo de Rose. O ciume de Chuck chegou ao auge ao ver as intimidades de Jimmy com a pequena e ainda mais desesperado ficou quando della teve a confissão de que amava o rapaz.

Uma noite, Murdock, o homem das emergencias, descobriu que Jimmy era o filho do inspector Mc-Arthur e a desencantada Rose, revivendo na memoria o juramento de vingança que fizéra, achou aprazada a hora de realizala, fazendo Jimmy o instrumento de

Os dois caracteres equivaliam-se.

O seu olhar feria.

seu odio. Innocente, Jimmy propôz casamento a Rose e esta aconselhou-o a pedir o consentimento do pae. O inspector vislumbrou desde logo, no plano da pequena, um meio de vingança, e procurou então dissuadir o filho de tal proposito: uma mulher de tão máos costumes... de tão baixa classe... Mas o rapaz declarou que, ou casava com Rose, ou não o considerasse mais seu filho!...

Chuck comprehendeu o proposito em que estava Jimmy e ordenou Murdock a pôl-o "fóra de combate". Dada esta ordem na presença de Rose, que fingira consentir na mesma, sentiu de repente a revolta assaltar-lhe todo o ser e ao manifestar-se contra a sentença foi agarrada pelos musculos de Chuck, que a trancou numa saleta isolada.

Entrementes, o inspector Mc-Arthur tinha resolvido a dar uma batida em regra no "club" de Chuc, naturalmente com o intuito de acabar de vez com o antro onde iria perder-se o filho. O pessoal ás suas ordens entrou ali como uma onda destruidora, tudo quebrando, tudo revolvendo.

Rose escapa do logar onde a prendêra Chuck e vae ao seu appartamento, onde a espera Jimmy. Pede-lhe que fuja, pois sua vida está em perigo. Elle insiste em ficar, quando são surprehendidos por Chuck, que, cheio de ciumes e vendo-se trahido, procura castigar Rose, sendo entretanto morto por Jimmy. Murdock volta, depois de ter procurado matar o inspector Mc-Arthur, quando, por engano, matára outro guarda. Indo ao appartamento de Rose, pensava

Vingança.

Conselhos de amigo.

dificultar qualquer pesquiza, mas foi peor.... Rose achou um meio de culpal-o da morte de Chuck e assim, completamente curada de seu desejo de vingança, encontrou o perdão do velho Mc-Arthur, que levou o feliz par a fazer parte de seus tropheos de victoria.

"Uma alma livre" (concl.)

No dia seguinte Dwight Winthrop, sabedor de uma ameaça de Ace Wilfong, procura o jogador em seu gabinete e o abate com um tiro. Em seguida, telephona para a policia dizendo que, em consequencia de uma divida de jogo, matara o jogador Ace Wilfong.

Todas as circumstancias conjugam contra Dwight Winthrop, que, na prisão, aguarda o julgamento. Jan Ashe comprehende que só seu pae, em cujo cerebro, apesar da decadencia motivada pelo vicio e pelos desgostos, por certo ainda brilhavam lampejos do grande criminologista que empolgara tantos auditorios, — só elle, Stephan Ashe, poderia salvar Dwight Winthrop. Por isso ella se lança pela cidade afóra, em busca de seu pae. Invade os mais baixos antros, visita as mais degradantes tascas, os mais sordidos cubiculos dos bairros miseraveis. Ninguem lhe dá noticias de Stephan Ashe. Tanto procurou, entretanto, que, uma noite, numa pocilga horrivel, reconheceu, num corpo estirado numa tarimba, seu pae!

No dia seguinte, no grande tribunal da cidade, realizava-se o jury para decidir sobre o crime de Dwight Winthrop, que será defendido por Stephan Ashe.

Dwight Winthrop, para não comprometter Jan Ashe, que elle ainda amava sobre todas as coisas, nega-se a fazer qualquer declaração, apresentando-se como culpado, dizendo ter assassinado Ace Wilfong por causa de uma divida de jogo.

Amôr invencivel.

Stephan Ashe, entretanto, comprehende todo o grande sacrificio a que se entregou o rapaz, e toma a si a sua defesa, lutando com todas as suas forças. E elle, exigindo que sua filha se sente no banco dos depoentes, desnuda aos olhos de todos as circumstancias que antecederam aquelle desfecho. Põz sobre os seus hombros — delle, Stephan Ashe — toda a culpa, declarando que elle fôra o culpado, porque elle não hesitara em approximar sua filha daquelle homem desprezivel — Ace Wilfong. Elle não procurara impedir que sua filha faltasse ao seu compromisso para com Dwight Winthrop. Elle não tivera forças bastantes para deixar de beber, ao passo que sua filha tivera forças para fazer o sacrificio de esquecer o homem que a fascinara.

E elle termina com estas palavras, após ter convencido os jurados e o publico da innocencia de Dwight Winthrop:

— Ha um unico homem responsavel por este crime: eu, Stephan Ashe, e *ninguem mais!*

E após dizer essas palavras, rodou por terra. Victimara-o um ataque cardiaco. Expirou nos braços da filha — da sua alma livre.

Uma vez posto em liberdade, Dwight Winthrop só teve um pensamento: procurar Jan Ashe. Ella veiu ao seu encontro, porém. E sahiram juntos da prisão, com o pensamento de uma vida nova, de trabalho, de honestidade e de muito amor...

Dispostos a tudo.

PARA INICIO DA TEMPORADA
3 OBRAS-PRIMAS DA
PARAMOUNT
24 HORAS
"24 HOURS"
com
CLIVE BROOK
KAY FRANCIS
e MIRIAM HOPKINS
Paramount Pictures
"CRIADA de CONFIANÇA"
"PERSONAL MAID"
com
NANCY CARROLL
e
PAT O'BRIEN
"A FILHA DO DRAGÃO"
"DAUGHTER OF THE DRAGON"
com
ANNA MAY WONG
SESSUE HAYAKAWA
E WARNER OLAND.

O romancista George Eliot nasceu em 1819, em Nuneaton, no Warwickshire. Esta cidade, que guarda piedosamente a lembrança do grande escriptor, resolveu dar, a cada rua nova que se abrir, o nome de uma obra do romancista

---

Acaba-se de descobrir, com grande escandalo, que no oitavo volume da *Correspondance*, de Flaubert, edição nova da livraria Conard, 1930, se encontra uma carta dada como inedita do famoso romancista, e que não passa de um "pastiche" feito em 1927 por Jacques de Lacretelle.

Em 22 de março de 1828, fará, portanto brevemente 100 annos, depois de saudar a ultima primavera, que elle via nascer, *Goethe* morreu suspirando *Luz! Luz!* Sobre o monumento da p o e s i a allemã, André Rousseaux publica, no "Candide", um bello estudo: Esta palavra celebre (Luz), diz elle, — não tem o valor que constantemente se lhe da. *Luz!* é o "voeu" de todos os homens e é, em particular, o nosso hoje a proposito do proprio Goethe!

Stresemann, antes de morrer, confiou o seu archivo particular a Bernhard, para que elle o colligisse e, um dia, si possivel, publicasse o que a c h a s s e interessante. Esse livro, comprehendo a vida e a correspondencia p a r t i c u l a r do g r a n d e chanceller allemão, desde a batalha do Rhur, até a vespera de sua morte, vae apparecer agora em França. Que innumeras questões não vae elle levantar e quantas mascaras não vão ser deitadas abaixo!

Um comité nacional se occupa, na Italia em preparar as memorias de José Garibaldi, extrahidas dos documentos particulares e manuscriptos q u e se encontram no Museu Del Risorgimento de Milão. O primeiro volume apparecerá em maio proximo e comprehenderá a primeira versão, escripta pelo proprio Garibaldi, completada de uma extensa nota biographica, de p e ç a s ineditas sobre a celebre revolucionaria e sua mulher Annita, e innumeras illustrações ineditas.

Antoine Saint Exupéry, que obteve o premio Femina este anno, com o romance *Vol de Nuit*, acaba de receber uma carta de um antigo professor seu, onde recorda que o celebre aviador e romancista laureado hoje, só não entrou para a marinha, carreira a que se destinava, por ter sido reprovado em literatura e composição franceza.

Gringoire, hebdomadario parisiense, iniciou a publicação do novo livro *Candide* e está fazendo o mesmo com o novo romance de François Mauriac — "Le noeud de vipéres".

Um inglez C h e s t e r Beatty, conseguiu em 1931 um lote de Papyrus Gregos que parecem vindos de alguma igreja ou c o n v e n t o egypcio. O exame desses manuscriptos revelou-nos, segundo os sabios que o fizeram, os mais antigos textos da Biblia, em grego, existentes no mundo. Essa collecção comprehende 9

Livros que acabam de apparecer

- «Montagnes», estudos de alpinismo», por Marcel Rouff. (Gallimar, editor).
- «Pastiches litteraires», por Léon Leffoux. (Successo. Desgraves, editor).
- «L'eau courante», romance, por Ernest Pérochon. (Plon, editor).
- «Le Dauphin, fils de Luix XV», historia, por Abel Dechêne. (Librarie du Dauphin).
- «Essais critiques, por Henri F. Amiel. (Stock, ed.).
- «La Maison», reedição do romance de Henri Bordeaux. (Nelson, editor).
- «Aux prises avec le Spitzberg», romance, por Hars Lamsen. Trad. (Plon, editor).
- «Le mystère du Chat Cambrioleur», romance, por Annie Haynes.
- «Des bêtes et quelques gens», contos, por Jacques des Gachons. (Gigord, editor).
- «Quand on veut la paix», estudo, pelo coronel Labrosse. (Edições Jeune Academie).
- «Le Club des Dectetives», policial, por Anthony Berkeley. (Alexis Redier, editor).
- «L'ame des jours», versos, por Manuel Méric. (Albert Messein, editor).
- «Un grand enemi.... Nelson», por André Gervais. (Renaissance du Livre, editora).
- «Qu'appelez droite et gauche?», politica, por Emmanuel B. Loménie. (Lib. Dauphin).
- «Un meurtre va etre commis», policial, por Brigge Myers. (A. Redier, editor).
- «La gloire, divin mensonge», guerra, por Albert Garnier. (Librarie Valois).
- «Les petites soeurs de l'Assomption», por Genvieve Duhamelet. (Grasset, editor).
- «Le sens de la mort», Reedição do romance de Paul Bourget. (Plon, editor).
- «La vie etrange de l'argot», estudo, por Emile Chautard. (Denoel e Steele, editores).
- «La maison qui tue», aventuras, por Noel Vindry. Gallimard, editor).
- «A' l'ombr edum grand coeur», souvenirs de Zola, por Alfred Bruneau. (Fasquelle, editor).

dos livros do Antigo Testamento, os 4 Evangelhos, a maior parte das "Epitres", os Actos dos Apostolos e o Apocalypse.

A Escossia festejará, de julho a dezembro proximos, o centenario da morte de Walter Scott, cujas obras tanto inalteceram aquella região historica da Inglaterra. As cerimonias realizar-se-ão na cathedral protestante de Saint-Gilles e no "Princes Street" de Edimbourg, onde se eleva a estatua do grande escriptor. Outras festas terão logar, tambem, na cidade natal do famoso escriptor e poeta de Border.

Os "Annales" iniciam a publicação do *Jornal Intimo* do imperador

Carlos da Austria, com o titulo *Os dias historicos de Budapest.* (*Jornal intimo do imperador durante a tentativa de restauração na Hungria — Março de 1921*). Uma suggestiva carta da imperatriz Zita, datada de Liquieto, 24 de dezembro de 1924, e endereçada ao Barão Werkman (autor da publicação), vem de ser publicada: — "*Après avoir pris*, — diz ella, — *connaissance de votre ouvrage, l'empereur Charles, je vous fais connaitre que je deplore la publication des documents, d'ailleurs peu nombreux, laissés par feu l'empereur et roi.*" Não obstante, essa obra começa a ser publicada com certa curiosidade em Paris.

O erudito sr. Towsend Scudder, explorando os archivos da Bibliotheca Nacional da Escossia, descobriu uma grande correspondencia de Jane Welsh Carlyle, esposa do famoso Carlyle, dirigida a um negociante allemão, Joseph Nouberg. Este, grande admirador de Carlyle, lhe havia sido apresentado por Emerson. Elle ajudou o historiador inglez nas suas *recherches* da vida *de Frederico, o Grande*, tendo-o mesmo acompanhado na sua viagem pela Allemanha.

"As palavras em *um* e em *ium* estão em moda, escreve o critico Etienne le Gal, na revista *Revivre*. Por todo Paris só se vê: *Vivarium, aquarium, auditorium, sanatorium, préventorium, palmarium, columbarium, dolarium, etc., etc.* E o que é peor ainda, — continúa o illustre critico, — é que a Academia Franceza não toma uma providencia (tendo poderes do governo para isso) (!) sobre essas palavras que, na maioria das vezes, são empregadas no plural com um simples "s", o que é um attentado, por pessôas ignorantes e que assim se vão introduzindo no publico de uma maneira deploravelmente asnatica!..."

André Maurois vem de publicar o seu novo romance *Cercle de Famille*, que está obtendo um successo ainda maior que *Climats*.

O jornal *A Republica*, de Constantinopla, constata que, maugrado os appellos lançados pelos poderes publicos e a propaganda feita pelas organizações officiaes, a venda dos livros impressos em caracteres latinos diminúe dia a dia na Turquia, o que indica que as obras em caracteres arabes conservaram todo o favor do publico.

Brício de Abreu

Livros que acabam de apparecer

— «Drapeau rouge», romance, por Constantin Weyer. Successo. Editions des Portiques).
— «Carlotte, romance», por Lignières. (Ed. da «Revue Mondiale).
— «Cri-cri», romance, por Gyp. (Successo. Flammarion, editor).
— «Les femmes de Seine», romance, por J. H. Rosny Ainé. (Flammarion, editor).
— «Le passager de l'Eastern Bay», romance, por Rufus King. (Alexis Redier, editor).
— «Hôtes et gardiens», versos, por Pierre Toutou. (Editions de la «Caravelle»).
— «Oppositions», poemas, por Jacques Sizam. (Figuière, editor).
— «L'homme que j'ai fait naitre», romance, por Maurice Rostand. (Successo. Flammarion).
— «Oeuvres complétes de Henri Ibsen», tomo 3. (Plon,
— «La musique française de piano», por Alfred Cortot. (Rieder, editor).
— «Le rire et la scene française». Est. de Theatro, por F. Gaiffe. (Boivin, editor).
— «Safari. Recit de la brousse africaine», por J. Johnson. (Stock, editor).
— «Par-delà les Alpes», viagens, por Marguerite Milon. (Le Mercure Universel).
— «Conseils et pensées», pelo Dr. Victor Pauchet. (Edições Oliven).
— «Chander Nagor», romance, por C. Lebos. (Ed. Romans d'aventures modernes).
— «Amants et fils», romance, por D. Herbert Lawrance, trad. (Alexis Redier, editor).
— «Carlin», romance inedito por Victorien Sardou. (Grande successo. Albin Michel editor).
— «Les Comitadjis». Terrorismo nos Balkans, por Albert Londres. (Albion Michel, editor).
— «Verdun». Guerra, por Marc Stephane. (Nouvelle «Revue Critique», editora).
— «L'affayre Dreyfus», de Jacques Richepin, theatro. (Successo. Albin Mitchel, editor).
— «Le mystére du du sourcier», pelo Abbade Lambert e J. Gaillard. (Gallimard, editor).

NOTAS DE ARTE

DE OSCAR DALVA

QUE É A ARTE? — Através de todas as ficções, o que se torna essencialmente objecto das cogitações humanas é o real. Os deuses, os demonios, as entidades, todos os seres, todos os acontecimentos mais imaginarios, não passam de entes, de factos reaes transformados, alterados por excesso ou por defeito, no cerebro humano. Quando o homem apenas toma conhecimento e aprecia a realidade constroe a sciencia; quando a idealiza e aperfeiçôa, cria a Arte. Se a idealização e o aperfeiçoamento se limitam a melhorar sem encantar, é a arte industrial, o officio technico; se, melhorando, encanta, é a arte emocional, o officio esthetico, a arte propriamente dita, a poesia, sob a sua triplice forma — verbal, musical e plastica.

O aperfeiçoamento e o encanto são funcções do altruismo, mas a simples idealização depende ao mesmo tempo dos bons e dos máus pendores, das paixões nobres e dos instinctos grosseiros. De sorte que nem tudo que se idealiza, nem toda obra de arte, considerada na sua acepção mais geral — de idealização da realidade em opposição á sciencia, que é a reproducção do real — é socialmente incorporavel ao thesouro esthetico da Humanidade. Guiado por esse critério, incluem-se na cathegoria de creações estheticas as producções que idealizam o real, mas só se classificam como verdadeiras obras de arte, as que idealizam melhorando o mundo e o homem, tornando a vida mais digna de ser vivida. Taes as obras primas da poesia-universal, como a *Illiada* e a *Odysséa*, de Homero; a *Divina Comedia*, de Dante; as *Tragédias* de Shakespeare; as *Sonatas*, de Beethoven; as *Virgens*, de Rafael; o *Moysés*, de Miguel Angelo; a *Basilica de S. Pedro*, em Roma, obra de varios genios plasticos, sob a direcção objectiva e subjectivo do maior delles — o incomparavel Miguel Angelo...

Certo ha grandes creações estheticas que não satisfazem, á primeira vista, as condições simultaneas do encanto e da edificação, taes as comedias de Aristofanes, e os romances de Zola, mas nem por isso deixam de constituir obras de arte socialmente incorporaveis ao patrimonio artistico da Humanidade. As naturezas já formadas podem gozál-as sem perigo e com vantagem para a cultura do espirito e do coração.

Nas artes plasticas, embora em menor grão, pode notar-se o mesmo phenomeno. Os assumptos mais estimulantes das paixões egoistas, tratados por pintores, esculptores e architectos da Antiguidade e da Renascença, não deixam por isso de constituir tambem grandes obras de arte, apreciaveis e apreciadas para gozo e mesmo edificação, dos que saibam destacar a belleza casta das formas, sem se entregarem á exaltação malsã de delicias impudicas. Tem logar aqui a palavra do Apostolo: *Para os corações puros, tudo é puro...* Assim tem-se a mesma sensação de grande arte contemplando a *Santa Familia*, de Rafael ou *Suzanna no banho*, de Tintoreto.

Quanto á musica, dada a sua natureza indeterminada e vaga, toda producção verdadeiramente grande, ou mesmo de relativo valor, é ao mesmo tempo bella e edificante. Sejam a *Sonata* "Ao luar" de Beethoven; a *Marcha Funebre*, de Chopin ou *Cavalgada das Walkirias*, de Wagner; a *Ave Maria* ou a *Aria das joias*, de Gounod — todas mais ou menos encantam e aperfeiçoam. Só a musica de baixa inspiração pode exclusivamente agradar, e não a todos, a alguns; mas não edifica nunca.

Abstrahindo, pois, de qualquer finalidade, a arte pode ser definida de modo geral, como — *a idealização emocional da realidade*. E combinando a idealização com o aperfeiçoamento, o encanto com a edificação, o caracter emocional com a finalidade social e moral, deve ser finalmente definida como — *a idealização da realidade para encantar e melhorar a vida*.

UM BOM PARTIDO

A lamparina, em seu candelabro de ferro, projectava uma pobre claridade sobre a mesa. A sombra batia nas paredes núas. Fazia frio na sala de jantar, com a estufa vazia. A senhora Hennebout desfazia attentamente a lã de um chale tecido, que preparava para fazer de novo, depois de ter emendado os fios quebrados.

O senhor Hennebout tirou um pouco de rapé de seu cornimboque.

— Outra vez! — Observou sua mulher, acremente.

O velho desculpou-se.

— Resta-me ainda mais da metade dos vintes soldos que comprei no domingo passado.

A senhora Hennebout resmungou.

— Vinte soldos! Pensar que gastas toda semana vinte soldos em espirros!

Depois, ligeiramente, calculou:

— A dez soldos por domingo, são vinte e seis francos de rapé que passas pelo nariz durante o anno.

O homem julgou de seu dever justificar-se:

— Não viajamos... Não vou nunca ao café.

— Não faltava mais nada! — exclamou sua companheira.

Houve um silencio. Ouviu-se o ruido dos pratos que Genoveva enxugava, na cozinha.

O senhor Hennebout olhou sua mulher e disse, gravemente:

— Creio que chegou o momento de chamar a pequena.

A senhora Hennebout replicou:

— Então reflectiste bem?

— Ha duas noite que não durmo — respondeu o senhor Hennebout.

— Achas realmente que esse senhor possa fazer a felicidade de nossa filha?

— Obtive as melhores informações. Sua familia é honradamente conhecida no Loiret. Uma de suas irmãs casou-se com um conselheiro de Estado... O doutor Lascape é certamente, um partido inesperado para Genoveva.

— Por que inesperado? — perguntou, em tom aggressivo, a senhora Hennebout.

— Pensa, Catharina. Não sahimos nunca. Não recebemos...

— Que idéa! Para fazer despesas. Com o preço dos biscoitos!

— Nessas condições, o casamento da pequena me parecêra sempre problematico. Foi uma sorte que houvesse encontrado o doutor em casa de sua professora de piano, e que Lascape se interessasse por nossa filha.

— Sim... mas o dote? — disse a senhora Hennebout.

Uma expressão de dôr sobrehumana crispou o semblante de seu marido.

— Mantenho a somma que disse — murmurou.

— E' uma loucura!

— O tabellião foi irreductivel neste ponto. O doutor não só quer se casar com uma joven cuja situação esteja em harmonia com a sua.

A senhora Hennebout teve que interromper seu tricot, a tal ponto que suas mãos tremeram sobre as agulhas.

— E' uma ruina para nós — declarou.

O senhor Hennebout inclinou-se para o ouvido de sua mulher, e confessou:

— Tu nunca soubeste exactamente o que possuimos. Pois bem, ouve-me, hoje: si dermos a Genoveva duzentos mil francos de dote, só sacrificaremos a quarta parte de nosso capital.

A senhora Hennebout volveu seu semblante enrugado e radioso para o chefe da familia. E exclamou:

— Oitocentos mil francos! Possuimos oitocentos mil francos? Oh, meu amigo, como fizemos bem impondo-nos privações durante toda a nossa vida!

* * *

Genoveva, nesse momento, entrou na sala de jantar, afim de guardar a louça.

O pae julgou inutil interrompel-a durante essa grave occupação. Mas, quando a moça terminou, elle lhe disse, com doçura:

— Apanha uma cadeira, minha filha. Preciso falar-te.

Surprehendida, a joven obedeceu.

Um avental de fazenda côr de cinza, fechado nos punhos e no pescoço, preservava seu pobre vestido de agua e de gordura. Suas mãos, habituadas aos trabalhos grosseiros da cozinha, estavam verme-

(Conclúe na pagina seguinte)

lhas e inchadas. Dois pentes de tartaruga falsa mordiam-lhe a massa de cabellos doirados, que brilhavam debilmente na sombra.

Mal se sentou a pequena, o senhor Hennebout atacou.

— Que pensas do doutor Lascape? — perguntou a sua filha.

Genoveva corou. A emoção fez-lhe agitar as narinas.

— Só duas ou tres vezes vi o doutor em casa da senhorita Vautier — respondeu, prudentemente.

— Como o achas?

— Pareceu-me muito distincto.

— Isso não é o bastante — interrompeu a senhora Hennebout. — Gostas delle?

Genoveva guardou silencio.

— Si... — insistiu o senhor Hennebout. — Em opportunidade, o autorizarias a cortejar-te?

A emoção desalentava a moça. Gaguejou:

— Cor... corte... jar-me?... Mas, para que?... Para que?...

— Si o doutor te agradasse, nós não encontrariamos nenhuma difficuldade em vossa união.

Genoveva estalou, então, em um riso franco.

— Casar-me? Casar-me com o doutor?... Vamos!... Porventura elle vae querer uma pobre moça como eu?

— Tú não és uma pobre moça — declarou o senhor Hennebout, solennemente.

Genoveva agarrou com as duas mãos a fazenda manchada do avental que a cobria.

— E que sou, então? — exclamou.

— E's o partido mais rico do logar — disse então, com orgulho, a senhora Hennebout.

* * *

Genoveva levantou-se.

— O partido mais rico?... Estaes troçando de mim!... Por economia, me fizestes interromper minhas aulas de piano... Uso o mesmo vestido ha tres annos. Logo que tive forças e tempo para substituil-a, despedistes a mulher que vinha fazer a limpesa duas horas todas as manhãs... Só comemos carne tres vezes por semana... Todos os sabbados, vou ao açougue, como qualquer pobre, comprar ossos para fazer um caldo... Papae trabalha em pessôa preparando seu campo... Mamãe faz crochet para uma casa de Paris, que lhe paga a seis soldos o metro... E agora me dizeis que sou o partido mais rico do logar? Ora, não troceis de mim!

Mas, o senhor Hennebout tomára a mão de sua filha, e explicava:

— Não troçamos de ti, Genoveva... Foi precisamente por causa dessa economia estricta, graças a essas privações de toda uma existencia, que economizámos o sufficiente para formar-te um dote... Um lindo dote! Um dote de duzentos mil francos...

— Duzentos mil francos?!...

— Sim, minha filha, e o doutor...

Mas Genoveva interrompeu, furiosamente, seu pae:

— Então é verdade... E' bem verdade... Fizestes isso?... Condemnastes-me a uma infancia miseravel, a uma juventude horrivel, com a obsessão da pobreza que me espreitava, que senti em torno de mim? E ereis ricos... Fizestes de mim uma criada sem ordenado! Encerei o soalho, carreguei agua, varri a casa, lavei a louça. Trabalhei como trabalham os empregados mais baixos: no verão e no inverno... Alimentastes-me como a um cão, impedindo-me ainda que tivesse amigas de minha idade... Isolastes-me, gastastes-me, aniquilastes-me... E tinheis dinheiro!... E bem podieis ter-me tornado a existencia feliz, fácil, semelhante á de minhas companheiras... Ah! Nunca vos perdoarei isto!... Nunca! O senhor Hennebout e sua mulher olharam-se espantados.

— Está louca!

* * *

Genoveva inclinou-se sobre a mesa, com a cabeça nos braços. Grandes soluços a agitavam. E as lagrimas de toda uma juventude manchavam, gotta a gotta, o soalho que tanto trabalho lhe déra encerar aquella manhã...

MARY GIBSON

A MULHER E A MODA

A moda é da propria essencia da mulher, como é a natação para os peixes e o vôo para os passaros.

Desde pequeninas as senhoritas e senhoras de amanhã, brincando com as suas bonecas, já procuram vestil-as com certo *donaire*, cortando saias em *forme*, fazendo prégas, bainhas de laçada, *ajours* e *roulottés*, nesse instincto imitativo que faz adivinhar na garotinha de hoje a futura Mamãe.

Todas as campanhas pela evolução feminina, no sentido das conquistas de direitos sociaes, jamais tirarão á Mulher essa paixão da fórma, do desenho e da côr, applicados á indumentaria.

Riam-se os espiritos que se dizem superiores, vendo nessa preoccupação do vestuario uma prova de inferioridade feminina.

Se esses espiritos de julgamento ligeiro e facil, demorassem na analyse psychologica do bello sexo, chegariam á conclusão contraria; isto é, concluiriam que o sentimento da arte que entre os homens constitue o previlegio de alguns eleitos, existe, como que por instincto, na mulher, seja qual fôr a edade e condição social.

Esse sentimento de arte manifesta-se nessa ansia de fazer-se bella, concorrendo, assim, para embellezar e alegrar o mundo.

Pois não é uma maneira de crear belleza combinar côres, harmonizar fórmas, buscar effeitos de nuanças, multiplicar a disposição de ornatos e enfeites, de geito a quebrar a monotonia da repetição uniforme do mesmo vestuario?

Imaginem que insupportavel seria o mundo á nossa vista, se as Mulheres andassem todas uniformizadas como as enfermeiras ou as religiosas?

Abençoemos, pois, a Moda que na sua apparente futilidade é a mais vibrante manifestação do sentimento artistico e do amôr á belleza cultivado pela Mulher que conserva permanentemente acceso e flammante o fogo sagrado da Moda.

Mas não esqueçam as senhoras que á esse culto, á fórma e á côr devem alliar a preoccupação de economizar, importantissima nos dias que correm. Evitem, na confecção dos seus vestidos, as fazendas de côres não resistentes que dão apenas uma illusão passageira de belleza. Desbotando rapidamente, por effeito do sol, da chuva e das repetidas lavagens, lá se vae todo o encanto que procuravam nas combinações harmonicas do colorido. Hoje as fazendas tintas com *Indanthren* offerecem a fixidez necessaria a evitar taes decepções. Exijam do fornecedor a etiqueta registrada, unica garantia de que os tecidos foram tintos com os corantes *Indanthren*.

Indanthren

O CORAÇÃO E O DESTINO

— DÁ-ME, dá-me o amor, para que eu possa conhecer todas as emoções, todos os deslumbramentos que dizem encerrar a historia mais emotiva da vida. Amar e ser amado é a minha suprema ambição. A solidão em que vivo me tortura. A solidão é o soffrimento para mim. E' o mesmo que viver no mundo, e não poder admirar a natureza envolta na radiosidade de um dia azul, nem ver a noite deslumbrada pela caricia do luar e pelos sorrisos diamantinos das estrellas.

"Que vale viver, si na vida não existe alguem para deslumbrál-a? Que vale viver, si a vida se acha agrilhoada ao exilio da solidão?

"Nasci para adorar. Para sonhar. Não para viver só, nem para desconhecer a ventura de poder viver adorando alguem. Quero adorar. Quero inebriar-me com o perfume de um grande affecto. Quero cantar a gloria de amar e ser amado.

"Desconheço a vida. Desconheço o mundo. Só o amor me poderá fazer sentir a alegria de viver, a vaidade de ir, pelo mundo afóra, mostrar a minha felicidade. Não quero ser livre. A liberdade é a solidão. A liberdade é o supplicio para mim. Ser escravo é a minha mais linda ambição. Quero escravizar-me. Ficar para sempre preso á fascinação e aos encantos de alguem. Quero sonhar com o alguem a quem pertenço em minha escravidão dourada. Quero ter um outro coração que me domine e me faça vibrar de ternura. Dá-me, dá-me o amor, para que eu possa ter a gloria de ser escravo!..."

O destino ouve, com um sorriso ironico, a supplica do joven coração. Nada lhe diz. E, no emtanto, elle tanta coisa poderia dizer...

Mas, o destino é o eterno cumplice do amor. Por isto, nada elle diz ao coração que, no templo da sua ternura, vive em delirio a esperar o amor. E um dia, afinal, colloca na vida do coração o alguem que poderá satisfazer ao seu grande anseio.

Pela gloria excelsa de ser escravo, o coração troca a sua tão linda liberdade. E, ebrio de alegria e loucura, se atira feliz nos braços do amor... emquanto o destino o vae levando...

* * *

A principio, tudo é deslumbrante para o coração. A ventura lhe canta. Tudo é felicidade. Tudo é alegria. Castellos dourados que encerram tantas ambições. Esperanças que sorriem no encantamento de toda aquella illusão sentida pelo coração, quando vive os primeiros momentos de amor por alguem.

Emoções de um primeiro instante. De uma phrase de ternura dita de mansinho. Na luz de um olhar fascinante a ventura de desvendar um segredo. Tanta coisa que se quer dizer... e... no emtanto, a bocca tem médo de murmurar...

Olhos que com ternura acariciam. Olhos que dizem, na poesia de uma caricia, tanta palavra bonita. Um sorriso lindo. Alguem a murmurar todo um mundo de promessas. A vida a florir de sonhos, de ambições. O amor a deslumbrar o presente e a phantasiar o futuro...

Dias azues que trazem alegrias varias. Noites de luar. Sonhos e ambições que se collocam no altar da vida. Palavras doces, que emocionam. Felicidades que chegam e tão rapidamente fogem. O amor em toda sua poesia...

Mãos que se entrelaçam. Bôccas que se unem no mais ardente beijo. E a vida a conter todos os encantamentos fugidios do amor, aquelles encantamentos que existem sempre nos primeiros capitulos da historia sentimental de um coração.

Depois... a primeira lagrima... o primeiro soffrimento... Muitas, muitas outras lagrimas. Felicidades perdidas para sempre...

* * *

Na cruel realidade, na comprehensão de quanto o seu sentimentalismo phantasiára o amor, na loucura do despertar de la ruina da illusão, o coração, louco de dôr, torna a supplicar ao destino:

— Dá-me, dá-me a illusão que me roubaste. A illusão que me fazia sonhar com as mais lindas venturas. Outr'ora, eu era tão feliz! Em melopéas de ventura cantava a gloria de possuir o amor. Hoje, triste e infeliz, só existe dentro em mim a lagrima da saudade. Deste-me, destino, o amor. Mas, destruiste a illusão e me transformaste no poeta da desillusão a tanger, na cithara da vida, o seu desespero, a sua dôr. Não, não me tortures mais! Já soffro tanto

— Margarida já ficou bôa da operação?
— Sim, mas teve uma outra complicação.
— Qual foi?...
— Casou-se com o cirurgião...

por ver a derrocada dos meus lindos sonhos, que se transformaram em um rosario de lagrimas. Dá-me, dá-me, eu te supplico a illusão de amor que transformaste em farrapos... em desencanto!...

Em ironicas gargalhadas o destino respondeu:

— A vida é assim: o homem, o amor, apenas são vaidade e mentira. Dize-me: que queres que eu faça?

E o coração, tremulo de emoção, indagou do destino:

— Si eu tinha de soffrer, si o amor era uma mentira para que me fizeste sentir todo amor que era impossivel de ser comprehendido?

— Foi para que soubesses qual é o papel do destino no mundo. Foi para que eu pudesse sentir o prazer unico de te ver chorar e soffrer. Fui errado para dar todas as illusões, todas esperanças. Fui creado para acalentar todos os sonhos, para fazer, muita vez, alguem ambicionar todo um impossivel. E quando a ventura de duas creaturas, creaturas cujas mãos se uniram por minha vontade, chega ao auge, sinto um prazer unico, uma alegria louca em tudo destruir, em tudo estraçalhar. E ver, então, no desespero da dôr os botões de lagrimas implorarem por mim. Eis, coração, o que é o papel o destino.

— Então, maldito sejas, pelo teu prazer diabolico de destruir tudo quanto é bello, tudo quanto significa felicidade para nós! Maldito sejas por dares ao misero ser humano a tormenta dos desesperos e dos desenganos! Maldito sejas pelas gargalhadas infernaes que dás ao ouvires as minhas lamentações! E já que tens o poder de tudo destruir, de tudo desfazer, arranca deste coração a vida, porque, si o meu grande amor deve viver crucificado no calvario do desespero e haurir, para mittigar a sêde de sua dôr, o delicioso veneno da saudade na taça do passado, mil vezes a morte, que é paz, esquecimento... e tudo reduz ao nada!... Vamos, destino, assim como me deste o amor que um dia te suppliquei dá-me, dá-me agora por esmola... a morte!

* * *

E o destino, deixando de gargalhar, pela vez primeira a si proprio perguntou:

— Por que elle — destino — fôra creado para crear no destino de tudo e de todos apenas um momento de verdadeira felicidade que se estraçalha na immensidão do desespero de um triste despertar?!...

MITSI

— Acceita uma chicara de café?
— Não, obrigada, madame... Isso me impediria de dormir...

UM RESGATE... CUSTOSO

Quando Ricardo Coração de Leão foi feito prisioneiro na Austria, o duque Leopoldo exigiu como resgate a quantia de cento e cincoenta mil marcos de prata.

Era uma somma fabulosa para aquelles tempos e o povo inglez então, não era rico. Apesar disso, cada um concorreu com o que poude, conseguindo-se perfazer a quantia exigida.

Com esse dinheiro foram construidas as muralhas protectoras de Vienna.

*

PODE-SE DORMIR SEM SONHAR?

Ouve-se, a cada momento, esta ou aquella pessoa dizer que em *tal noite* sonhou muito, em outras nada.

E' um engano. Dormindo, sonha-se sempre. Nosso cerebro é um orgão que, como o coração, não deixa de funccionar desde que nascemos até que morremos.

Uma suspensão da faculdade de pensar não se pode, pois, conceber sem a suspensão da vida.

O que ha de verdade é que certos sonhos, conforme o nosso estado physico, teem mais intensidade, impressionando mais fortemente a materia. Recordamol-os, então, ao despertar. Esta recordação pode ser precisa ou imprecisa e a maioria dos nossos sonhos se desenrolam sem nos deixar qualquer reminiscencia.

*

O HALTICÓRIDO

E' um escaravelho luminoso que tem a propriedade de mudar de côr a todo momento, tornando-se, rapidamente, ora vermelhos, ora prateados, ora dourados.

Quando se lhes tocam, saltam agilmente como verdadeiros acrobatas indo cahir a certa distancia do logar em que se achavam.

Os norte-americanos logo tiraram partido desse insecto, como de tudo, inventando o jogo de *halticórido*, desenhando, em um grande cartão, um circulo central pequeno do qual partem raios que dividem os varios sectores, numerados, como os de uma roleta.

O *halticórido* é collocado no circulo central e o jogador o toca com uma vareta. O insecto dá, então, um salto e vae pousar em um dos sectores numerados, ao qual corresponde o dinheiro apostado nos outros sectores.

OS PASSAROS "LADRÕES" — Muitas são as especies de animaes que roubam, por necessidade e, tambem, por simples divertimento — ou por... sport. Nenhum delles, porem, pratica roubos mais estranhos e inverosimeis do que os passaros.

Não faz muito, no parque Baynes, de Nova York, foram encontrados dois magnificos "pull-overs" que dois corvos haviam carregado para os seus ninhos num dos mais altos pinheiros do referido parque.

Na Australia existe uma especie de passaros que, ao que parece, possuem um senso artistico especial, porque só roubam objectos de côres berrantes, de preferencia vermelho ou verde escuro.

As garças dos principaes jardins de Vienna demonstram uma accentuada fraqueza pelos objectos de metal, especialmente os que brilham, e que guardam zelosamente. Todos os passaros da familia dos corvos teem instinctos semelhantes.

A tal respeito ha um caso curioso: o de uma humilde mulher de Aldershot, que foi protagonista de uma aventura com passaros ladrões.

Quasi todos os dias essa mulher sahia da cidade em bicycleta, dirigindo-se aos arredores de Aldershot, onde estendia suas redes para pegar passaros, que logo vendia.

Um bom dia, porem, quando a mulhersinha chegava ao logar do costume, com a bolsa de redes ao hombro, foi inesperadamente assaltada por uma nuvem de passaros, que atacaram resoluamente a bolsa até rompêl-a. Apoderaram-se, então, da rêde e depois, levantando vôo, deixaram-na cahir no mar.

Isso, porem, ainda não é nada comparado com os estudos que realizou Franck L. Prestor, professor do Instituto de Sciencias Naturaes de Berlim. Esse naturalista, referindo-se a uns passaros pessimamente educados do Amazonas, diz que elles teem a particularidade de emigrar de uma região para outra, formando grandes bandos, que atacam os parques e jardins, arrancando as petalas das flores. Os horticultores do Alto-Amazonas consideram-nos uma verdadeira praga.

RENUNCIA

ALEX FAWKES parou deante do espelho. Com um gesto cansado, endireitou os hombros e concertou a gravata. Depois, aproximando-se mais, levantou a cabeça e passou a mão pela pelle da garganta, olhando ansiosamente sua imagem no crystal.

Seus olhos conservavam ainda signaes do recente *maquillage* e a forte côr de suas faces as fazia parecerem manchadas. Fawkes suspirou e tirou o lenço do bolso do peito.

Atravéz da janella aberta, transportado pelo ar quente do entardecer, entrava o ruido confuso do trafego da principal rua da cidade.

Abruptamente, soou o telephone. Fawkes tomou o receptor:

— Alô! — disse, com a voz baixa e cálida que lhe havia conquistado tantos applausos. — Roberto Stevens? Não o conheço.

Deteve-se e, macchinalmente, sua mão bateu suavemente no bolso do paletó.

— Muito bem — ajuntou. — Diga a Mr. Stevens que suba.

Quando bateram na porta Fawkes estava no meio da sala. Todo o signal de fadiga havia desapparecido de suas feições, e sua atitude recuperára a graça e desenvoltura habituaes.

— Póde entrar! — disse.

A porta se abriu violentamente, dando passagem a um homem joven, de compleição athletica, cuja cara redonda exprimia determinação. Fawkes extendeu-lhe a mão.

— Como está, Mr. Stevens? — disse.

Stevens, voltando-lhe as costas, fechou a porta. Depois, metteu as duas mãos nos bolsos.

— Não tenho o menor desejo de estreitar-lhe a mão, Fawkes — exclamou. Não vim aqui trocar apertos de mão. Comprehende-me?

— Creio que não — disse o actor. — Explique-se.

— Não vale a pena falar do assumpto — continuou Stevens. — Vim aqui resolvido a agir e a mostrar-lhe que aqui sabemos proteger nossas esposas.

— Sinto dizer-lhe, senhor Stevens, que ainda não comprehendo — disse Fawkes.

— O senhor não tem necessidade de enganar-me — respondeu Stevens, avançando para o actor. — Sei que ama Elsie, que a quiz desde quando ella era uma menina e o senhor deu um espectaculo no collegio de miss Waldrom, onde ella se educava. Sei qual é a razão que o induziu a vir aqui com sua companhia. Sei de tudo.

O actor se admirou visivelmente. E exclamou:

— Como o descobriu? Quero dizer, tem certeza disso?

Stevens riu asperamente

— Creio que tenho certeza — disse. — Soube-o por Elsie, que tudo me confessou. Naturalmente, eu sabia que o senhor a amava, mas nunca suppuz que ella tivesse o menor affecto pelo senhor até na manhã em que appareceu nos jornaes a noticia de sua proxima estréa nesta cidade.

— Acalme-se, Mr. Stevens — interrompeu Fawkes com deliberada calma. — O senhor se exalta inutilmente. Sejamos civilisados!

E, abrindo sua cigarreira, apresentou a Mr. Stevens que recusou o cigarro com um violento movimento de cabeça.

Fawkes, tirou um, sem afastar os olhos de seu visitante.

ORAÇÃO Á ROSA

Rosa branca — suspiro perfumado
Da folhagem symbolica, virente!
Ave do céu, gôtta de luar, semente
Da luz que veste o Espaço constellado!

Venho sorver o bálsamo azulado, —
Orvalho espiritual, alvinitente,
Do aróma supernal, languido e quente,
Que palpita em teu seio avelludado.

Rosa — enlêvo das almas predilectas,
Por ti vivem no claustro do Universo
Os sorrisos mirificos dos Poétas...

Por ti, ó Flôr divina immaculada,
Minhalma queima o incenso ideal do verso,
A'o thuribulo azul da Madrugada!

— Depois de tudo — disse — o facto de eu ter trazido aqui minha companhia não significa absolutamente que sua esposa me dedique algum affecto.

— É inutil que procure fingir — atalhou Stevens. — Conheço toda a verdade, que me foi revelada pela propria Elsie. Quando ella leu a noticia nos jornaes, á hora do café matinal, ficou espantada. Depois seus olhos tomarão uma expressão sonhadora. Creio que esqueceu inteiramente que eu estava presente. — "Nunca supuz que elle fosse capaz de o fazer" — murmurou, como si falasse comsigo mesma. — "Pedi-lhe tanto que não viesse!" —. E assim todos os dias. Mas vim resolvido a acabar com o assumpto.

A mão de Stevens crispou-se no bolso do paletó, onde se viu a fórma de um revolver. Estava deante de Fawkes a menos de um metro de distancia.

— Espere! — exclamou o actor. — O senhor se engana!

— Não creio! — respondeu o outro com as feições alteradas e tremendo. — O senhor veiu aqui para levar minha esposa, não é verdade? Pois não estou disposto a dar-lhe essa opportunidade.

E sacou o revolver do bolso.

Fawkes retrocedeu um passo, e disse:

— O senhor tem razão. Mas as coisas não podem ser arranjadas assim. Não refletiu que, matando-me, perderá sua esposa para sempre?

Havia terror nos olhos do actor. Mas sua lingua, como que ajudada por um ponto invisivel, soube encontrar as palavras apropriadas ao caso.

— Minha morte — accrescentou-me transformaria em heróe deante de seus olhos e do tumulo eu guardaria seu amor.

Os olhos de Stevens perderam sua firmeza. Ainda tremia e sua fronte estava molhada de suor.

— Não tinha pensado nisso — disse, vacillante. — Mas devo fazer alguma coisa para protegel-a contra o senhor e contra ella mesma. Não posso permittir que o senhor m'a roube.

Fawkes desviou o olhar. E disse:

— Bem. Vejo que o senhor a quer tanto quanto eu. E que posso eu offerecer-lhe? Uma vida errante, incertezas, atribulações...

Fawkes endireitou-se, mostrando sua alta estatura. E continuou:

— Não o farei. Aqui está minha mão, Mr. Stevens. Dou-lhe minha palavra de honra como sahirei desta cidade sem ver Elsie.

No rosto de Stevens lutavam a incredulidade e a esperança. Pouco a pouco, sua expressão se foi illuminando. De repente, elle segurou a mão do actor e a estreitou com força. Quiz falar, mas não poude fazêl-o pelo excesso de emoção, e, voltando-se bruscamente, sahiu do aposento.

Quando a porta se fechou, Fawkes se encaminhou, com passos inseguros, até a cadeira em frente á janella, onde se deixou cahir, exhausto. Um minuto depois tirou do bolso uma folha de papel azulado, e releu:

"Não será uma mentira — dizia o papel — ou o será apenas em parte, pois estive apaixonada por você desde os quinze annos. Si Roberto chega a saber que nunca nos vimos, será horrivel. Não poderei continuar vivendo aqui, pois todos os meus amigos não ignoram o caso. Peço-lhe, rogo-lhe Alex, que o faça por mim. Ser-lhe-á muito facil, uma vez que você é o actor de mais talento do mundo inteiro. Affectuosamente. — *Elsie Stevens*"

De Denver Lisdley

Ó Rosa — póllem de sorriso! Ó Rosa, —
Alma de sonho urdido á luz do luar...
Lagrima viva, nivéa, silenciosa,
Presa numa olhos rôxos de chorar!

Rosa — taça do Amôr... taça mimosa...
Flôco de neve palpitante no ar...
Hostia de espuma limpida, odorosa,
Encarcerada na ambula do mar!

Tua vida é um poema magestoso...
Nasces sorrindo, vives contemplando
A vastidão do Azul esplendoroso...

Depois, (ouvi-me, ó luar, ó rosiclér!)
Longe do verde hastil, cantarolando,
Expiras num regaço de mulher.

WAGNER DE MONTALVÃO

— BONS dias! — saúda a passante.

— Bons dias! — corresponde a senhorinha que vae chegando á janella.

— Como vão todos dahi?

— Vão bem, graças a Deus.

— Pois dá saudades a todos.

— Obrigada. Lembranças á dona Zaida. Como vae ella?

— Mamãe está bôa. Felizmente. Muito obrigadinha pelas tuas lembranças. Adeus!

— Até depois...

. . . .

— Quem é? pergunta lá de dentro a irmã da senhorinha.

— E' Ceci.

— Já foi embora?

— Já.

— Com que vestido está?

— Aindas perguntas? Com o *lorencito vaqueano!*

* * *

Lorencito vaqueano é um matungo do Serapião, morador numa chacara do Povo Novo, no Rio Grande do Sul. Serapião joga-lhe a cangalha no lombo com uma bruaca de cada lado; o cavallo velho sae na frente e vae direitinho percorrendo toda a freguezia do chacareiro. Ha quanto tempo faz esse serviço?

O proprio informante não sabe responder. Ha tantos annos, que já sabe de cór os caminhos a percorrer e os logares onde tem de parar afim de aguardar a chegada do dono.

Por isso, quando possúe alguma senhora ou senhorinha um vestido demasiado conhecido das conhecidas, ao qual chama o "bate-bate", as outras lhe dão o nome de *lorencito vaqueano!* Dizem por gracejo que, si a dona soltar o mencionado vestido, sabe este todos os logares aonde vae ella, tal como acontece com o matungo do chacareiro!

* * *

Ceci fôra alumna do collegio das freiras de São Leopoldo, como é mais conhecido, e estudára posteriormente no Conservatorio das Bellas Artes de Porto Alegre, afim de ali completar o curso de piano.

Morre-lhe o pae. De posse o irmão della do livrinho de cheque para ser pago ao portador, em poucos mezes bota fóra a riqueza deixada pelo fallecido, procurando acertar do numero um a trinta e seis no jogo da bola de marfim e panno verde. E a pobre mamãe confiava tanto nelle...

Resta-lhes unicamente a casa da cidade natal para onde vão de muda, pois até a fazenda cheia de criação o rapaz, que não é homem de negocio, conseguira vender com o fim de realizar uns negocios *macanudos*, como dizia elle, mas existentes só na fantastica imaginação de um maluco.

Pobre de pecunia, mas de espirito elevado, é Ceci o arrimo da

LORENCITO VAQUEANO

velhice da resignada mamãe. Em seu torrãozinho ensina piano, linguas e literaturas classicas ás meninas, cujos paes dispõem de recursos para pagar professora particular.

Comtudo, frequenta a nata social da localidade: pertencente a illustre familia, tem em si esmerada educação e é fina flôr que póde ornar o mais nobre salão de sua terra.

* * *

Noticiam os jornaes da linda cidade, onde mora Ceci Jordão, estar a digna conterranea sendo victoriosa no concurso de belleza dali, para ir á capital concorrer com as representantes de outras localidades ao primeiro premio da mais bella do Estado sulino, afim de, no caso de ganhar a palma, tomar parte no torneio artistico da maravilhosa Rio de Janeiro para a eleição de "*miss* Brasil" e, quiçá, para sequente concorrencia ao reinado ephemero de "*miss* Universo".

Vae ella ao jornal encarregado do concurso e pede-lhe exclusão do seu nome. Nunca desejou a sua eleição. Já sente contrariedades só com estar sendo victoriada no proprio torrão natal.

Não encontra o jornal representante mais digna daquella consagração, pela belleza, pelos dotes de espirito, pelas raras virtudes, pelas fórmas regulares com justas proporções e por ser a senhorinha que melhor representaria o typo da mulher brasileira em toda a circumscripção territorial do municipio. Além disso, não é só o jornal mas, a falar sinceramente, um grande numero de conterraneos que deseja tributar-lhe justo preito.

E' muito grata por tudo; emtanto, por seu gosto, não é positivamente candidata. Não é. Não será. A mamãe assim o quer, e ella, Ceci Jordão, está de pleno accôrdo com a progenitora. Não lhe publiquem o nome na lista, por especial obsequio.

E' com constrangimento retiran-

do o nome da mais legitima representante da mulher brasileira dentro do Estado sulino e, em particular, da gaúcha; não obstante Ceci Jordão declarar sempre não ser gaúcha senão riograndense do sul, porquanto nunca tolerára o mate-chimarrão nem o sangrento churrasco, e nem costuma fazer gauchadas, pois monta pessimamente a cavallo, e jamais fizéra vida como os pastores dos pampas; muito ao contrario só se inclina aos costumes das grandes cidades.

Fervem os commentarios. Espalham os correspondentes dos jornaes esta nova: fôra o noivo quem lhe vetára a candidatura já victoriosa.

Ceci Jordão não tem noivo. Nunca teve. Porém corre célere a nova através dos telegraphos!

* * *

Julio Meira, de feições jovens, loira cabelleira, olhos azul celeste, bella figura, e dotado de potencia intellectiva e muito brio, lê um jornal de Porto Alegre, lá na fazenda, quando se lhe depara a photographia da resignataria. Lê a noticia acêrca do concurso de belleza, e vêem-lhe á mente os dias vividos na capital, aquelles em que via a interessante Ceci passear, durante uma hora e mais ás vezes, na rua da Praia, entre a Marechal Floriano e praça da Alfandega, ora por um ora por outro passeio... Recorda-se da tristeza delle quando desapparece ella das passeatas, das festas, sem descobrir a causa.

Academico da Faculdade de Direito, resolve Julio Meira deixar os estudos para tomar conta dos negocios do velho Meira, que, fortemente accommettido de molestia algum tanto grave, já não póde trabalhar. Gosta da vida do campo e não estranha ausentar-se de Porto Alegre, mormente quando já não vê a mais formosa dentre as formosas senhorinhas dali, a sua *tigrita*, appellido dado a Ceci por certo companheiro delle.

Lê a noticia, vê a photographia e sente que a senhorinha em casa ainda é a menina de seus olhos. Porém, já é noiva! Noiva — dizem os jornaes!

E, em um dar de hombros, resolve toda a situação difficil: isso não tem importancia! Nada como a gente botar as cartas na mesa e fazer jogo franco!

* * *

— Sabes, pae?

— Que?

— Preciso ausentar-me durante alguns dias.

— Para fazeres algum negocio? interroga-lhe o velho Meira.

— Para te dar uma noticia agradavel...

— Bem sei que só procuras dar-me prazer.

— Então, nada mais me perguntes.

tes; pois, por ora, nada mais te posso adeantar. Porém só te digo isto: tenho fé!

* * *

De madrugada. Um bando de queroqueros dá o signal de acordar. Eia! Alli está o minuano sêcco que vem das cordilheiras dos Andes, onde nascêra, e atravessára alli immensos precipicios despenhadeiros profundos, grotas abysmaes; passára assobiando por bosques incultos, mattas brenhosas, e desgalhando as arvores e derrubando fructos, e arrebatando folhas pendentes das hastes, e desprendendo dos ramos a flôr silvestre, e arrancando da terra pequeninas plantas que nascem e crescem no matto e levando tudo pelos ares, sem destino; já lambêra grandes atoleiros e, com as areias trazidas de muito longe, cobrira alguns, afim de darem estes a impressão de terra firme quando, ao invés disso, veem a ser um terrivel sorvedouro que ha de occasionar desgraças, ceifando as esperanças de quem ainda possa ter a desventura de cahir na armadilha infernal; já assolára immensas planicies ao longo dos pampas, a destelhar ranchos á beira dos caminhos, a transportar aves domesticas para longes sitios, a causar innumeraveis damnos; e agora vae chegando de mansinho, sem fazer quasi barulho, fino, mas frio, cortante; a entrar pelas frestas das portas, das janellas, a navalhar de leve quem está dormindo, para mais tarde soprar de modo violento e sibilar como a serpente e, por intervallos, com rajadas impetuosas rugir como o Atlantico bravio.

Repenta a aurora. Manhãzinha domingueira, gélida, céu azul. Os primeiros raios do sol doiram a copa das arvores, entram a rir no meio das folhas, vão beijar os ninhos e despertar a passarinhada mais somnolenta.

Com o cabello alvoroçado, revolto, em completo desalinho, enfia Julio Meira a cabeça no ponchopala e, a cavallo e bem montado, vae pegar o trem que muito cêdo deve passar na estação proxima.

— O patrão vae á missa? pergunta-lhe o peão da sua confiança, typo de indio bem apessoado, homem de mais de meia idade mas muito agil, solteirão, expansivo, e a quem na vespera ordenára Julio que o acompanhasse.

— Não, Malachias. Vou viajar. No domingo vindouro leva-me o trem até a estação. Só daqui a oito dias pretendo estar de volta.

— Que engraçado! Ninguem falava nesta viagem do patrão!... Nem eu, até hontem, sabia de nada...

— Pois resolvi hontem mesmo. Muito cuidadinho com o velho... sabes?

— Não era *preciso* recommendação... P'ra quê?! já tomou seu mate?

— Já entrei no chimarrão e por cima empurrei um cafézinho gostoso.

Malachias sacca da adaga bem afiada, puxa a palha de trás da orelha, palmeia um pedaço de fumo de corda, pica um naco, enrola o cigarro e offerece-o:

— Quer aceitar? Será talvez um bocadinho forte para o patrão.

— Vamos ver lá esse mata-rato!

— Póde pitar, que não tem veneno... e é goyano do bom!

— Graças! Vamos embora.

Arreda-se o peão, e o cavalleiro põe-se a caminho. Aquelle, de um pulo, monta no pingo e acompanha-o de prompto, a trote largo.

Toirito negro, algum tanto chucro, deitado debaixo de um chorão perto da pequena casa do posteiro, levanta-se de repente, ergue a (1) cola com movimentos

* * *

vibratorios, irritado escarva o chão com a ponta aguçada de uma das guampas e, aos saltos, atropela os cavalleiros. Hostilmente accossados, admirados da investida imprevista e repentina, dão de freio, gritam "upa!", chegam as chinelas ao vazio dos animaes, e estes correm desenfreadamente, levantando nuvens de poeira.

Na estação commentam elles o caso.

— Que toirito atrevido, hein, *seu* Malachias?!

— E' verdade! Elle é chucro, mas lhe affianço que nunca atropelou ninguem.

— Si não tivesse pressa de chegar aqui para pegar o trem, eu dava uma lição naquelle atrevidaço.

— Quando eu esbarrar com elle, havemos de *arreglar* as contas...

Julio Meira dá inesperadamente uma gostosa gargalhada e em seguida observa:

— Está, *seu* Malachias, a razão da gana do toirito: esse lenço encarnado que traz ao pescoço!

— Nem resta duvida! E explica: no escuro, em vez de pegar noutro lenço, peguei neste que nem uso e só conservo como recordação de uma chinoca bonita dos bons tempos em que a gente ainda brigava nesta terra!

— Chi, *seu* Malachias!... Vem falar em briga neste tempo, homem!? Precisamos de paz, longo periodo de paz, serenidade e muito trabalho para a grandeza e prosperidade do nosso querido Estado. Rio Grande do Sul precisa convencer todo o Brasil de quanto é grande de facto; mas, para isso, tem de trabalhar em vez de brigar! E eu sou tão bom gaúcho como o senhor.

— Está *derecito!* Porém, que havemos de fazer? Desaforo ninguem leva p'ra casa; e isso está na massa do sangue!

— Sim. Porém precisamos modificar o nosso genio, *seu* Malachias!

— E é o senhor quem quer falar... o patrão que eu conheço de perto!...

Sorri dissimuladamente Julio Meira.

O peão muda de assumpto:

— Este lenço já esteve perdido. Fiz promessa ao *negrinho do pastoreio*, accendi-lhe um tôco de vela, e o lenço appareceu.

— Ainda acredita nesse typo lendario, nesse molecote nunca visto?

— Como não? O senhor não *aquerdita*? Pois ahi está o milagre do lenço! Quem de noite viaja a cavallo pela campanha, pela serra, encontra grande quantidade de velinhas accesas, e o milagre não falha! O mais engraçado é que elle não aceita vela inteira. Tem de ser um tôco. De vela inteira não gosta: apaga logo.

— Por isto, explica o fazendeiro: quando o ar se eleva e se precipitam as camadas mais densas para encher o vacuo que se formou com o desequilibrio da densidade do ar, as correntes aereas passam por cima do tôco, não acontecendo o mesmo com a vela

(1) — Nos pampas riograndenses usa-se ainda o termo «anta» «cola», cauda, por influencia castelhana.

inteira, cuja luz é attingida pelos ventos.

Malachias não comprehende perfeitamente a explicação, mas o seu bom senso completa-a.

— E no *boi-tatá* não acredita tambem? O *negrinho do pastoreio* ninguem viu, mas o *boi-tatá* eu já vi.

— *Boi-tatá* é o fôgo fátuo. No norte do Brasil chamam-no *fôgo-corredor!*

— Nós por segurança mandamos desenhar um sino Salomão na porta da casa do posteiro...

— Para que?

— Para não entrar o *boi-tatá*...

— Quando aperta um botão na parede e apparece um foco, tem medo da luz electrica?

— Não.

— Nem deve ter. E' um phenomeno naturalissimo. Não deve ter tambem medo do fogo-fátuo que é outro phenomeno...

— Estou firme nisso. Porém desde menino enchem a cabeça da gente com essas coisas bôbas...

— Pois vá jogando fóra essas superstições... Até a volta!

— Até a volta, patrão!

Julio Meira pega o trem. Este chegára ha pouco e, dali a pouco, partiria. A locomotiva, em cuja fornalha vem ardendo o nacional carvão de pedra de São Jeronymo,

LORENCITO VAQUEANO

(Continuação)

como cavallo monstro, espantadiço, que dá aos folles, a modo resfolega de cansaço. Subito, dá um guincho; num arranco arrasta o comboio e corre desabaladamente pelo campo fóra sobre os trilhos de ferro. Corre enfumarando o espaço, enfulijando os vagões, soltando fagulhas que parecem chusmas de vagalumes quando luzem, nas trevas. Desapparece. De vez em vez, um apito para espantar o gado do leito da estrada.

E a tanger o zaino pela frente e a trotar o pingo, volta o peão para a fazenda, recompondo com a memoria e com o pensamento a quadrinha que compuzéra ao som da gaita (2) quando procurava conquistar a chinoca bonita de olhos negros como as trevas das noites profundas e de olhar profundo como a immensidão do abysmo:

Não entendo essa chinoca
que aos meus affectos resiste:
si a fito, fica zangada;
si não olho, fica triste!

Ao pôr do sol, desembarca o jovem fazendeiro no torrão natal da pretendida. Procura um hotel, e o homem do carro, que o conduz á cidade, indica-o. E' modesto; modesto demais... Porém, ainda assim, é o melhor da...

No dia seguinte, cêdo, sae caminhando ao acaso pelas ruas, a ver si encontra algum conhecido. E encontra: é o promotor publico, seu contemporaneo na Escola de Direito, o *aijesús* das donzellas casadoiras.

Exclamações. Abraços.

— Ave rara na terra!

— Que fazes aqui?

— Eu?! E solta estridente risada. Sou o Nobre Orgão da Justiça Publica! E tu?

— Sou um fazendeiro que anda á cata de uma *trigrita* para a laçar...

— Bellas disposições! Quem será a feliz rapariga por quem palpita o teu generoso coração? Agora recordo... Já sei... Em Porto Alegre appellidaram Ceci Jordão *tigrita!*

— Ceci Jordão, sim. Gosto della e tive sciencia pelas noticias dos jornaes que recusou ser a rainha da belleza desta guapa cidade, talvez, do nosso Estado e, quiçá, do nosso Brasil e, por ventura, universal.

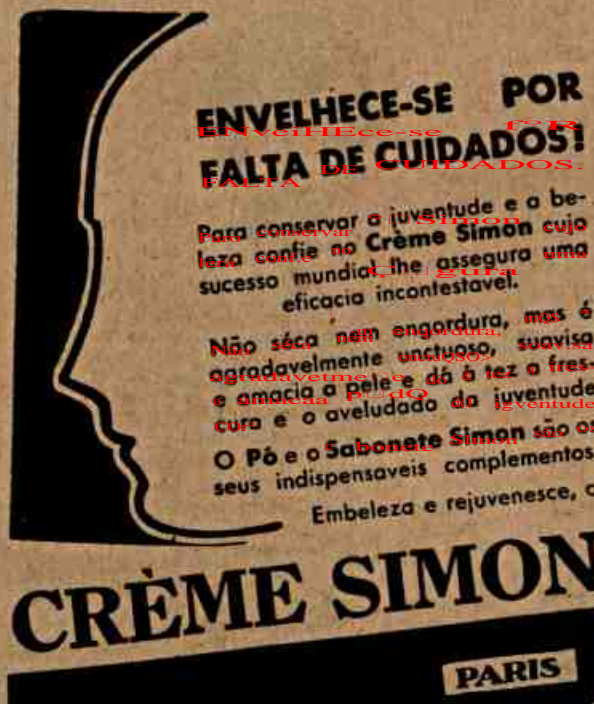
(2) — Acordeão. Concertina. E' a que chamam gaita no interior do Rio Grande do Sul.

CARTAS EM GREGO

Minha amiga: — Ha casos na vida, cuja solução deve ser tomada independente de conselhos. O seu é delles. Eu não gosto de me fazer de conselheiro, porque muito senti o amargo do viver, e toda qualquer exploração poderá ser respingada dessa anavalhante philosophia pessimista.

E' bem triste sua historia, e indefinivel piedade se apoderou de mim ao ler sua carta, onde bem traduziu seu estado d'alma. Tive pena de você por ver que, amando, como diz ter amado, se revelou, sinceramente, passadista. Não ha mais quem faça apostolado do Amor. Nesta época não ha quem se perca na banalidade de se fazer enlevar por Cupido, e você, com sua deliciosamente torturante tendencia para a susceptibilidade para o carinho se me afigurou um postal uma aquerella de romance...

E uma mulher que não ama não chega bem a ser mulher: é uma estatueta feminina de sal...

A minha amiga felizmente demonstrou ser menos mulher que as outras porque confessou que lhe vae no intimo.

O modernismo reformou, blindando corações, " agachando" as consciencias, num trabalho estranho de demolição, procurando acabar com tudo, nivelando as linhas, rectificando as sinuosas, indo essa avalanche aos corações, á indumentaria, dos costumes.

Uma mulher de hoje galvanizou o coração para a oxydação do Amor, cercou os olhos com a muralha negra do "kohl" para a impenetrabilidade das emoções, traçou o "zaimph", as "toilettes" farfalhantes para habituar os olhos masculinos á contemplação das fórmas, no todo de, expondo se, acabar com a illusão...

Eis o labor inconsciente que a mentalidade hodierna quer realizar, labuta que nos virá despedaçar, aniquilar, acabando com a fantasia.

Entre as soluções julgou encontrar para seu caso, alludiu-me a entrada para um convento ou o suicidio. Nem um, nem outro o resolverão.

— Recebe os meus emboras! E' muito digna de ti.

— Porém... e o noivo?

— Não tem noivo nem pensa nisso. Davam-na como noiva do promotor, que apenas a aprecia pelos dotes de corpo e alma. E' physicamente muito formosa, como sabes; moralmente, muito bella. Aprecio-a mas, affirmo-te, nunca me deu confiança!

— Jura!

— Ceci é bastante intelligente para se não deixar illudir! Disse-me outro dia a nossa patricia: — quem está em condições de casar com ella, deseja certamente conquistar o coração de outra menos pobre. Poderá pretendêl-a talvez algum viuvo velho que precise de alguma enfermeira! Não tem, por isso, illusões neste mundo; bem ao contrario, os desenganos já são muitos. Não pensa em casar. Para que pensar em tolices!? Sem amôr, affirmou-me, fóra desse sentimento delicado, não compreende a união de dois corpos e de duas almas para a mais intima communhão da vida... Vender-se a um velho rico só por dizer que não ficou solteira!?... Si fôsse obrigada a não ficar solteira e si se vendessem titulos de viuva, preferia comprar um titulo ou attestado de viuvez! Não quer casar só por causar inveja á outrem... Não! Prefere ficar assim. Deus a perdôe. Não é orgulho. Porém não quer. — Repito, pois: aprecio-a mas devo affirmar-te com sinceridade que nunca me deu confiança!

— Jura!

— Fóra de caçoada, juro!

— Estás sorrindo! Não quero que jures só com a bocca mas, tambem, com o coração!

— Silencio, homem feliz! Ahi vem a tua deusa.

— Está com ares de professora...

— Sim. Perdeu o pae. Perdeu os haveres. Hoje é pobre. Ensina letras humanas e bellas artes. E vive feliz, contente, trabalhando para amparar a mamãe. Contar-te-ei depois a historia della. Silencio!

Envolta em seu *lorencito*, saúda gentilmente os cavalheiros sem fixar a vista sobre nenhum dos dois:

— Bons dias!

— Bons dias, dona Ceci! Vossa excellencia dá-me licença de lhe apresentar meu amigo, e ex-collega de Academia, Julio Meira? E' de seu tempo em Porto Alegre.

A senhorinha estendeu-lhe a pequenina dextra e muito macia ao tacto. Julio apertou-lhe a mão com força e, com a voz firme, quenina dextra e muito macia ao

— Muita alegria em ver dona Ceci!

Ella só nesse momento procura vêl-o. Olha-o fixamente, sem pestanejar, e diz algum tanto commovida:

— Lembro-o...

E elle, mais animado:

— Outra coisa não vim fazer aqui senão me fazer lembrar...

Dá ella um agradavel sorriso. Dá elle demonstração de grande contentamento. O promotor com uma pontinha de malicia sente admiração pela memoria graphica de ambos.

* * *

Dentro de poucos dias, ferviiham interpretações mais ou menos dissimuladas acêrca do que poderia acontecer... mas as amiguinhas não disfarçam a tristeza dellas... e mais tarde anda na bocca de todas: quando a moça tem de casar, casa mesmo; e, ás vezes, até dá sorte um *lorencito vaqueano!*

HORMINO LYRA

Ingressando para um convento, irá aprisionar a sua carne, infringindo um dos mais divinos preceitos: "A arvore foi feita para produzir, e aquella que não der fructos deve ser cortada pelo tronco". Lá entre as monjas, seviciando os impetos da sua carnação moça, julgando servir a Deus, envolvida nas vestes de noviça, que lhes realçarão o perfil de santa, não olvidará o que ficou cá fóra: attrahil-o-á mais, pela pressão que exercerá para não o amar.

Quanto ao suicidio, você nem deve e nem tem o direito de pensar nelle. Uma mulher bonita é um patrimonio artistico pertencente aos estheteas, não podendo, por isso, ser alienado. A vida da mulher, abstrahindo o ponto de vista religioso, é de propriedade do homem; não que este tenha direito para a exterminar, mas para exaltal-a e fazer o culto que ella merece. O desapparecimento de uma mulher bonita repercute aos ouvidos daquelles que tomaram conhecimento delle como o ruido de grande catastrophe.

Por essas razões não tem a minha amiga que procurar sahir do labyrintho, tecido pelo seu sentimentalismo, por nenhum desses caminhos.

E' joven, rica e bella. Ame nos seus semelhantes os desajudados da Fortuna, todo o Amor dispensado áquelle cégo, que lhe não soube retribuir o affecto.

Pratique a Caridade, devasse os hospitaes, enverede pelos lares não auxiliados pelo Estado, procure desvendar o soffrimento dessas meninas que se estão fazendo moças e as aconselhe, para que não se arrependam, quando vierem a amar.

Vista o habito de seus lindos vestidos e sáia, irmã leiga, pelos bairros pobres á pratica da mais elevada das virtudes.

Com o tempo e o novo sacerdocio, esquecerá e ficará com o coração preparado para corresponder o Amor que tanto sabe inspirar. Ahi, então, casando, cumprirá as leis divinas, resolvendo o problema, mesmo porque um Amor só se cura com outro...

Beijo-lhe as mãos o admirador. — Ernesto.

ADONAI DE MEDEIROS

A MORTE DE SHERLOCK HOLMES

(SHERLOCK HOLMES) Por CONAN DOYLE

E' com o coração cheio de magua que pégo da penna para consagrar estas paginas á memoria do meu amigo Sherlock Holmes, recordando pela ultima vez os dotes excepcionaes que o distinguiram.

Embora por uma forma, deficiente ou defeituosa, tenho tentado fazer a narrativa dos extranhos casos em que me achei associado ao meu companheiro desde a occasião em que, pela primeira vez, um particular acaso nos approximou, para tratarmos da investigação que narrei na *Alliança de casamento*, até que elle teve de intervir no caso do *Tratado naval*, intervenção essa que, de passagem o faço notar, evitou com certeza amaçadora complicações internacionaes.

Sinto que a minha obra é imperfeita, incoherente mesmo, e tinha a firme intenção de não a proseguir deixando no silencio o acontecimento que produziu na minha vida um vacuo tão grande, que dois annos já passados, ainda pouco conseguiram preenchel-o.

Mas as cartas recentemente publicadas em que o coronel James Moriaty defende a memoria de seu irmão, obrigam-me a quebrar o projectado silencio, e sou forçado a expôr ao publico os factos taes quaes se passaram.

De resto sou eu a unica pessoa que conhece a verdade absoluta; e como nada mais haja a ganhar em escondel-a, chegou a hora de falar. Creio poder affirmar que os factos foram apenas dados a lume por tes documentos: o *Jornal de Genebra* de 6 de maio de 1891, um telegramma da *Reuter*, transcripto nos jornaes inglezes de 7 de maio, e finalmente as cartas recentes a que já alludi. Os dois primeiros eram muito succintos, o ultimo, porém, deturpava completamente os factos.

Vou proval-o, porque só a mim pertence o revelar á opinião publica os incidentes reaes e veridicos, passados entre o professor Moriarty e Sherlock Holmes.

Estarão lembrados, talvez, de que depois do meu casamento e da minha estreia como medico civil, se modificaram as relações de convivencia que até ali existiam entre mim e Holmes.

Vinha ainda ver-me de tempos a tempos, quando precisava de um companheiro para os seus inqueritos, mas essas occasiões tornaram-se cada vez mais raras, e em 1890 não me appareceu, que me lembre, senão umas tres vezes.

Durante o inverno desse mesmo anno e pelo começo da primavera de 1891, soube pelos jornaes que o governo francez tinha encarregado o meu amigo de uma missão da mais alta importancia; as duas cartas que elle me dirigiu de Narbonne e de Nimes, fizeram-m[e] suppor que a sua estada em França duraria bastant[e]. Fiquei pois, muito surprehendido de o ver entrar, [n]'lia 24 de abril á noite, no meu consultorio.

Notei immediatamente que estava mais pallido [e] mais magro do que de costume.

— Sim, disse elle, respondendo ao meu olhar [es]pantado mais do que ás minhas palavras, não ten[ho] tido cuidado commigo, e tenho vivido sobrecarregad[o] de trabalho. Ha algum inconveniente em que eu [fe]che as persianas?

O quarto era illuminado apenas pelo candieiro co[l]locado sobre a mesa em que eu lia.

Holmes foi andando, cosido com a parede até á janella, e com um movimento rapido fechou-a, cor[r]endo o ferrolho.

— Tem medo? perguntei.

— Tenho, sim.

— Medo de que?

— Das espingardas de ar comprimido.

— Que quer dizer com isso, meu caro Holmes?

— Creio que me conhece bastante, Watson, para saber que não sou uma creatura excessivamente me[e]drosa... mas parece-me que não ver o perigo quand[o] elle nos ameaça é uma prova de estupidez e não [de] coragem. Dê-me cá um phosphoro.

Accendeu o cigarro, e tirou algumas fumaças, que pareceram acalmar-lhe os nervos.

— Desculpe-me ter vindo tarde, e não me leve a m[al] tambem se logo, quando o deixar, me vir saltar p[or] cima do muro, ao fundo do jardim.

— Mas o que significa tudo isso?

Estendeu a mão e á claridade do candieiro, vi du[as] phalanges dos seus dedos, feridas e ensanguentad[as].

— Já vê que não exaggero nada, disse elle so[r]rindo; comtudo andei com sorte, porque o objecto q[ue] me attingiu poderia perfeitamente ter-me partido [a] mão. Está cá mrs. Watson?

— Não, foi visitar algumas amigas, com quem fic[ou].

— Está então sosinho.

— Pois bem, nesse caso, passo a não ter o minim[o] escrupulo em lhe pedir que venha commigo ao con[]tinente, e lá ficarmos oito dias.

— E onde vamos

— Oh! Pouco importa.

Tudo isto se tornava cada vez mais extranho. Holmes não era pessoa para se ausentar sem [um] motivo grave; a sua pallidez o cansaço que se notava nas feições, indicavam-me sufficientemente que tinha o systema nervoso no maximo da tensã[o]. Como visse a interrogação nos meus olhos, junto[u as] mãos, apoiou os cotovellos nos joelhos, e explicou-m[e]:

— De certo, me disse elle, nunca ouviu falar [do] professor Moriarty?

— Não, nunca.

— Pois é este precisamente o lado maravilhoso [da] questão. Esse homem enche Londres com suas [pa]çanhas, sem que ninguem desconfie delle. E' o q[ue] lhe dá primazia no *record* do crime. Juro-lhe Wats[on] que se pudesse deitar-lhe a mão e livrar a socied[ade] da sua presença, sentiria ter attingido o auge [da] minha carreira, e entraria de bom grado num vi[ver] socegado. Aqui entre nós, os ultimos casos em q[ue] tomei parte e os serviços que tive occasião de pres[tar] á Familia Real da Suecia, e á Republica Franc[eza] crearam-me uma situação financeira muito bo[a]; posso agora satisfazer os meus pacatos desejos, viv[er] dos meus rendimentos e consagrar-me inteiramente aos meus estudos de chimica. Mas, caro Watson, t[or]na-se absolutamente impossivel ficar descançado

assim repoltrado no meu *fauteuil*, emquanto um bandido, como é o professor Moriarty, passear livremente pelas ruas de Londres, sem que ninguem o inquiete.

— Mas o que é que elle fez?

— A sua carrira foi das mais extraordinarias. Nascido em excellente sociedade, recebeu optima éducação, e é dotado de faculdades muito especiaes para as mathematicas. Com vinte annos apenas publicava sobre o binomio de Newton um tratado cuja fama foi universal e que lhe valeu uma cadeira de mathematica numa das nossas universidades de segunda ordem. Parecia pois ter deante de si um brilhante futuro. Infelizmente, trazia no sangue, por atavismo, os instinctos mais viciosos, que, longe de se attenuarem, mais se foram desenvolvendo; esses deploraveis instinctos ajudados pelas suas poderosas faculdades intellectuaes, fizeram delle um ser excepcionalmente perigoso.

Na propria cidade universitaria começaram a circular a seu respeito os mais desagradaveis boatos, e teve finalmente de renunciar á sua cadeira e estabelecer-se em Londres, onde se tornou preparador da Escola Militar.

Eis o que o publico conhece a seu respeito; mas falta-me dizer-lhe aquillo que só eu dscobri.

Como sabe, Watson, ninguem melhor do que eu penetrou no alto mundo do crime de Londres; ora, ha muito que estou convencido que existe atraz do malfeitor um poder occulto, uma especie de força maravilhosamente combinada, que destróe sempre o effeito da lei, e cobre o culpado com o seu escudo.

Muitas vezes, e nos mais variados casos, falsificações, roubos, assassinatos, senti a presença dessa força, segui a sua acção em muitos crimes que ficaram ignorados e para os quaes eu não tinha sido pessoalmente consultado.

Durante annos tentei a profundar o mysterio, e cheguei por fim a encontrar uma pista, que segui através de mil derivações; essa pista, descobri agora, ia dar ao ex-professor Moriarty, o celebre mathematico. E' elle, meu caro Watson, o Napoleão do crime; para mim personifica o instigador da metade dos crimes commettidos nesta capital, e de quasi todos os que ficam impunes.

E' um genio, um philosopho, um grande pensador, tem um cerebro maravilhosamente organizado. Fica immovel no centro da sua teia, mas essa tem mil ramificações, e elle recebe as vibrações de cada um.

Por si proprio, pouca coisa faz; limita-se a traçar os planos de operação para os seus agentes, tão numerosos quanto admiravelmente educados.

Ha qualquer crime a commetter, um papel para substituir, uma casa para roubar, um homem para fazer desapparecer? Logo o professor é disso informado; combina o ataque; e o crime executa-se rapidamente. Póde ser que seja apanhado o executor do crime; nesse caso paga-se largamente a sua fiança e a sua defesa; mas o poder central de onde proveiu o agente, nunca se sente attingido, nem é mesmo suspeitado.

Foi essa organização meu caro Watson, que eu descobri; para destruil-a, tive de empregar toda a minha energia. O professor tinha-se rodeado de uma guarda habilmente escolhida, e contra a qual se perdiam todos os meus esforços.

Nunca chegava a reunir provas sufficientes para fazer condemnar o meu homem perante a justiça. Conheces as minhas faculdades; pois bem, meu caro amigo, no fim de tres mezes, tive de reconhecer que achara na pessoa do meu antagonista, se não um mestre, pelo menos um emulo.

O horror que me inspiravam os seus crimes desapparecia deante da admiração que provocava em mim a sua habilidade. Felizmente deu um passo em falso muito pequeno, é certo, mas que consituia um grave erro, no proprio momento em que eu mais apertava com elle.

A occasião era optima; deitei-lhe a mão, e comecei immediatamente a estender a minha rede em volta delle. Dentro de tres dias, quer dizer, na proxima segunda feira, estará o fructo em condições de ser colhido, e o professor com a sua malta cahirá nas mãos da policia.

E então assistiremos ao maior processo crime do seculo e teremos a explicação de uns quarenta casos que ficaram mysteriosos. Mas comprehende que se nos apressamos demasiadamente, escapam-se-nos das mãos, mesmo á ultima hora.

O meu sonho seria chegar ao fim sem pôr de sobreaviso o professor Moriarty. Infelizmente elle é esperto de mais para que lhe escape qualquer coisa. Seguia cada movimento que eu fazia para o cingir nas minhas malhas; muitas vezes tentou escapar-se, mas sempre o tornei a apanhar.

Se eu contasse os pormenores deste surdo combate, meu caro doutor, elle ficaria sendo considerado, estou certo, como uma das epopeias mais brilhantes dos annaes da policia.

Tive de empregar todas as munições, desenvolver todos os meus recursos; mas tambem nunca tinha encontrado um adversario tanto para temer. Sempre que elle me atirava um golpe violento, eu desviava-o immediatamente.

Esta manhã tinha tomado as minhas ultimas disposições, bastavam-me tres dias para levar o caso a bom termo. Scismava precisamente sobre o assumpto, no meu quarto, quando de repente a porta se abriu e deu passagem ao... professor Moriarty em pessoa. Tenho os nervos solidos, bem o sabe; comtudo, estremeci ao ver deante de mim o homem que ha tanto tempo me preoccupava. Conhecia-o perfeitamente. Alto, delgado, com uma testa abaulada e muito proeminente, e os olhos muito encovados; tem uma cara livida, e completamente barbeada, que lhe dá a apparencia de um asceta, conservando lhe, todavia, o typo de professor. Os seus hombros estão curvados pelo estudo e a cabeça pendida para deante oscilla para a direita e para a esquerda como a dos reptis. Os seus olhos engelhados fixaram-se em mim com curiosidade.

—" O seu desenvolvimento frontal é menor do que eu julgava, me disse elle. Depois accrescentou:

"— Não é bom habito trazer armas carregadas na algibeira.

"A verdade é que eu desde a sua entrada tinha comprehendido quanto a minha situação era critica. Agora para elle, o unico recurso era tapar-me a bocca por qualquer modo. Sem perder um segundo, tinha feito passar o meu revólver da gaveta para a algibeira, dissimulando-o como pude com a roupa. Ven-

(*Cont. na pag. seguinte*)

do-me porem descoberto, puz a arma em evidencia sobre a mesa.

"Elle continuou a sorrir e piscou os olhos; mas com uma tal expressão, que me senti contentissimo de ter essa arma ao meu alcance.

"— Não me conhece, é claro, disse elle.

"— Pelo contrario; conheço-o perfeitamente, retorqui. Queira sentar-se; disponho de cinco minutos para lhe falar, se quizer.

"— Já adivinha decerto o que tenho a dizer-lhe.

"— E' provavel tambem que adivinhe a minha resposta.

"— Então continúa no seu proposito?

"— Absolutamente.

"Levou a mão á algibeira emquanto eu pegava rapidamente no meu revólver que estava sobre a mesa. Mas elle limitou-se a abrir uma carteira onde estavam rubricadas algumas datas.

"— O senhor encontrou-se no meu caminho no dia 4 de janeiro, disse elle. A 23 incommodou-me; em meados de fevereiro causou-me um serio prejuizo; nos fins de março desmanchou completamente os meus planos. E agora, em fins de abril, a sua perseguição incessante attenta contra a minha liberdade. A situação é insustentavel.

"— Tem alguma proposta a fazer-me? perguntei.

"— Sim, aconselho-o a que pare, Holmes, respondeu elle meneando a cabeça. Faria bem si se deixasse ficar por ahi, bem o sabe.

"— Isso só depois de segunda-feira, repliquei.

"— Está bem, está bem, volveu elle. Um homem com a sua intelligencia deve comprehender que não ha se não uma maneira de acabar com isto: é o senhor retirar-se.

"Confesso, proseguiu elle, que a habilidade de que deu prova, foi para mim um verdadiro prazer intellectual, e ser-me-ia realmente penoso chegar a uma medida extrema. Está a sorrir? Pois olhe, asseguro-lhe que não brinco.

"— Estou, pela minha profissão, habituado ao perigo, respondi.

"— Não se trata de perigo, disse elle, mas de morte certa. Não contente com o atacar um só individuo, o senhor metteu-se a guerrear uma poderosa organização, da qual, não obstante a sua habilidade, está longe de conceber a importancia.

"Tem de me deixar em paz, sr. Holmes ou acontecer-lhe-á desgraça.

"— O interesse da sua conversa, disse eu levantando-me, faz-me esquecer que um assumpto importante me reclama em outro ponto.

"Levantou-se tambem e olhou-me em silencio; depois, abanando a cabeça tristemente, disse:

"— Emfim, é desagradavel! Tenho entretanto a consciencia de lhe ter feito o necessario aviso; conheço minuciosamente o seu plano de ataque: ser-lhe-á impossivel executal-o antes de segunda-feira. Provoca-me em duello, sr. Holmes, e esperava ver-me assentado no banco dos réos, mas desengane-se, nunca lá me verá. Imagina que me vencerá? Pois desilluda-se. Se é sufficientemente habil para me perder, creia que lhe reservo a mesma sorte.

"— Enche-me de elogios, sr. Moriarty disse eu. Por minha vez quero affirmar-lhe que se eu tivesse a certeza de o aniquilar, não hesitaria, no interesse de toda a gente, em sacrificar-me.

"— E eu posso prometter-lhe que será o senhor quem succumba, e não eu, respondeu-me.

"Depois voltou-me as costas e foi-se embora, piscando os olhos.

"Tal foi, meu caro amigo, a minha singular entrevista com o professor Moriarty.

"Confesso que della me veio uma impressão mais desagradavel, do que se estivesse tratando com um malandrim qualquer, pois a sua maneira de falar branda e firme, revelava-me uma vontade a toda a prova.

"Perguntar-me-á, não é verdade, porque é que não lanço contra elle a policia? E' bem simples a razão: tenho a convicção de que o golpe será levado a effeito por um dos seus agentes e essa convicção baseia-se em prova.

"— Já foi então atacado?

"— Meu caro Watson, o professor Moriarty não é homem a quem cresça a herva debaixo dos pés. Sahi ao meio dia para tratar de um pequeno negocio em Oxford Street. No momento em que eu dobrava a esquina de Bentinck Street, para entrar em Welbeck Street, uma zorra puxada por dois cavallos lançada a trote largo, desembocou subitamente, e veiu direito a mim, num abrir e fechar de olhos. Dum pulo puz-me no passeio; um instante mais e estava perdido. A zorra enfiou immediatamente para a rua Marylebone e desappareceu em seguida. Segui pélo passeio, mas no momento em que descia Vere Street, uma telha solta de um telhado veiu despedaçar-se aos meus pés. Preveni a policia, fez-se uma busca na casa, acharam no telhado ardosias e telhas empilhadas para qualquer reparação, e persuadiram-me que teria sido o vento que fizera cahir uma.

"Eu sabia perfeitamente do que se tratava, mas não podia fornecer prova alguma. Tomei então um carro, e fui a casa de meu irmão em Pall Mall. Passei o dia com elle e deixei-o para vir aqui. No caminho fui atacado por um malandro armado de cacete. Preguei com elle no chão, a policia prendeu-o mas, pode estar certo, não encontrarão nenhuma correlação entre o individuo cujos dentes me feriam os dedos, e o professor de mathematica que escreve muitos x x, num quadro negro bem longe de aqui.

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 ») .... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 ») .... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 115$000
Semestre (26 ») .... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso — THESOUREIRO: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A

Representante na Europa:

E. Bourdet & Cia. 9, Rue Tronchet, Paris — 19, 21, 23 Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ..... 1$500

POMADA ADRENO STYPTICA MIDY

SUPPOSITORIOS ADRENO STYPTICOS MIDY

Ao levantar-se

V. Sa. desfaz-se da modorra com o primeiro espreguiçamento, ou sente-se prostrado o dia todo?

Eis um symptoma commum de entorpecimento intestinal! Essa paralysação intestinal é prisão de ventre, que precisa ser combatida, para evitar males mais graves. O antiacido-laxante ideal, que abranda o canal digestivo sem o irritar e extermina todos estes symptomas:

PRISÃO DE VENTRE
indigestão, flatulencia, acidez, ardor, vomitos, arrotos agros, gazes, etc.

LEITE DE MAGNESIA DE *Phillips*

O antiacido-laxante ideal

SE NÃO É PHILLIPS. NÃO É LEGITIMO!

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98 — Rio | S. Bento, 35 — S. Paulo